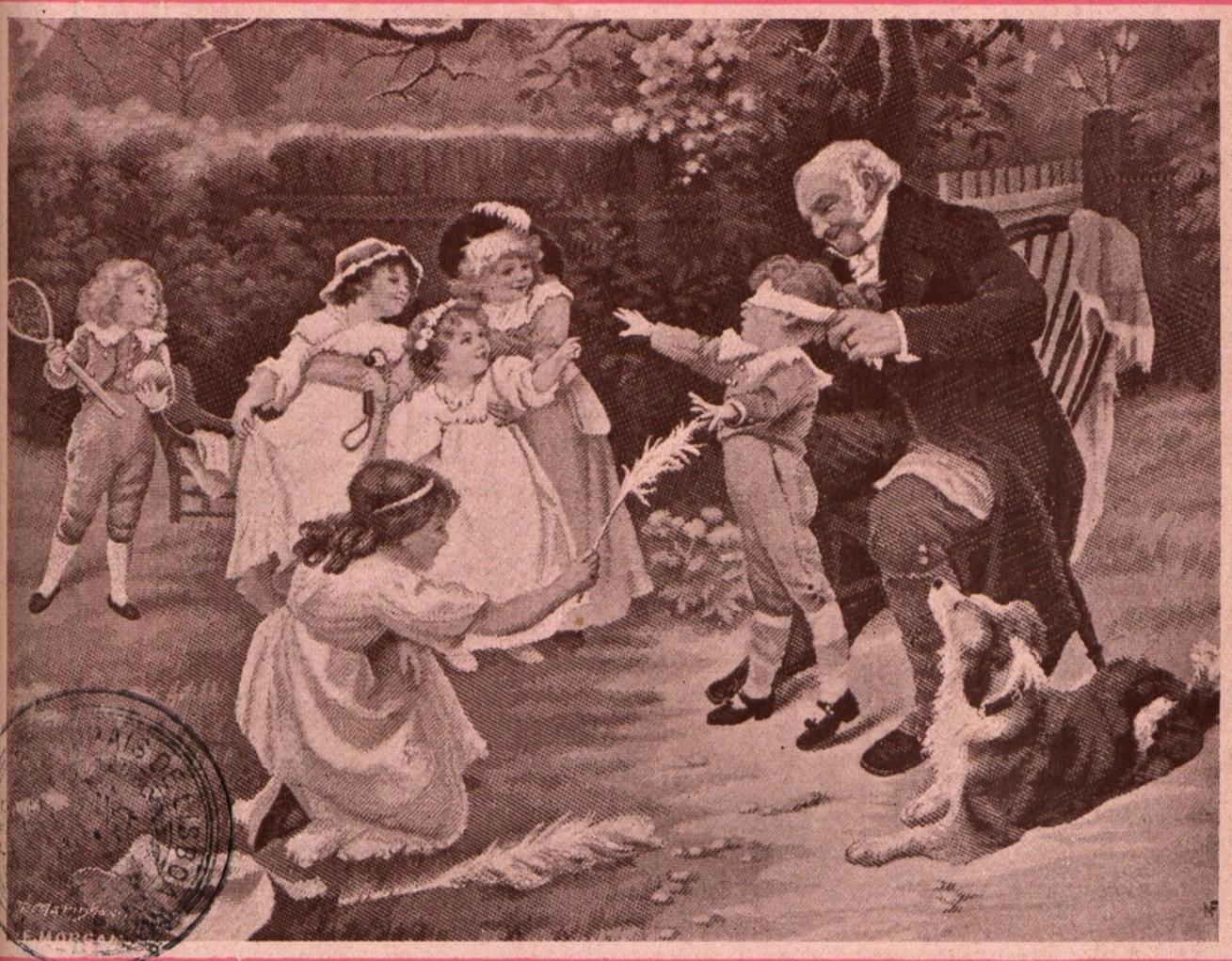


COMPRA  
- ABR. 1940

# SERÕES



LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

**N.º 48 — JUNHO**

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Anuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

# PARQUE VACCINOGENICO DE LISBOA

FUNDADO EM 1888

**Vaccina animal contra as bexigas—Verdadeiro cow-pox**

30, Avenida D. Amelia, 30

Proprietario e Director: **CARLOS MONIZ TAVARES**

Endereço telegraphico: **Vaccina**

Numero telephonico: **548**

Os animaes que servem á producção da vaccina, escrupulosamente escolhidos, só são inoculados depois de estarem uns dias em observação e adquirida a certeza do seu bom estado sanitario.

A vaccina, antes de ser posta á venda, em tubos ou placas, soffre exame bacteriologico e ensaios clinicos, de modo a poder assegurar-se a sua pureza e efficacia.

Tubos ou placas com vaccina para 1 a 5 pessoas . . . . .	500 réis
Tubos ou placas com vaccina para 10 pessoas . . . . .	300 »
Frascos com vaccina para 50 pessoas . . . . .	4\$000 »

A vaccina deve ser empregada tal como está nos tubos ou placas sem addicionamento de substancia alguma.

A vaccina deve ser conservada ao abrigo da luz e da humidade e em local cuja temperatura não exceda 20° centigrados, sob pena de se attenuar a sua virulencia.

Vacinações no Parque, em todos os dias uteis, das 2 ás 4 horas da tarde . . . . .	1\$200 réis
A's quartas feiras, vacinações com vaccina tirada da vitella, com o animal á vista . . . . .	2\$000 »

*Preços especiaes para vacinações em collegios*

FORNECIMENTOS PARA CAMARAS MUNICIPAES

Para **Africa e Brazil**, acondicionamento especial de fôrma a assegurar a chegada da vaccina ao seu destino em perfeito estado de conservação e efficacia.

Todos os pedidos de vaccina feitos pelo correio ou por telegramma, são satisfeitos immediatamente, seja qual fôr a quantidade

**Proprietaria:** Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Anuario Commercial**, Praça dos Restauradores, 27.

**Os SERÕES**, perante a enorme desgraça que acaba de ferir os desventurados do Ribatejo com o ultimo abalo de terra, associam-se commovidamente ao luto da nação por tão immenso cataclismo, dedicando as mais sentidas lagrimas de pesar e piedade á memoria das victimas.

## Summario

### MAGAZINE

	PAG.
COMBATE DE GALLOS (Frontespicio) . . . . .	438
O OPHIDISMO NO BRAZIL (17 illustrações e 1 vinheta) por BRUNO RANGEL PESTANA . . . . .	439
A CAMINHO:.. (Versos) por JOAQUIM MAGALHÃES . . . . .	445
COSTUMES POPULARES DA ILHA TERCEIRA — OS MANTOS (9 illustrações) por FAUSTINO DA FONSECA . . . . .	446
UM CORDEIRO EM PELLE DE LOBO (3 illustrações e 1 vinheta) por PERCY REINGANUM, versão de CELIA ROMA . . . . .	451
A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL (5 illustrações e 1 vinheta) por ALBRECHT HAUPT . . . . .	459
ESCULPTURAS DA SENHORA DUQUEZA DE PALMELLA (3 illustrações) . . . . .	464
PINTURAS DA SENHORA D. EMILIA DOS SANTOS BRAGA (3 illustrações) . . . . .	465
PARQUE VACCINOGENICO DE LISBOA (3 illustrações) . . . . .	466
ALMA DE POETA (1 vinheta) por ALINE CUNHA . . . . .	469
A CACHOEIRA (Versos) por MOREIRA CARDOSO . . . . .	470
SOCIEDADE MARTINS SARMENTO (5 illustrações) por ANTONIO GUIMARÃES . . . . .	471
SONETO por CELESTINO MONTEIRO . . . . .	477
OS BASTIDORES DO NIHILISMO (2 vinhetas e 1 illustração) traducção do inglez por EDUARDO DE NORONHA . . . . .	478
ROOSEVELT (10 illustrações e 1 vinheta) por ALFREDO MESQUITA . . . . .	485
A MUSICA DO MAR (Versos) por CARLOS AFFONSO DOS SANTOS . . . . .	492
A ESCOLA DO LAR (1 vinheta) por F. ADOLPHO COELHO . . . . .	493
COSTUMES POPULARES (1 illustração) . . . . .	496
CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR (2 illustrações e 1 vinheta) por M. A. . . . .	497
O CABELLO DA PRINCEZA ROSABELLA (2 illustrações) . . . . .	500
SOROR M. (Versos) de RAUL AUGUSTO ESTEVES . . . . .	504
ECCOS E REFLEXOS (48 illustrações) . . . . .	505
LIVROS NOVOS . . . . .	524

### A MUSICA DOS SERÕES

RIDENTE, por CARLOS STUART TORRIE . . . . . 4 pag.

DIRECTOR LITTERARIO  
Eduardo de Noronha

# Serões

ADMINISTRADOR  
Caldeira Pires

Propriedade da **LIVRARIA FERREIRA**

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

**Praça dos Restauradores, 27**

**LISBOA**

(PASSAGEM DO ANUARIO COMMERCIAL)

Telephone 805

## ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina . . . . .	6\$000 réis	1 pagina . . . . .	70\$000 réis
1/2 pagina . . . . .	3\$500 »	1/2 pagina . . . . .	40\$000 »
1/4 pagina . . . . .	2\$000 »	1/4 pagina . . . . .	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Pequenos annuncios: 5 linhas, em columna de 1/3 da largura de pagina, 500 réis cada inserção.

## Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha....	Anno . . . . .	2\$200 réis
	Semestre . . . . .	1\$200 »
	Trimestre . . . . .	800 »
Para o Brazil (moeda fraca) .....	Anno . . . . .	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro...	Anno . . . . .	15 fr.

**NUMERO AVULSO, 200 RÉIS**

ADMINISTRAÇÃO DOS **Serões**

**Praça dos Restauradores** (Passagem do Anuario Commercial) **27**

Telephone **805**

**LISBOA**



**A Nacional** Companhia Portuguesa  
de Seguros de Vida

RUA DO ALECRIM, 7—LISBOA

Sociedade anonyma  
de  
responsabilidade limitada

Fundada em 17-4-906  
e auctorisada por portaria  
de 3-1-908

CAPITAL: 500:000\$000 réis

RESERVAS: 42:216\$180 réis

Seguros em caso de vida e em caso de morte  
Seguros populares a premios semanaes  
Seguros contra desastres pessoaes e seguros de viagem

Prestam-se todas as informações verbalmente  
das 10 horas da manhã às 6 horas da tarde, na séde da Companhia  
ou por escripto na volta do correio

DIRECTOR, Fernando Brederode — SUB-DIRECTOR, José A. Quintella

**D. JOÃO DE CASTRO**

# JORNADAS NO MINHO

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

Impressões, aventuras e travessuras de dois excursionistas meridionaes

1 vol. in-8.<sup>o</sup> com perto de 400 pag. } Brochado . . . . . 600 réis  
} Cartonado . . . . . 700 »

ANTHERO DE FIGUEIREDO

## RECORDAÇÕES E VIAGENS

SUMMARIO: Gosto de recordar—Na City—Três cemiterios italianos—Uma casa minhota—Na Franconia—Nas aguas de Capri—O Bom-Jesus-do-Monte—Entre Southampton e Vigo—Uma aldeia espiritual (Assis)—Lisboa—O mosteiro do Canigou—O Minho pesaroso—O Valle de Tet no Rossilhão—Unhaes da Serra—Davos-Platz—Uma tarde em Biarritz—Nos Avants—Um amigo da sua terra—Paginas de um «Blod-notes»—Post-Scriptum.

Um volume in-8.<sup>o</sup>, brochado, 600 réis

**Livraria Ferreira** — 132, Rua do Ouro, 138 — **Lisboa**

## Poeira de Paris

POR

JUSTINO DE MONTALVÃO

1 volume, com prefacio de Guerra Junqueiro — 500 réis

**LIVRARIA FERREIRA**, Rua do Ouro, 132 a 138 — LISBOA

Typographia  
DO  
**ANNUARIO**  
**COMMERCIAL**

DE PORTUGAL

Propriedade de **MANOEL JOSÉ DA SILVA**

≡ OFFICINA TYPOGRAPHICA ≡

Movida pela electricidade — Instalação apropriada

*Executam-se trabalhos typographicos em todos os generos, e mui especialmente os que dizem respeito ao commercio, como facturas, memoranduns, livros de escripturação, etc., garantindo-se perfeito acabamento e modicidade de preços.*

Reprodução de planos. Cartas Geographicas.  
Laminas e pergaminhos antigos. Quadros a oleo e aguarella  
em tamanho natural, ampliado ou reduzido

≡ ESCRITORIO E OFFICINAS ≡

**Praça dos Restauradores, 27 (PALACIO FOZ)**

≡ CALÇADA DA GLORIA, 5 ≡

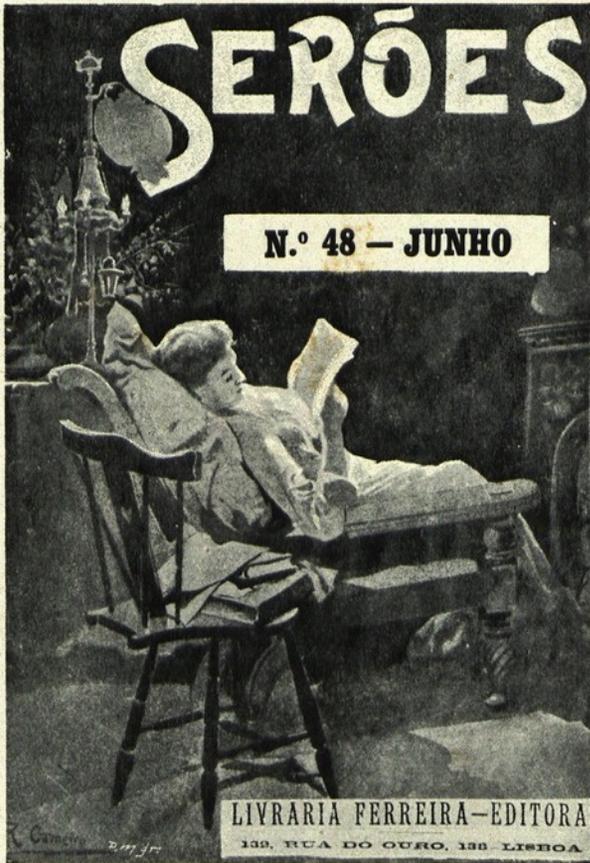
Telephone 1:239



**LISBOA**

# SERÕES

N.º 48 — JUNHO



LIVRARIA FERREIRA-EDITORIA

139, RUA DO OURO, 138 LISBOA



COMBATE DE GALLOS



COBRIL — COBRAS EM LIBERDADE

## O ophidismo no Brazil

As mais temiveis cobras brasileiras — Meios de combater-lhes os effeitos do veneno — Os seruns anti-ophidicos



PARA a maior parte dos europeus, o Brazil não é só a famosa «terra da arvore das patacas», que tantas phantasias creou; é tambem «a terra das serpentes» que enche de pavôr a gente do povo. Certo, o grande paiz sul-americano, longe está de ser uma outra India, onde legiões de ophidios traçoeiros causam annualmente horriveis hecatombes. Mas não se pôde negar que nas mattas brasileiras existem numerosas cobras que victimam não poucas pessoas e constituem um justificado terror para os estrangeiros.

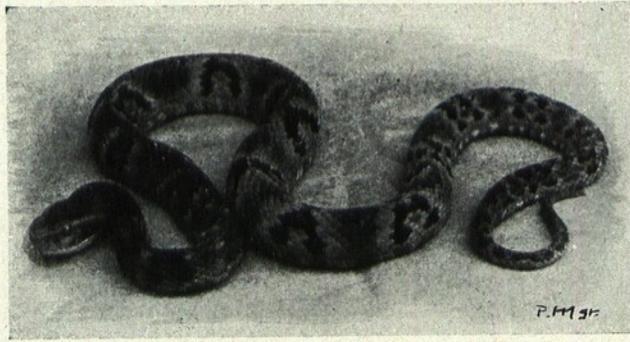
Querem os leitores conhecer alguns dos mais temiveis ophidios do Brazil? Pois vamos-lhes apresentar os mais interessantes que tivemos occasião de estudar no Instituto Serumtherapico do Estado de S. Paulo, — estabelecimento scientifico que consagra especial attenção aos meios de combater o ophidismo.

Uma das cobras mais perigosas é a *surucutinga*, ou *surucúcú pico de jaca*, denominada scientificamente *Lachesis mutus*. Vive nos Estados do Norte. Espécie bem grande, chega a medir 2<sup>m</sup>,40 e pesar 5:600 grammas, como um exemplar que examinámos. Tem uma côr amarellada ou rozea, em uma

serie de manchas pardas romboi-daes. Notabilisa-se pela quantidade de veneno que produz.

A especie que determina mais accidentes é a *Lachesis lanceolatus* ou a verdadeira jararaca. Habita em todo o Brazil.

Vive nas capoeiras e distingue-se pela sua ligeireza. Sua côr varia muito de um fundo



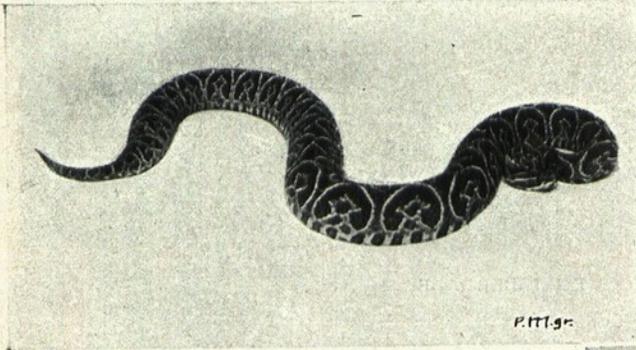
LACHESIS LANCEOLATUS — Jararaca, Jararacuçu

abundante. Possui pouco veneno.

A *Lachesis atrox* vulgarmente conhecida por jararaca ou jararacuçu é rara no Estado de S. Paulo. Côr parda com listas transversaes, ou com manchas triangulares, cujos vertices são

muito proximos da columna vertebral. Seu veneno é muito activo, tendo uma acção digestiva intensa sobre os tecidos: chega a amputar o membro ferido.

A *Lachesis jararacuçu*, a verdadeira jararacuçu, tem no Rio de Janeiro o nome de *surucucu tapete*. E' conhecida tambem por *urutu dourado*. Attinge grandes dimensões: já vimos um exemplar que media 2<sup>m</sup>,20. Apresenta, sobre um fundo preto, um desenho em fórmula de dentes de serra, de côr amarella.

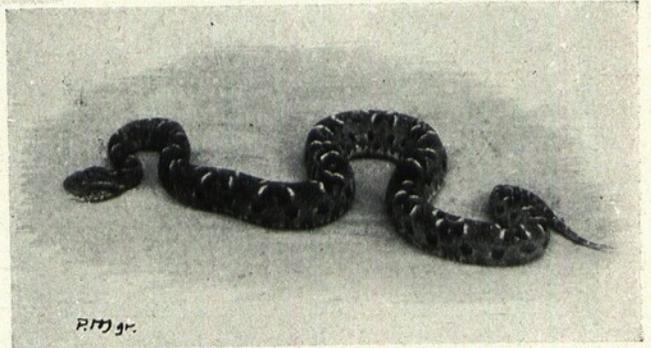


LACHESIS ALTERNATUS — Urutu, Cruzeiro, Cotiára

verde bem escuro, cinzento, ou pardo e algumas vezes amarellado, destaca-se de cada lado um desenho de côr preta, em fórmula angular.

A *Lachesis alternatus* tem os nomes vulgares de *urutu*, *cruzeiro* ou *cotiára*. Habita só ao sul do Brazil. E' de uma côr parda marcada elegantemente de largos CC collocados em pares, ou alternados. Tem na cabeça um desenho que o povo acha parecido com uma cruz. O seu veneno é o mais hemorragico.

A *Lachesis neuwiedi* é chamada em alguns lugares *jararaca* e em outros *urutu*. De côr amarellada ou parda pallida, com manchas pardas, formando uma serie simples ou alternada. Pouco

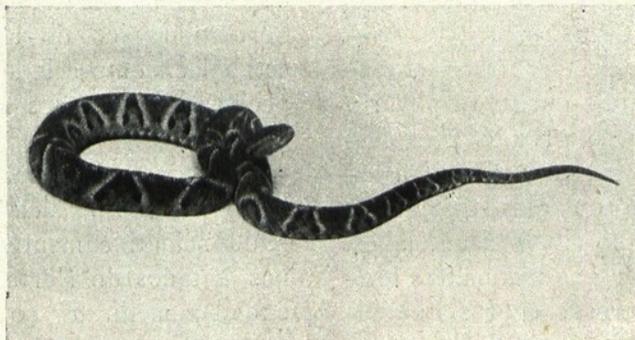


LACHESIS NEUWIEDI — Urutu, Jararaca

Habita os bosques e mattas á beira dos grandes rios. Muito rara no Estado de S. Paulo.

Perigosa não só por produzir grande quantidade de veneno, como pelos efeitos d'elle: exerce acção fortissima sobre os tecidos, amputando o membro ferido.

A' *Lachesis itapetingæ* o povo chama de *coatiarina* ou *boipera*.

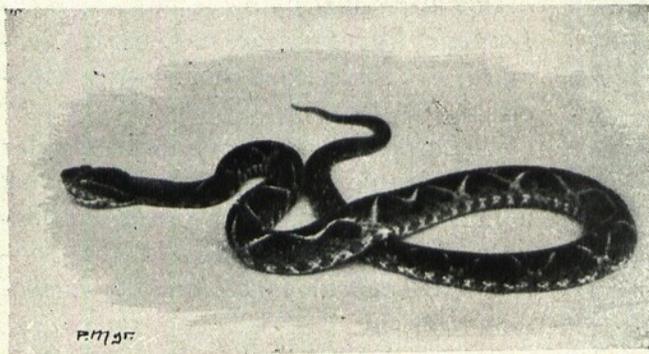


LACHESIS ATROX — Jararaca, Jararacuçu

Especie muito rara classificada pelo nosso mestre dr. Vital Brazil. Pequena, caracterisa-se por uma côr de terra amarellada em

pecies, entre ellas a *Elaps corallinus* e a *Elaps frontalis*. Vulgarmente conhecida por *coral*, esta torna-se notavel pela belleza dos seus aneis pretos e vermelhos e pelo seu brilho. Muito perigosa, pois produz bastante veneno de intensa actividade.

Estas duas ultimas especies tornam-se mais perigosas porque se parecem muito com as falsas coraes, que não são *venenosas*. Por isso, quem não as conhecer deverá evitar pegal-as, pois pôde ser mordido por ellas, tomando-as por falsa coral. Não receiem, entretanto, em de-



LACHESIS JARARACUÇU — *Jararacuçu*

cima, com manchas pretas ovas ou quadrangulares. Tem pouco veneno, porém activo.

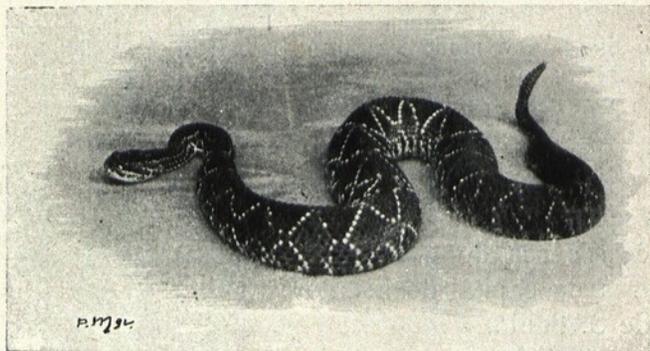
Além d'estas especies, existem ainda pertencendo ao genero *Lachesis*, a *Lachesis biliniatus*, *Lachesis lansbergii* e *Lachesis castelnandii*, cujos venenos ainda não foram estudados pelo Instituto Serumtherapico.

A *Crotalus terrificus* habita em todo o Brazil. Conhecida por *cascavel* ou *boicininga*, é uma das especies mais terriveis, por ter um veneno muito activo. Vive nos campos e serrados. Destingue-se de todas as outras por ter na extremidade da cauda um guizo, que o animal agita quando se irrita, produzindo um barulho estridente.

De côr parda, com uma serie de manchas romboidaes escuras, mais clara ao centro.

O povo costuma dizer que cada anel do guizo corresponde a um anno de idade d'essa cobra, porém, tal crença não se baseia na verdade.

No genero *Elaps* existem diversas es-



CROTALUS TERRIFICUS — *Cascavel, Boicininga*

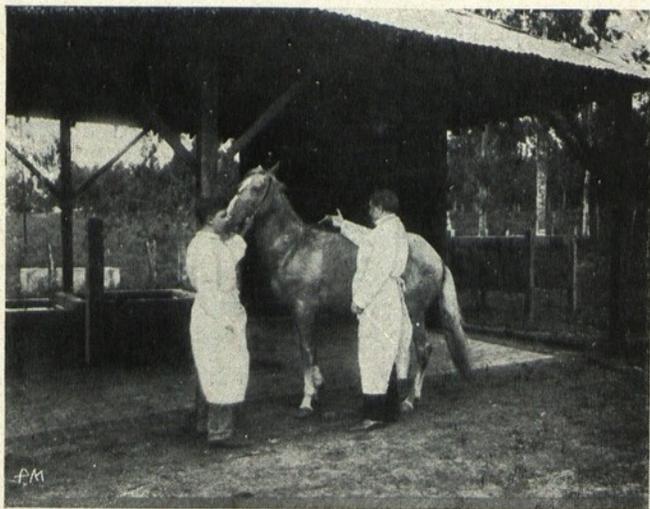
masia, uma aggressão d'essa povorosa serie de ophidios peçonhentos, com que acabam de travar conhecimento. E' que já se descobriu o meio de evitar os males que elles causam, fazendo numerosas victimas.

Um illustre medico brasileiro, o dr. Vital Brazil conseguiu fabricar um *serum* que combate victoriosamente os venenos de todos esses terriveis inimigos do genero humano.

Para o preparo d'esse medicamento existe no Estado de S. Paulo, um instituto, sob a direcção do dr. Vital Brazil. Fica situado em uma bella cháçara denominada Butantan, á margem



O DR. VITAL BRAZIL, DIRECTOR DO ESTABELECIMENTO, PROCEDENDO A EXTRACÇÃO DO VENENO OPHIDICO

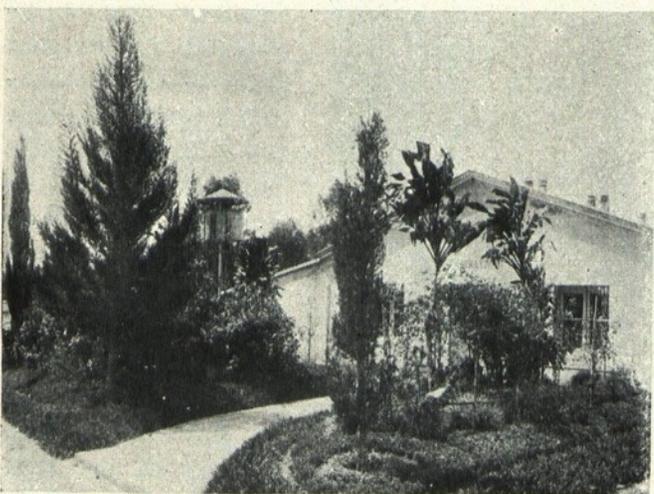


O DR. DORIVAL DE CAMARGO  
PENTEADO INJECTANDO O  
VENENO OPHIDICO N'UM  
ANIMAL

esquerda do rio Pinheiros e a cêrca de 9 kilometros da capital do Estado de S. Paulo.

Além dos seruns anti-peçonhentos, prepara o Instituto o serum anti-pestoso e o anti-diphtherico, a vaccina anti-pestosa, a tuberculina bruta e T. O. A. Occupa-se tambem de estudos scientificos sobre serumtherapia em geral e bacteriologia.

A extracção do veneno é feita de 15 em 15 dias, tempo necessario para que as cobras o elaborem outra vez.



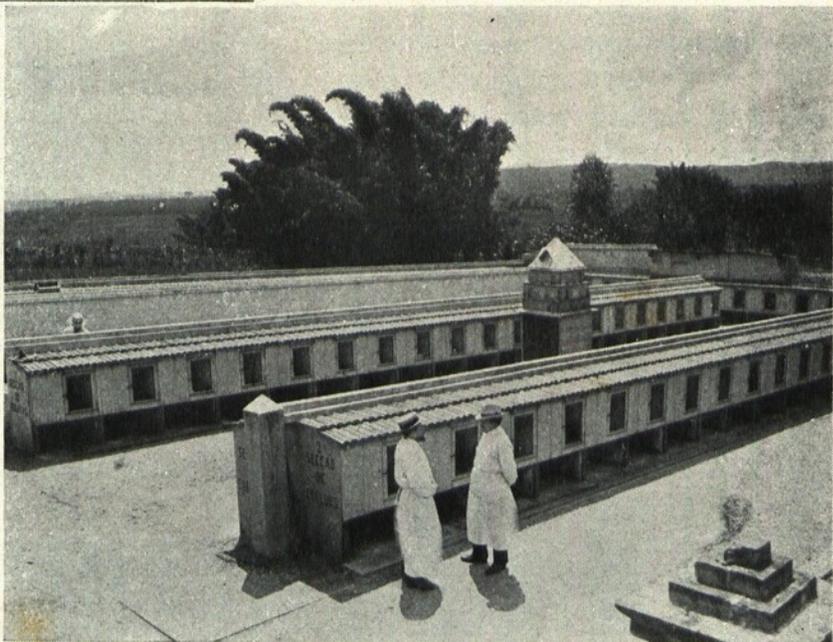
LABORATORIO

Como se procede á extracção?

Isto está bem claro na gravura que illustra este artigo.

Logo depois de extrahido, o veneno é liquido; de côr branca leitosa, o da *Lachesis itapetiningæ* e *Crotalus terrificus*, e amarello o das outras especies.

A *Lachesis mutus* é que fornece maior quantidade de veneno. Em seguida, vêm a *Lachesis jararacuçu*, a *Lachesis alternatus*, a *Lachesis atrox*, a *Elaps frontalis*, a *Lachesis lanceolatus*, a *Lache-*



COELHEIRAS E COBAYEIRAS

*sis neuwiedii* e por ultimo a *Lachesis itapetiningæ*.

Emquanto á actividade e á acção physiologica, hemolytica, proteolytica e coagulante dos venenos, varia isso de uma especie a outra. O de cascavel é o mais activo de todos, pois 1 gramma mata um milhão de pombos. Na acção hemorragica salienta-se o da urutú. O da jararacuçu e o da *Lachesis atrox* têm uma acção local muito grande.

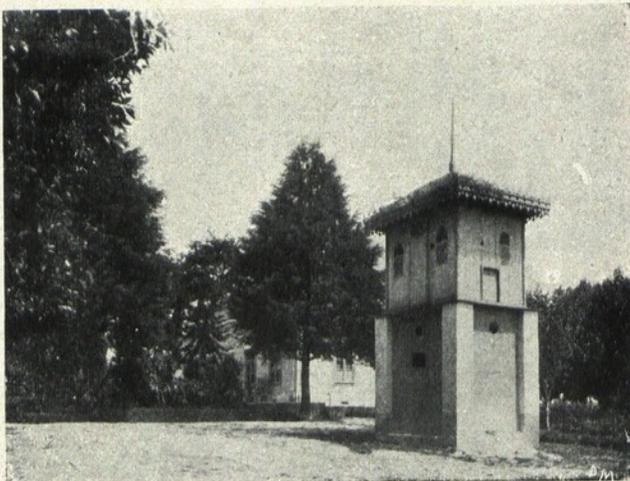
Uma vez extrahido o veneno, filtra-se e leva-se á estufa para seccar. Na media, 1 cc. de veneno liquido dá  $\frac{1}{3}$  de veneno secco.

Quando temos de fazer injeccões nos animaes, dissoiemos o veneno em agua physiologica (solução de sal de cozinha a 7 por 1:000).

Prepara o Instituto Serumtherapico do Estado de S. Paulo, em Butantan, três qualidades de seruns anti-peçonhentos:

O *anti-crotalico*, fornecido por animaes immunisados com veneno de cascavel e applicado nos casos de mordedura por cascavel;

O *anti-boltropico*, fornecido por animaes immunisados com o veneno de *Lachesis lanceolatus*, *Lachesis alternatus* e *Lachesis atrox*, e applicado nos casos de mordedura por jararaca, urutú e *Lachesis atrox*;

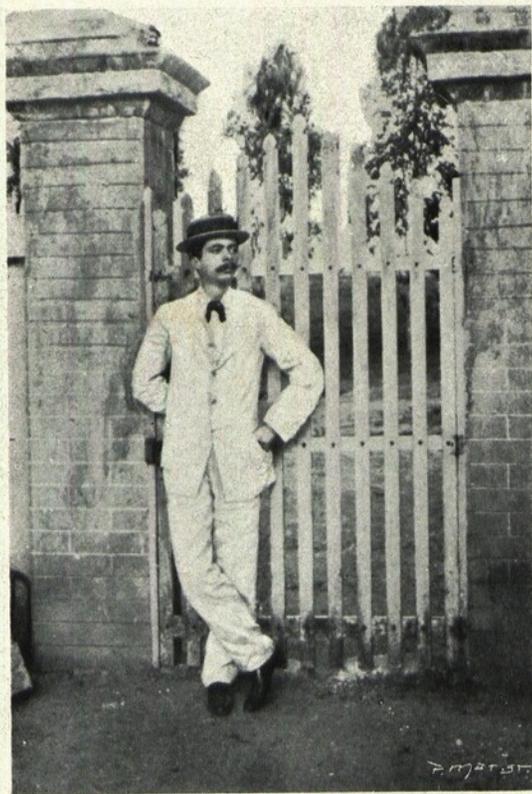


JARDIM E POMBAL

tem de fornecer o serum, principiamos a injectar debaixo da pelle, doses muito pequenas e vamos augmentando-as progressivamente, até chegarmos a injectar maiores, como a de 2:500 grammas. Esta dose é capaz de matar 2:500 animaes e no entanto, o animal immunisado resiste e continúa a viver.

Uma vez injectado, o veneno, as cellulas dos animaes que o receberam, digerem-no e fabricam uma substancia que tem a propriedade de neutralizar a peçonha. Tal substancia é lançada na corrente circulatoria, onde se accumula.

Grande trabalho nos dão esses animaes durante a sua immunisação. Por occasião de cada injeção, apparecem n'elles abcessos enormes que precisam ser rasgados, drenados e curados. Além disso, ás vezes succumbem durante a immunisação.



O SR. BRUNO RANGEL PESTANA  
JUNTO AO PORTÃO DO LABORATORIO

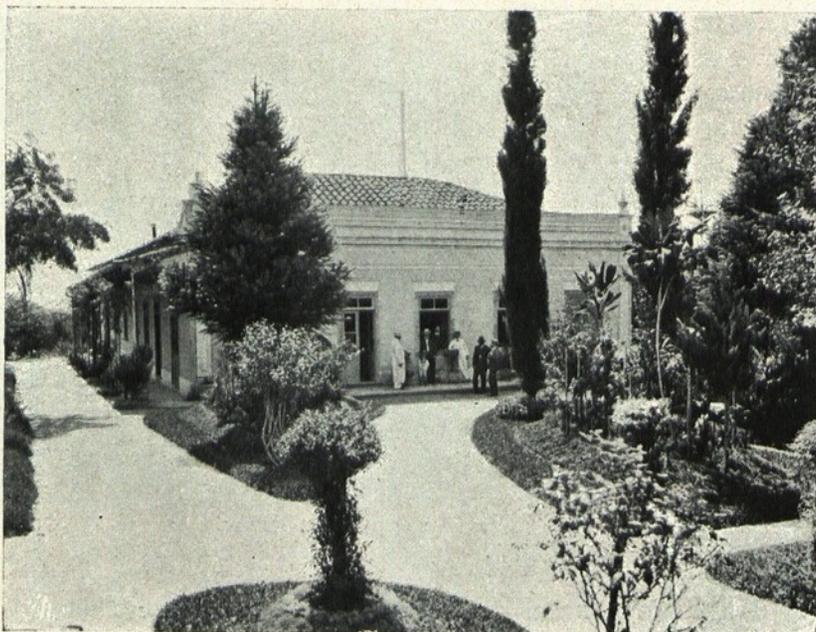
O *anti-ophidico*, fornecido por animaes immunisados pela mistura de todos os venenos e applicado nas mordeduras de qualquer cobra, ou quando não fôr conhecida a especie que produziu o accidente.

Para o preparo d'esses seruns, posue o Instituto oito animaes: três para o serum anti-crotalico; dois para o serum anti-boltropico, e três para o serum anti-ophidico. Emprega indifferentemente o burro ou o cavallo para tal fim.

Para immunisarmos os animaes que



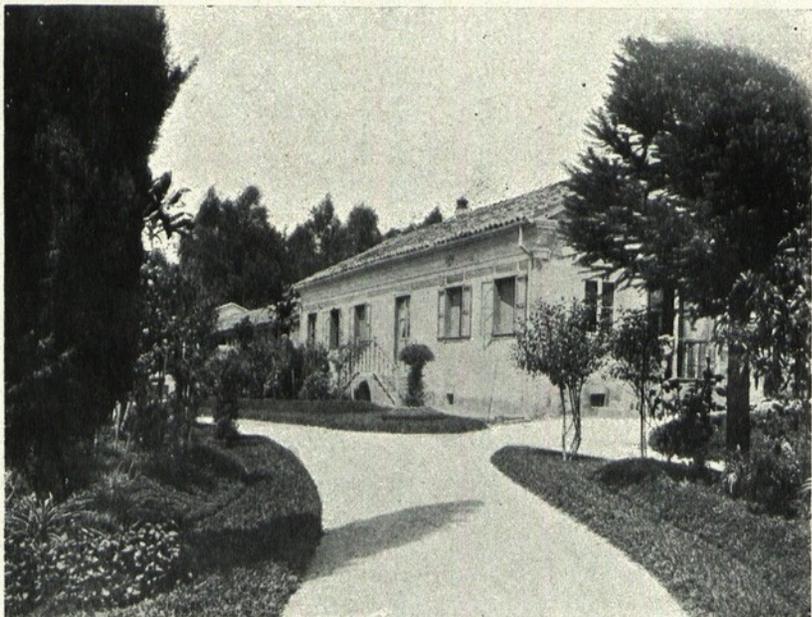
COCHEIRA-ENFERMARIA PARA ANIMAES PESTOSOS  
— PAVILHÃO DE SANGRIA



RESIDENCIA DO DIRECTOR

Um facto interessante que observámos em um d'esses animaes: deixando por algum tempo, de receber veneno, elle emmagreceu consideravelmente, ficando mesmo paralytico; porém, continuando-se com as injecções, se restabeleceu, engordando outra vez.

Depois de um tratamento longo, de repetidas injecções, passado cêrca de um anno, quando verifica-



CASA DO ADMINISTRADOR



INTERIOR DO LABORATORIO — ACONDICIONAMENTO DO SERUM

mos que no sangue já ha uma grande quantidade de substancias fabricadas pelas cellulas e capazes de neutralisar forte quantidade de veneno, retiramos uma pequena porção de sangue para dosar. Se 1 cc neutralisa a quantidade de veneno sufficiente para matar 500 pombos, sangramos o animal. Depois de cada sangria, o valor anti-toxico do serum do animal baixa muito, tornando-se necessario fazer uma nova serie de

injecções de veneno para que o serum adquira novamente a sua actividade.

Com todos os cuidados de asepsia, é feita a sangria e retirados em geral, 5 litros de sangue de cada animal. O sangue é colhido directamente em vasos proprios, onde fica durante 48 horas para coagular. Findo este prazo, transvazamol-os para alongas, onde permanece por 10 dias, até ser distribuido em tubos e entregue ao consumo.

De anno para anno augmenta de um modo consideravel o consumo de serum. N'este anno já saíram 4:200 tubos, até 30 de novembro.

Para toda a America o Instituto envia serum. e numerosas são as communicações que chegam, attestando a efficacia d'este poderoso medicamento.

O proprio auctor d'estas linhas, pode dar o mais eloquente attestado da efficacia do serum em questão. Mordido por uma *Lachesis jararacuçu*, quando no Instituto lhe extrahia o veneno, recebeu n'um dedo grande quantidade de peçonha, cujos effeitos toxi-

cos já sentia depois de meia hora. Ficou, entretanto, completamente curado, com a applicação do poderoso remedio inventado por Vital Brazil. Assim, a este deve a vida, que infallivelmente haveria perdido, se não encontrasse á mão tão humanitario especifico, destinado a prestar enormes serviços á população brazileira, que não será mais terrivelmente desimada por traiçoeiros ophidios.

BRUNO RANGEL PESTANA

(Do Instituto Serumtherapico do Estado de S. Paulo.)

Brazil — S. Paulo.



## A caminho...

*A minha Mãe*

Vae-se-me a ignota vida amortecendo,  
Vae-se-me a luz dos olhos apagando;  
Entro na paz, e um bem irei sonhando  
Se algum bem encontrar em ir morrendo.

Se tudo eu já perdi!... viver soffrendo!  
Antes a paz do tumulo, cantando,  
Me junte ás almas que lá estão amando,  
Me roube a vida, de que vou descrendo.

Se tudo que foi meu me foi levado,  
Deixem que eu entre n'esse mundo amado,  
Longe d'aqui, por onde me vou errando...

E tu, ó minha Mãe do coração!  
Se me vires nas taboas do caixão  
Fecha-me os olhos que inda irão chorando!

Belem — Pará.

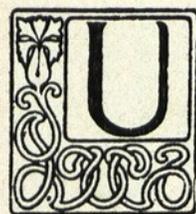
JOAQUIM MAGALHÃES.



BEDUINAS (SYRIA)

# Costumes populares da ilha Terceira

## Os mantos



UMA das maiores surpresas do forasteiro que visita as nossas bellas ilhas, tão notaveis na originalidade da paisagem como na conservação dos velhos usos portuguezes, é vêr na multidão a mancha negra dos mantos e capotes, em que o geral das mulheres se embiocam, occultando as fórmãs. Habitando-se porém revelar-lhe-ha o manto encantos novos, dando-lhe o aperitivo do mysterio e o interessante enygma da mascara; augmentando o encanto do rosto que, por grande favor, se descobre aos olhares desejosos, no deslumbramento da seductora belleza das faladas

mulheres da Terceira, de uma aristocratica finura inconfundivel.

Transfundiu-se na mais pura raça portugueza do seculo xv o sangue flamengo, que deu o typo esbelto, a frescura da tez ás deslumbrantes louras; dotou-a o Brazil da exhuberancia dolente das creoulas, cabelo de azeviche, dentes miudinhos, fundas olheiras; trouxe-lhe a dominação hespanhola o galante requebro da andaluza e o preto dos seus olhos sonhadores; e o dos hebreus fugidos transmittiu á sadia carnação das morenas, olhos apaixonados de judia onde esvoaça a nuvem da saudade.

Andam as esbeltas embiocadas todas de negro, dos pés á cabeça, saia de merino

preto, o capuz do manto envolvendo-as do taboleiro de cartão até á cintura, onde se cinge n'um refêgo, os braços colhendo os extremos do involucre e rebuçando-o na frente, por fôrma a só ficar aberto um pequeno oculo, que se move como um bico de passaro, apontando-se insistente na ameaça da curiosidade.

Depois a dentro dos mantos, sobas pregas aparentemente uniformes, advinham-se no esguio, no flexível da cintura, no irrequieto do biôco, no adejar de vôo dos largos



MANTILHA (CHILI)

pannos, as raparigas casadoiras, mirando ao longe os namorados; presentem-se no pesado abandono de embulho esquecido, as quarentonas sem futuro, gordanchudas, afogadas nos inúteis seios, semeadas entre os grupos, como escolhos, em tórno dos quaes esvoaça o bando de garças; ou encostando umas ás outras, n'um tremelicar nervoso, os

biôcos, como antenas de formigas, em commentarios de beaterio.

Variando de ilha para ilha, alternando



CARRO DE TOLDO — TRAJOS POPULARES

com o capote e capêllo, transitando do berneo de ha cincoenta annos, para o azul escuro, o castanho e o negro de hoje em dia, são os mantos uma revivescencia do velho costume portuguez das côcas, do veu impenetravel da mulher mussulmana.

No cancionero de Garcia de Rezende ha referencia aos rebuços:

*Vos ireis embiocada  
de alfareme de cendal.*

A relação da viagem de Tron e Lippomani em 1571 mostra os mantos em uso geral.

Das mulheres de Elvas e Villa Viçosa fala assim: «formosas mulheres, gentis e desembaraçadas, trajos semelhantes ás castelhanas, mas não andam tão embuçadas nem tão arrebicadas e brunidas.»



O MANTO

de toda a Hespanha; isto é, o manto grande de lan ou de sêda, segundo a qualidade da pessoa. Com elle cobrem o rosto e o corpo inteiro e vão aonde querem, tão disfarçadas, que nem os proprios maridos as conhecem, vantagem esta que lhes dá maior liberdade do que convem a mulheres bem nascidas e bem morigeradas.»

Ao mesmo tempo mostram os mantos, os biôcos, os rebuços em pleno uso nas mulheres mussulmanas, os documentos graphicos actuaes.

Não consentindo os velhos usos portuguezes que sahisse *em corpo* uma senhora só, permittiu o incognito do manto dispensar a creada de capote, ou o escudeiro.



TECEDEIRAS

Em Lisboa era o mesmo o costume:  
«O traço feminino de Lisboa é o commum

Com o manto reúnem-se as mulheres á multidão nas procissões, acompanham as co-

roações, vão aos terços, ás devoções, ás musicas, ás manifestações politicas, á chegada e partida do vapor de Lisboa, que constitue sempre um acontecimento sensacional.

De imposição ciumenta do arabe, que cerrava a mulher a dentro das gelosias, deixava na fachada apenas a minguada abertura da porta, e voltava as janellas para o pateo interior, tornou-se o manto um meio de independencia, permitindo á mulher ir em ranchadas alegres, correr ás diversões populares e tradicionais.

Mas não se limita aos mantos a revivencia dos velhos usos portuguezes.

Ha tambem os curiosos trajos das camponezas, as *mulheres do monte*, cabelo de risca ao meio a luzir de unto, saia pela cabeça, entufadas de saias sobre saias, os pés mettidos em galochas de cedro, com pásas de coiro verde, azulado e vermelho, luzentes de ilhós, cravejadas de prego de aço.

São tambem muito originaes os leiteiros, barba ruiva, pé descalço, camisola de linho presa ao pescoço por botões de oiro; carapucinha preta, com orelhas vermelhas, pequena como a palma da mão, posta á banda n'um elegante equilibrio; batendo o bordão com ponteira rendilhada, trazem-



CAPOTE E CAPÉLLO

no adejar de borboletas brancas, no volitar em torno ao mexerico, ao escandalo, do celebre côro das velhas do *Solar dos Barrigas*.

O capote, farto, rodado, é inseparavel do capello, que dá um disfarce tão completo como o manto, sem permittir porém o petulante que n'aquelle assume o rebuço em oculo, em vigia, em bico de passaro.

Ainda em principio do seculo XIX o capote era commum aos dois sexos; usavam-o vermelho as mulheres, o famoso capote berneo, de que ainda ha na antiga gente uma saudosa tradição. Os artistas faziam consistir o seu luxo n'um bom capote de panno azul, com fe-



MULHERES DO CAIRO

chos de prata. Hoje é quasi exclusivamente um traje feminino, ora azul escuro, ora côr de pinhão.

Comquanto proporcionem ambos o mesmo commodo disfarce, o capote e capello só é usado pelas classes populares.

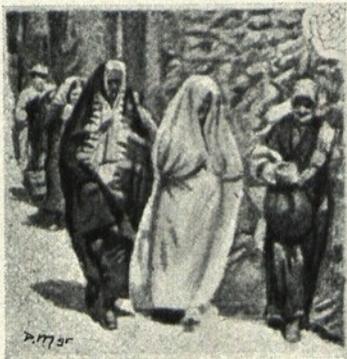
O manto é um traje fino, revelando na qualidade do tecido, no côrte, na elegancia do pregueado a qualidade da mulher embuçada.

No Algarve chamava-se mandil ao rebuço mourisco, o mesmo nome que tem na Corsega o panno com que as mulheres cobrem a cabeça. Resta-nos o rifão, apesar de cahido o traje em desuso: «Abril, aguas mil, coadas por um mandil», ás vezes corrompido em «coadas por um *funil*», perdida a

compreensão da palavra. No Porto o rebuço recebia o nome de mantilha.

No Alemtejo ainda ha quem se lembre do uso das côcas. Na ilha Terceira o manto, o capote e capello, dizem com o recato da velha e gloriosa povoação portugueza, as janellas de altos ralos, onde mal assoma uma cabeça ao postigo; os telhados de grandes beiraes, como abas de chapéu carregado sobre o rosto: a bella cidade d'Angra do Heroismo mascarada pelos pannos de muralhas, pelas fortificações do Monte

Brazil, pelas cortinas dos seus dois castellos, celebrados nas luctas liberaes, só revelando o recatado encanto aos que lhe ganham a intimidade indo até ao ancoradouro da sua *angra*, tão pequena e tão linda.



MULHERES DE DAMASCO

FAUSTINO DA FONSECA.



ARGELINAS EM TRAJO DE PASSEIO



# UM CORDEIRO EM PELE DE LOBO

POR Percy Reinganum

— Os senhores não estão em casa, foram para o campo, disse a creada.

Encarei-a com pasmos.

Ha longo tempo esperava este dia feriado, tencionando convidar Melissa para um passeio no rio, longe das turbulentas multidões; isto no caso de não haver objecções da parte do tio ou da tia. O tio, nos ultimos tempos, permittia-se a liberdade de fazer objecções; porém eu nutria a esperança de obter, com o auxilio de alguma diplomacia, a concessão de umas horas de completa felicidade na companhia da sua muito adoravel sobrinha.

Agora, via de chófre cahir por terra, todas as minhas esperanças, todos os meus planos, perante as palavras de uma creadinha ladina.

— Quando partiram? perguntei, não tanto pelo desejo de o saber, como pela inexplicavel reluctancia em voltar para traz, tornando a descer a escada, que momentos antes havia subido tão lepidamente.

— Na quarta-feira, retorquiu a creada.

— Bem, faça-me o favor de lhes dizer que os procurei. Boa tarde.

Desci lentamente dois degraus. Então, uma vaga idéa principiou a formar-se no meu cerebro. Voltei-me. A rapariga ainda não fechára a porta.

— Para onde disse que tinham ido?

— Eu não disse nada, replicou ella, com os olhos a luzir.

A minha idéa tornou-se uma inspiração. Galguei de novo os degraus e metti-lhe na mão uma moeda de prata.

— Para a Praia de Saint Winyards, disse a creada.

— A direcção? perguntei, avidamente.

— Não sei, respondeu ella. Não m'a deram.

Affastei-me um tanto vexado. Teria sido natural que Melissa me avisasse da partida, pensei; acabando, porém, por concluir que ella não tivera culpa. Afinal o que era eu para Melissa? Um simples conhecido — um amigo talvez — que a visitava com mais ou menos frequencia, sem manifestações exteriores, que trahissem as intimas emoções na alma, desabrochadas e desenvolvidas com crescente rapidez. Fosse eu o que fosse para ella, um conhecido, um amigo, um mais do que amigo, formára-se no meu cerebro um proposito inabalavel: partir para Saint Winyards no primeiro comboio, n'essa linda tarde cheia de sol. Voltei, a correr, a casa. Atirei com um collarinho e uma escova de dentes para a mala, puz na cabeça um Panamá — uma bella imitação pelo preço — encontrando-me na Estação de *Charing-Cross*, cheio de calor e de exaltação, a tempo de apanhar o comboio expresso das duas e trinta.

A carruagem — eu viajava em segunda classe — estava completamente cheia. Pouco reparei nos meus companheiros de viagem, com uma excepção: a de um homem novo em quem notei uma certa semelhança commigo — pelo menos era moreno, com um pequeno bigode e trazia na cabeça um Panamá. Emquanto ao resto, vestia um fato de quadradinhos, um tanto espaventoso, em contraste com o meu correcto fato de sarja azul e ostentava no dedo minimo um vistoso anel de brilhantes. Era acompanhado por um individuo de certa idade, baixo e

gordo, de calva luzidia e rosto vermelho.

O comboio partiu e eu absorvi-me na leitura do *Magazine*, que havia comprado na estação.

Continuava a ler, com pertinácia, quando chamou a minha atenção uma phrase, dita na outra extremidade da carruagem.

— O senhor e o seu companheiro querem tomar parte n'esta partida?

O rapaz do fato de quadradinhos assim se dirigia a dois passageiros, em frente d'elle. Tinha nas mãos um baralho de cartas e havia estendido um jornal sobre os joelhos e os do seu gorducho companheiro.

Não podia ver as pessoas, a quem elle se dirigira, por estarem do mesmo lado do que eu; mas ouvi umas phrases de assentimento e começou uma alegre partida de «Solo».

Achando-me muito distante para poder seguir o jogo, de novo me absorvi no *Magazine*, lendo por uma hora ou mais, sem interrupção. Porfim, tendo posto de parte o meu livro, para accender um cigarro, ouvi ao sujeito gordo, esta observação:

— Isto não tem graça. Vamos ao *Monte*?

Accederam novamente os que iam sentados em frente. Reparei em que o homem do fato de quadradinhos, fazia banca. Observei-os por algum tempo, parecendo-me ganhar os que iam sentados do meu lado. Depois, perdi o interesse e peguei mais uma vez no *Magazine*.

Achei um conto impolgante, prendendo-se-me de tal fórma a atenção, que só despertei ao ruido das agulhas da estação, vendo com surpresa que estávamos em Saint Wanyards.

Antes de ter bem a consciencia de que havíamos na realidade chegado, o homem do fato de quadradinhos avançou rapidamente, abriu a portinhola e, sem esperar que parasse o comboio, saltou, seguido de perto pelo companheiro, desaparecendo ambos rapidamente.

Ouvi que se trocavam phrases exaltadas no compartimento. Os dois individuos, na extremidade do banco onde eu ia, argumentavam com vehemencia, juntando-se á discussão alguns outros passageiros. Ouvi as palavras «gatunos»! «Fizeram-me uma limpeza completa»! «Eu no seu caso dava parte á policia». «Ainda no outro dia... e o maroto apanhou dois mezes de cadeia».

Assim conclui que os dois cavalheiros, que acabavam de nos deixar, haviam feito uma viagem lucrativa.

O assumpto pouco me interessava, roendo outros pensamentos.

Ao saltar em terra, lancei em volta um olhar, na vaga e fallaz esperança de ver alguma indicação da presença de Melissa. Até a figura baixa mas imponente do tio, me teria enchido o coração de jubilo; brilhava, porém, apenas pela ausencia e o coração conservou-se-me vazio e triste.

Abri caminho com os cotovellos até á sala de espera, onde dei a guardar a mala, passando no caminho pelas duas victimas da *Batota*. Um d'elles empenhava-se em pedir o emprestimo de uma libra ao outro, que a seu turno não manifestava amistosa presteza em acceder aos rogos do companheiro.

Diriji-me para os lados da praia. Era um dia brilhante e cheio de sol. Encontraria com certeza Melissa, sentada ou passeiando, só ou acompanhada pelos tios, no passeio junto á praia. Ficará contente com a minha visita inesperada, ruminei eu? E occorreu-me quanto o contrario me seria desagradavel. Esta idéa de tal fórma me assustou, que cheguei a desejar não ter vindo; mas reanimei a minha coragem. O principal era encontral-a. Recreei ter dado bastantes nas vistas atravessando o Passeio a passos largos, encarando os passeantes, examinando attentamente as pessoas sentadas nos bancos e nos recantos abrigados. Circumveguei minuciosamente muitos d'esses recantos, o que despertou as suspeitas de varias senhoras velhas, que seguiam com desconfiança as minhas evoluções.

Trez vezes fiz o percurso completo do Passeio, acabando por me deixar cahir sobre um banco, enchugando com o lenço o copioso suor do rosto.

Fazia muito calor. Não corria a menor viração e o mar, scintillando aos raios do sol, subia murmurando pela praia em pequenas ondas. Em frente de mim, via-se uma linha de barracas e aqui e além a cabeça de um nadador picava, com um ponto negro, a superficie scintillante do mar.

Apoderou-se de mim um desejo irresistivel — sahir da minha roupa quente e mergulhar n'essa agua fresca e crystallina. Esta impressão fez-me, augmentar de momento para momento o calor. Porque estava

eu ali sentado, a torrar? De um salto puz-me de pé e percorri com o olhar a multidão. Nem um signal de Melissa!

Resolvi tomar um banho.

Desci a escada para a praia e, fazendo estalar a areia debaixo dos meus pés, approximei-me das barracas, escolhi uma, pedindo ao hirsuto banheiro um fato de banho.

— Essa barraca não pode ser. Foi para lá agora mesmo um sujeito. A outra, ahi ao lado, está ás ordens.

Cinco minutos mais tarde, nadava vagorosamente nas salsas ondas. Sahi para o largo. Após uns momentos, voltei-me de costas e, olhos fitos no firmamento azul, deixei-me boiar. entregue a uma deliciosa sensação de completo conforto physico.

Passado tempo senti-me resfriar e voltando-me, nadei em direcção a terra. Ao approximar-me, lembrei-me de que não tinha reparado no numero da minha barraca. Recordava-me apenas de que, tanto ella como a que eu em principio havia escolhido, ficavam pouco mais ou menos a meio da fila. Chegado á praia, corri em linha parallela ás das barracas, tentando reconhecer a minha.

Havia outro banhista que pelos modos estava nas mesmas circumstancias do que eu. Vi-o olhar attentamente para dentro de uma das barracas, pela porta semi-cerrada, affastando-se logo appressado. Passando por elle pareceu-me cara conhecida; é difficil, porém, reconhecer alguém, sem o fato e com o cabello molhado. Voltou-se e caminhou vagorosamente para deante. Eu parei em frente da barraca onde elle havia espreitado e, alvejando o fundo escuro, vi pendurado o meu Panamá. Subi lesto os degraus, porque começava a tremer de frio e empurrei a porta semi-cerrada. Empurrei-a; mas um obstaculo qualquer empedia-me de a abrir mais. Entrei com esforço pela estreita abertura, fechei a porta e... dei de cara com um policia!

Nunca em minha vida, tivera surpresa tamanha. Receando ter-me enganado, tibi umas desculpas, voltando-me para sahir. O policia estendeu-me o braço, defendendo a porta e pronunciou estas palavras sorprendentes:

— Isso é que não!

Era um policia muito alto e muito corpulento, mais parecendo um pescador desfar-

çado n'uma farda azul. Apesar do meu espanto não pude deixar de me admirar do facto de podermos ambos caber em tão exiguo espaço.

— Que jogo é este? Perguntei com altivez.

— E' o seu jogo que acabou, replicou o policia, esforçando-se idiotamente por ter espirito. Vista-se, ande, e venha comigo.

— Não sei o que significa este seu procedimento, disse eu; mas, faça-me o favor de sahir da minha barraca; isto não é jaula para elephantes.

— Nada de piadas, retorquiu elle, com modo estolido e ameaçador. Vista-se e ande d'ahi comigo.

— Mas... comecei eu.

— Ande d'ahi comigo, repetiu elle, em tom monotono, dando-me a impressão de que essas palavras eram o estribilho de um duetto que iam cantar. Começava a parecer-me tudo isto um sonho absurdo.

— Meu amigo, está laborando em erro...

— Ande d'ahi comigo, disse elle mais uma vez, o que tiver que dizer, ha de dizel-o na esquadra e com o fato vestido.

Então, olhando em volta, soffri outro choque.

— Ora esta! exclamei, este fato não é meu!

Por ali, pendurados em pregos e espalhados sobre o banco, viam-se as peças componentes d'um espaventoso fato de quadradinhos, e o chapéu panamá que me attrahira, não era, emphaticamente não era, o meu —. N'um relampago fez-se-me luz no espirito. Dei quasi uma gargalhada, com o allivio de descobrir uma explicação.

— Olhe lá, exclamei. Ponho-lhe as cousas a claro n'um momento! Procura um gatuno, um certo batoteiro de comboio! Deram-lhe parte d'elle esta tarde, não é verdade? Poderá! Elle veio até no expresso das duas e trinta.

— Ora, se você o não havia de saber! interrompeu o policia, asperamente. Vá, basta de cantigas. Metta-se dentro d'essa farpella e avie-se. Não posso estar aqui todo o dia.

— Mas está enganado, eu não sou quem procura! Não percebe? Este fato não é meu. Enganei-me na barraca.

A bocca do policia escancarou-se em largo sorriso alvar e descaradamente piscou um olho.

— Não pega, observou elle, vi-o entrar

— vi-o sahir — metti-me aqui — e cá estamos os dois.

— Repito-lhe, exclamei eu, com desespero, esta barraca não é minha, nem esse fato me pertence. Não tenho comigo os meus bilhetes de visita; não é costume leval-os para o banho. Chamo-me Francisco Moberley.

— O nome do fim não conheço eu; mas sempre ouvi chamar-lhe Chico-Batoteiro.

— Qual historia! retorqui, indignado, nunca ninguem me chamou Chico.

— Batoteiro, corrigiu elle, com placidez, Chico-Batoteiro.

— Menos ainda, batoteiro! Já me estava chegando a mostarda ao nariz. Ora, vamos lá procurar a minha barraca.

O policia ficou immovel, barricando a porta. A fuga pela outra porta, atravessando a multidão em fato de banho, era impossivel.

— Se você se não veste depressa, chamo um collega, disse elle, brincando com o apito. Eu queria fazer a cousa sem barulho; mas se é teimoso, eu e o collega veremos que especie de embrulho poderemos fazer de você.

N'este momento eu tiritava de... frio e comecei a limpar-me vigorosamente, com o lençol. Rebusquei no meu cerebro a maneira de sahir d'este dilemma e porfim tive uma idéa.

— Se esperar cinco minutos, disse eu, o dono d'este fato deve apparecer.

Evidentemente impressionado pela minha sinceridade, o policia hesitou.

— Pois seja, replicou, vá lá cinco minutos; e depois, você veste-se e vem comigo.

Nunca na minha vida passei cinco minutos mais desconfortaveis, sentado a tiritar dentro do lençol, n'essa barraca humida e cheia d'areia, em face d'aquelle enorme policia, esperando — esperando pelo dono do fato de quadradinhos. Ninguem appareceu. De quando em quando, erguia os olhos para os do policia fitos, immoveis, em mim.

— Prompto! exclamou elle em voz aspera e tão repentinamente que eu dei um pulo.

— Um minuto mais! implorei, desolado; mas ao dizer isto comprehendí o que se passára. O outro, mais esperto do que eu, lobrigára o policia dentro da barraca e n'este momento, provavelmente, estava bem á von-

tade no meu fato, secco e livre, enquanto eu...

— Ande lá para deante exclamou rudemente o meu captor. Nada de conversas, Vista a farpella.

E eu obedeci. Que podia eu fazer? Vi-me de relance no pequeno espelho e tive um arrepio. Uma camisa côr de rosa, uma gravata azul celeste, um horrivel fato de quadradinhos! Pensei no meu correcto fato azul e soltei um gemido de dôr.

— Prompto, vamos lá, disse elle, ao verme encaixar na cabeça o Panamá do batoteiro. Passou o braço pelo meu e juntos sahimos, para a praia, cheia de sol.

Então, pareceu-me que os olhos de toda a multidão se fitavam em mim. O banheiro ficou de bocca aberta, vendo-nos sahir juntos de braço dado. Algumas creanças brincavam na areia, proximo da barraca. Deixaram cahir as pás e encararam-nos com espanto. Senti-me ruborizar dos pés á cabeça sob esse vergonhoso fato de quadradinhos e, quando chegámos á escada conduzindo para o passeio, parei de repente.

— Olhe lá, disse eu, se me larga o braço, prometto-lhe ir socegado, sem tentar fugir.

— E' muito calva, retorqui o policia.

— Dou-lhe a minha palavra de honra, exclamei eu, supplicante; não me ponha assim em evidencia.

Apezar da sua rudeza, penso que era uma boa pessoa.

— Está bem, disse elle, não quero fazer as cousas desagradaveis de mais. Seguro-lhe só a manga.

Largou-me o braço agarrando-me na manga com mão de ferro, por fórma que, tendo nós os braços cahidos, se tornava quasi imperceptivel a prisão. Assim subimos para o Passeio

— A que distancia fica a esquadra? perguntei.

— A' um quarto de hora, replicou elle. Advirto-o que não fale mais, accrescentou. Aviso-o de que tudo que disser será tido como uma prova contra si.

Soltei uma gargalhada rouca e desesperada. O que será o fim d'isto? pensei.

Não podia convencer-me de que esta ridicula personagem, accompanhada por o gigantesco policia, era eu, Francisco Moberly; cheguei até a duvidar da minha propria innocencia. Se ao menos eu encontrasse

alguem que me conhecesse! Depois, n'um rapido reviramento, pedia a Deus que não fosse visto por alguma das minhas relações.

E então... vi Melissa!

Estava só, sentada n'uma cadeira americana, com um livro aberto e voltado sobre os joelhos, olhando pensativa para quem passava. Em momentos estaríamos em frente d'ella.

senhora, que está sentada n'uma cadeira americana; depois irei consigo.

— E' contra as ordens; mas ouvindo eu tudo, não ha novidade.

Juntos approximamo-nos e parámos em frente de Melissa. Ella levantou a cabeça, olhando-nos surprehendida.

— Miss Mandeville, exclamei eu.



— PERDI O MEU FATO; BEM DEVE COMPREHENDER QUE ESTES «TRASTES» NÃO PODEM SER MEUS.

— Senhor policia, disse eu, com voz comovida. Está ali... alguem que eu conheço. Atravessemos para o outro lado.

— Já que tem tanta certeza de que me enganei, respondeu elle, com pesada ironia, o melhor que podia acontecer-lhe era provar a sua identidade. Onde está o individuo?

Emquanto elle falava, comprehendi que afinal o melhor seria apresentar-me e acabar com isto.

— Deixe-me dizer uma palavra áquella

Augmentou o seu espanto.

— Ah! E' Mr. Moberly! Que surpresa vel-o aqui! Quando chegou?

— Cheguei esta tarde e agora vou a caminho da esquadra.

Missa não manifestou a impressão que eu esperava.

— Para quê? perguntou ella; perdeu alguma cousa?

— Sim, respondi, com amargura. Perdi o meu fato. Bem deve comprehender que estes

*trastes* não podem ser meus. Mas vou, obrigado por este cavalheiro.

Melissa olhou successivamente para mim e para o policia.

— Então, o que esteve a fazer? perguntou ella, com o riso nos olhos e uma desesperadora covinha na face. Alguma das suas...

— Miss Mandeville, interrompi eu calorosamente. Estou preso por um engano estúpido. Rogo-lhe que faça com que seu tio vá á esquadra provar a minha identidade; a palavra de um respeitavel cidadão deve ter o devido valor para essa gente.

— Com certeza. Melissa levantou-se. Vou procurar o tio e mando o lá immediatamente. Que pouca vergonha! Logo nos tornaremos a ver, Mr. Moberly.

— Com sua licença, menina, enterpoz o policia, o mais seguro é despedir-se d'elle já, porque é provavel que não tenha outra occasião para o fazer. Cá na minha, ia jurar que nem fiança lhe dão.

Melissa corou de indignação.

— O senhor deve ter cuidado no que diz, exclamou ella. D'aqui a meia hora Mr. Moberley estará em liberdade. E voltando-se rapidamente, deixou-nos.

O meu captor esfregou lentamente o queixo, com a mão.

— Esta *sujeita* não é feia, observou elle, com ar meditativo; é exquisito como estes typos sempre apanham as melhores!

— Vamos andando, exclamei bruscamente, sentindo-me mais protegido e cheio de confiança.

Na esquadra, ficaram satisfeitissimos ao ver-me; d'isso não me restou a menor duvida.

O inspector saltou da cadeira, apenas me lobrigou, e após umas phrases do colossal policia, começou a dar voltas em torno de mim, mirando-me de alto a baixo, com *ronrons* felinos de contentamento. Depois, tirou um papel da secretária e leu-o em voz baixa ao subordinado, olhando-me ambos de vez em quando.

Ouvi-lhes murmurar as palavras, bigode escuro — cabello escuro — fato de quadradinhos — Panamá, deprehendendo que era uma discripção do meu amigo batoteiro, que elles comparavam comigo. Eu nada disse.

D'ahi a momentos o meu captor fez-me signal para eu o seguir para outro quarto.

Era uma cella pequena e escura, com uma janella fortemente gradeada. Segurou a porta aberta para eu entrar e em seguida sahiu, fechando-me á chave.

Sentei-me n'um banco muito duro e esperei.

Demorar-se-hia muito o Mr. Mandeville? E quando viesse, o que diria elle? Já lhe conhecia o feitio. Fingiria ter suspeitas a meu respeito ou faria *espirito* á minha custa? Parecia-me até serem preferiveis as suspeitas aos seus gracejos.

Passou-se meia-hora, segundo os meus calculos. Na busca que haviam feito ás minhas algibeiras — ou antes direi ás algibeiras do fato que eu trazia — tinham tirado o relógio e a corrente, que me pareceu serem de ouro, seis ou sete libras e um masso de cautelas de penhores.

De repente, ouvi uma voz muito minha conhecida e ao mesmo tempo abriu-se a porta. Sahi, dando logo de cara com Mr. Mandeville, córado e um tanto iracundo.

— Então, Moberley, exclamou elle, com voz aspera. O que significa isto tudo?

Comecei a explicar-lhe a situação, notando que ao mesmo tempo o inspector e o policia segredavam ambos, consultando novamente o papel e olhando para nós.

— Bem, bem, bem, disse Mr. Mandeville, quando terminei a minha explicação. Isto é facil de remediar.

Voltou-se para o inspector.

— Vou explicar-lhe o caso, disse elle. Este senhor...

— Muito obrigado, interrompeu o inspector. Queira não se incomodar! A sua vinda aqui prova bem o seu descaramento; mas já que appareceu, tanto melhor para nós.

Mr. Mandeville abriu a bocca e soltou um som rouco.

— Mette-os lá dentro, juntinhos, Roberto, disse o inspector, indicando a porta da cella.

— Andem d'ahi, ambos, berrou o meu corpulento amigo policia.

Mr. Mandeville, roxo de colera e suffocado, tentava recuperar a fala.

— Que estão os senhores a fazer? gritou elle. O que significa isto? Sabem quem eu sou?

— Ora, se sabemos, retorquiu o inspector. E' o tio *Bunco*, socio e collega do Chico-Batoteiro. Agarrou no papel e leu em voz

alta: «acompanha-o um sujeito baixo, atarracado, velhote, careca e vermelhusco».

Depois atirou com o papel para o lado e accrescentando: «Engaiolados ambos, Roberto», e voltou as costas.

Nunca esquecerei os momentos que se seguiram quando eu, sentado junto do tio de Melissa no duro banco, ouvi a esse homem, — o tio d'ella! — as opiniões a meu respeito, ácerca do meu comportamento, da

tro. Narrei-lhe que fôra a sua casa em Londres e, não os encontrando, tivera a idéa de passar o meu feriado em St. Winyards. Ia continuar a contar-lhe as rasões que tivera para segui-lo a elle e á familia, estando prestes a pedir-lhe licença para amar Melissa, ou a dizer-lhe qualquer outra imbecilidade, quando um grande borbório lá fôra nos pôz em pé, como impellidos por occulta mola. Rebentou uma



— QUE ESTÃO OS SENHORES A FAZER ?

minha estupidez em não marcar o numero da barraca, do meu indecoroso fato e de o ter arrastado a elle — o tio de Melissa — a tão vergonhosa situação.

Quando se cançou eu balbuciei-lhe que estava muito penalizado.

— Penalizado! rosou o tio de Melissa.

Affirmei-lhe ser eu a pessoa mais desgostosa em St. Winyards, n'esse momento. Implorei o seu perdão. Demonstrei-lhe que não me podia ter passado pela cabeça que o confundissem tambem com o collega do ou-

Babel de vozes confusas e iradas. Passado um momento abria-se a nossa porta e a primeira cousa que eu vi distinctamente, foi o meu fato de sarja azul!

Adornava as fórmãs do meu companheiro de viagem, o batoteiro, que se encontrava, offegante, desgrenhado e carrancudo, em pé entre os dois homens, as suas victimas, que tinham vindo no mesmo banco, que eu occupára na carruagem.

Ao verem-me, quasi que o largaram das mãos.

— Trocaram a fatiota, gritou um.

— Este é que é o homem, não é aquelle! berrou o outro.

— «Estavamos no Passeio, continuou um, (o que perdera todo o dinheiro) quando lo- brigámos este *sucio*, jardinando muito á vontade. Supponho que se fiava na mudança de fato, para se escapar a ser reconhecido; mas eu conheci-o logo, e vi-lhe esse anel no dedo. Saltámos sobre elle, agarramol-o, e aqui o teem. E tivemos um bom trabalhinho para o trazer até aqui!

Ora, se tinham tido! Bastava olhar para o estado do meu pobre fato azul!

— Vamos lá a saber, exclamou o cavalheiro usufructuario do meu fato. Agora que me apanharam, o que tencionam fazer de mim?

As duas victimas hesitaram.

— Dê-nos para cá o nosso dinheiro e nada mais queremos de si. Retiramos a parte.

O Chico-Batoteiro cumprimentou, com gentil delicadesa.

— Aceito gostosamente a sua proposta, disse o Chico, sorrindo. E se o cavalheiro que agora está no goso do meu fato quizer ter a bondade de fazer a troca, ficaremos todos satisfeitos.

Apressei-me a acceitar esta delicada proposta, muito embora o triste estado do meu fato de sarja azul não me deixasse uma completa satisfação.

Os policias estavam visivelmente contrariados, desfazendo-se em desculpas ao Mr. Mandeville e a mim. Emquanto ao outro cavalheiro...

— Pode considerar-se com sorte, sr. Chico-Batoteiro, disse o inspector. Como foi reti-

rada a parte, não posso detel-o; mas livre-se de repetir a brincadeira, n'esta mesma linha ferrea.

.....  
E assim, cinco minutos depois, caminhava ao lado de Mr. Mandeville, vestido com o meu proprio fato, dirigindo-me para a estação em busca da minha mala. Por acaso, havia um quarto devoluto no seu hotel e o proprio Mr. Mandeville me suggeriu a idéa de o occupar. Parecia ter-me perdoado.

Melissa ficou jubilosa por nos ver a ambos e riu-se como uma perdida, ouvindo a historia da prisão do tio. A esposa limitou-se a erguer os braços repetidas vezes para o ceu, exclamando «Imagem!» a tudo que o marido contava.

Era um hotel muito confortavel. No primeiro pavimento havia uma varanda, abrindo sobre o mar. N'essa varanda, depois de jantar, encontrei Melissa. Brilhava no ceu uma linda lua cheia.

Falámos nos successos da tarde.

— Meu pobre tio, disse ella, que pena tenho d'elle... preso como gatuno!

Hesitei antes de dizer, com voz insinuante:

— E de mim?

— Ah! replicou ella, com um sorriso encantador, illuminado pelo luar, de si tambem.

Então occorreu-me aquelle pensamento de Shakespeare (deve ser de Shakespeare, quasi todas as citações são d'elle) em que o poeta affirma que a compaixão tem qualquer cousa com o amor.

E dentro da minha alma fluctuou a esperanza de que este meu desastre pudesse ser uma disfarçada benção.

Versão de CÉLIA ROMA.



# A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

## Parte II—O PAIZ

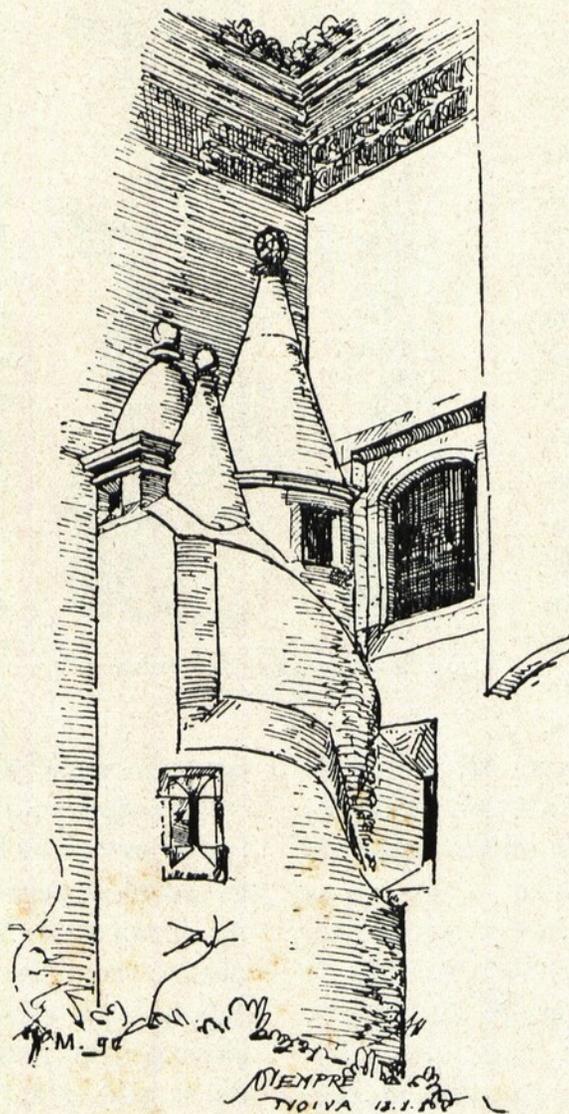
### ALEMTEJO

**N**EM devo deixar em esquecimento o soberbo aqueducto, reconstruido por D. João III cêrca de 1552 sobre os fundamentos do antigo aqueducto romano. É notavel no ponto de vista architectonico pelos torreõeszinhos, que de onde em onde interrompem os arcos, estabelecendo nas encruzilhadas das estradas formosos trêchos de architectura. Estes torreões, de fórmias varias, quadrangulares, ostentando cupulas, são construidos de tijolo e muito ornatados. A obra, em seu conjunto, é grandiosa quanto possivel; leva a agua de nascente a uma distancia de 15 kilometros da cidade.

A riqueza de Evora em todas as especialidades, e muito mais em azulejos, da maxima variedade, é consideravel. O proprio esgrafito não representa especie rara em residencias particulares.

As immediações apresentam edificios interessantes de toda a casta; mencionarei o convento de Nossa Senhora do Espinheiro, situado a breve distancia e pouco menos de arrazado, cuja antiga igreja, data de 1566, e obra de D. João III, exhibe ainda um formoso portico de marmore, da mesma época.

O convento serviu de poiso aos reis, em mais de um caso, e muito em especial antes de construido



ESCALA DE CARACOL NO PAÇO DA SEMPRE NOIVA

o palacio da cidade, construcção effectuada em 1520.

Em um angulo da cêrca ergue-se a ermida, edificada por Garcia de Rezende para seu jazigo, um recinto central, de modestas dimensões, com uma abobada de arco de claustro e uns formosos azulejos, antigos, no adro; muito singelo, mas pittoresco.

A Cartuxa, distante uns kilometros, acha-se tambem n'um estado de quasi completa dilapidação, á excepção dos muros da cêrca e da egreja; d'esta, a frontaria, apenas, é digna de nota. Construida de marmore branco, com alternações de marmore preto, ahi por 1594; entre outros elementos ostenta no piso terreo uma formosa arcaria dórica. Não tem o mesmo valor a parte superior da fachada; deve ter sido concluida posteriormente, visto como os restantes formenores, e muito em especial os quartões lateraes, avolutados, são destituidos de finura.

O effeito, ainda assim, não deixa de ser aprazivel e digno de consideração.

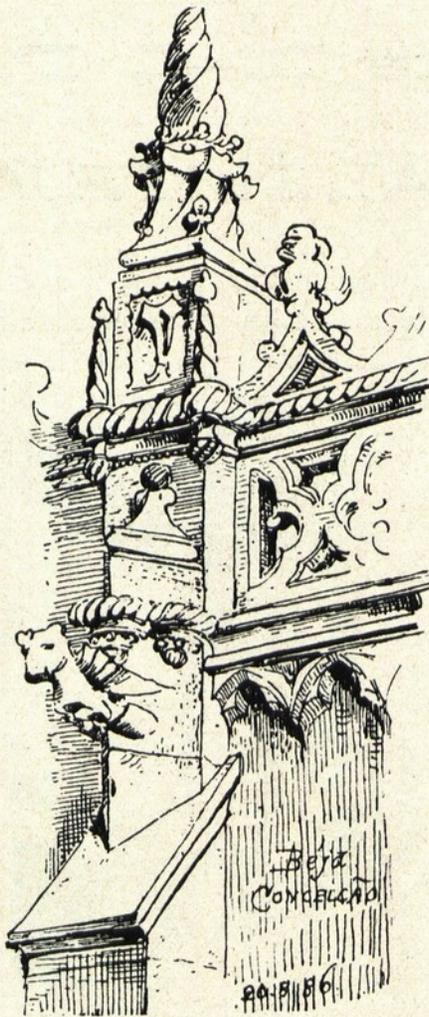
Distante de Evora meia duzia de milhas, na direcção da serra, jaz a ruina de um pequeno solar, a Sempre Noiva, edificado pelo arcebispo D. Affonso de Portugal, no principio do seculo xvi. As estampas annexas, nas quaes completei apenas os telhados, reproduzem a fiel imagem do edificio, que pôde

ser considerado como um paradeiro de caça portuguez da época mencionada. Apresentam absoluta concordancia as suas fórmulas estruturales e as dos Paços de Evora, sendo provavelmente obra do mesmo mestre, Martim Lourenço, talvez, a traça de um e outro edificio. É uma construcção compacta, na apparencia, com um andar, apenas, á excepção de um lanço quadrado, contiguo á capella accrescentada em data posterior, apresentando mais um andar, atoreado, e com uma açotea coroada de ameias, ligada com um corpo inferior por meio de uma escada de caracol com telhado cónico. Esta torre foi depois construida á prova de fogo, visto como é toda ella abobadada, ao passo que nas quadras do andar superior, sobre-elevado, os tectos são de madeira.

O corpo principal da escada é de construcção posterior e faculto accesso, junto ao patim, a um eirado en-

cimando uma abobada.

O andar nobre ostenta umas janelas de marmore branco, uma das quaes se acha já reproduzida no volume I. As fórmulas são manuelinas-amouriscadas, e bem assim na accrescentada capella, que alcança ao nivel do andar superior da mansão, de sorte que o dono podia, da propria torre, assistir ao serviço divino. Os botareus da



NO CORO DA EGREJA DA CONCEIÇÃO  
EM BEJA

capella, esteios da abobada artezoadada, são semi-circulares, como os de S. Braz; uma porta, com uns alizares de formosa ornamentação manuelina e a padieira de contorno em extremo accidentado, faculta a sahida.

Os pavimentos do andar superior são de ladrilho, de padrão muito singelo, as paredes com uns silhares de azulejos verdes e brancos, despreziosos. E não obstante, o conjuncto é digno e aprazível, interessantes, por vezes, os pormenores, como, por exemplo, a escada principal, ao passo que as trazeiras apresentam um agrupamento pinturesco e de summa originalidade, singular, por partes, como a notabilissima escadaria helicoidal.

Acairela a linha do edificio um friso de esgrafito.

\*  
\* \*

O imponente castello do Alvito é, dentro do circulo das nossas considerações, da mais subida importancia. A meio caminho, mais legua menos legua, entre Evora e Beja, corresponde no todo á architectura dos palacios ali descriptos, taes como a Sempre Noiva.

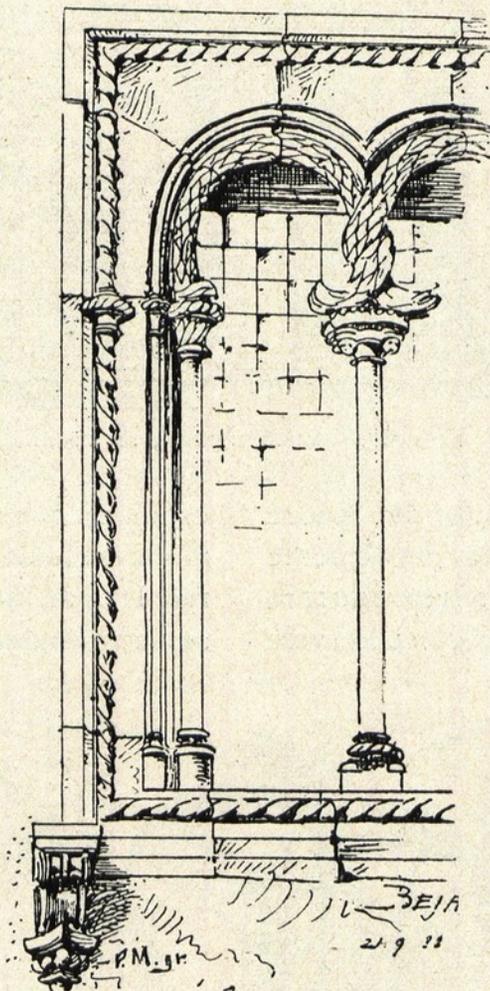
A edificação do castello foi encetada em 1494, por D. João II, e depois de concluido, investidos na respectiva posse por el-rei D. Manoel, os, então, barões de Alvito, hoje marquezes.

E' um dos mais consideraveis da época, com quatro torres redondas nos angulos, e uma, quadrada, no pateo coroado de ameias e coberto por uma plataforma, todo elle abobadado, abrangendo um pateo central, quadrado, cujo piso inferior é em arcarias.

Costrucção singelissima, ostenta exteriormente um portico ogival com armas reaes e as da casa de Alvito, encimando uma inscripção (1), e quer no corpo superior quer em algumas das torres, parte das janelas geminadas, á feição das que observamos na Sempre Noiva, e ainda mais pronunciadamente mouriscas.

O interior, ao qual eu infelizmente não pude ver, abrange um certo numero de salas grandes e pequenas, e entre ellas uma com a designação «dos Veados», assim como uma capella. Tanto o crucifixo como as valiosas alfaias d'esta capella gozam de muita fama.

Pouco tempo depois de me haver ausentado do paiz, vim a adquirir a certeza de que deviamos ver n'este castello o mesmo que Vasari



JANELLA NO CONVENTO DA CONCEIÇÃO,  
EM BEJA

(1) Reza o seguinte a inscripção:

«Este castello foi principiado em 13 de agosto de 1494 á ordem de el-rei D. João II, que Deus tem, e concluido no reinado d'el-rei D. Manoel o I nosso senhor; que d'elle fez doação a D. Diogo Lobo, barão de Alvito.»

affirma ser construcção de Andrea Contucci Sansovino. (v.: vol. I). As afirmações d'aquelle auctor verificam-se aqui completamente, e o pateo quadrado de arcarias é circumstancia insolita em Portugal, constituindo em Italia, aliás, regra normal.

É robustissima a construcção do castello, e muito em especial a parte que corresponde á era de D. João III. Ousamos esperar que, em resultado de mais aturadas investigações, d'este ou d'aquelle, venha a topar-se com algum testemunho importante da actividade de André Contucci no paiz. Seria conveniente estudar com attenção a reproducção por elle feita do mesmo castello (vide a obra de Vasari).

\*  
\* \*  
A cidade de Beja, situada ao sul, a caminho do Algarve foi, em mais de um caso, residencia de principes, desde o reinado de D. Diniz; possui um castello com uma soberba torre gothica de marmore branco. O infante D. Fernando, pae de D. Manuel, aqui falleceu e jaz sepultado na adornada igreja da Conceição. Esta incide com o ultimo periodo do reinado de D. João II, e todavia, no seu coroamento, denuncia já

por fórma cabal o novo estylo incipiente. Na estreita e mesquinha igreja conventual existe ainda uma abobada manuelina; o restante foi reconstruido e forrado de obra de talha. A residencia annexa da abbadessa



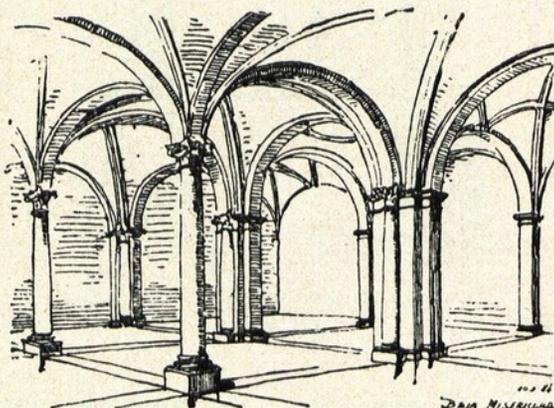
EGREJA DA MISERICORDIA, EM BEJA

esquina, o principio de um palacete não destituido de importancia, com puras fórmas da Renascença, os lanços superiores da parede com umas faixas

lisas, e janellas de gelosias, o andar nobre, arcaria rasgada sobre formosas columnas, nos intervallos, renques de pilastras, e por baixo o principio de uma escadaria, exterior. Seria acaso um palacio para logradouro proprio, principiado a edi-

ficar aqui, já por D. Fernando já por D. Manuel, o qual, antes de ser rei, tinha o titulo de duque de Beja?

Despertam-nos aliás interesse mais alguns edificios religiosos, mercê da pureza do seu estylo da Renascença. Acima de todos a igreja da Misericor-



INTERIOR DA MISERICORDIA, EM BEJA

dia, em cuja robusta fachada rustica, alternam motivos no genero de Serlio (que a estampa annexa reproduz). Internamente, uma columnata sobre planta quadrada, de nove lanços de abobada sobre quatro esbeltas columnas, cortada por outros tres lanços de abobada, estabelecendo uma nave transversal, esteada por pilares e com tres nichos de altar, planos. É um recinto formoso quanto aprazível, delicados os pormenores, muito semelhante ao de Nossa Senhora da Conceição, em Thomar; a igreja é possível haver sido edificada cêrca de 1560 a 70. O que não exclue a hypothese de poder ser mais moderna, se considerarmos a vizinha igreja de S. Thiago, da qual reza uma inscripção haver sido erigida á ordem de Philippe II, por D. Theotonio, arcebispo de Evora. É uma basilica de tres naves com doze columnas doricas e abobadas d'arestas, nave transversal e tres absides absolutamente quadradas; a nave central recebe luz de cima, de umas janellas redondas. Internamente, as bancadas muito fazem lembrar as da Mesericordia. Ha nobreza, na pormenorização architectonica.

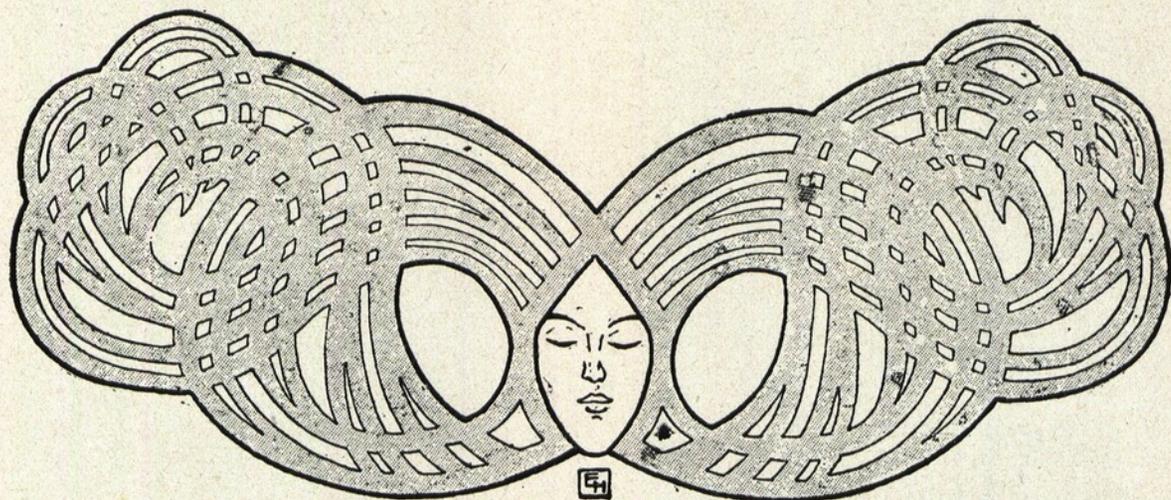
A caminho do Algarve, nas margens do Guadiana, topamos com a villazinha de Mertola, notavel a nossos olhos mercê da sua igreja, cuja planta nos interessa.

É de quatro naves e quatro lanços, e dezeseis lanços de abobada sustentados por nove columnas; as fórmas accusam o alvorecer do seculo xvi. Á altura das primeiras columnas, do lado direito, ergue-se uma formosa pia de baptismo de secção estrellada.

Apresenta originalidade o exterior; o portico em apurado estylo da primeira Renascença com candelabros e quejanda ornamentação, com os competentes botareus e campanario, que não conseguem obliterar a esta igreja o seu character de antiguidade, confirmado aliás pelo respectivo diadema de ameias. Aqui se nos defronta, com absoluta certeza, a unica real e verdadeira mesquita existente no paiz, devolvida ao culto christão no decurso do seculo xvi.

Em Alcoutim, sobre o Guadiana, admiramos o formoso portico da igreja, no character do meio do reinado de D. João III.

(*Continúa.*)



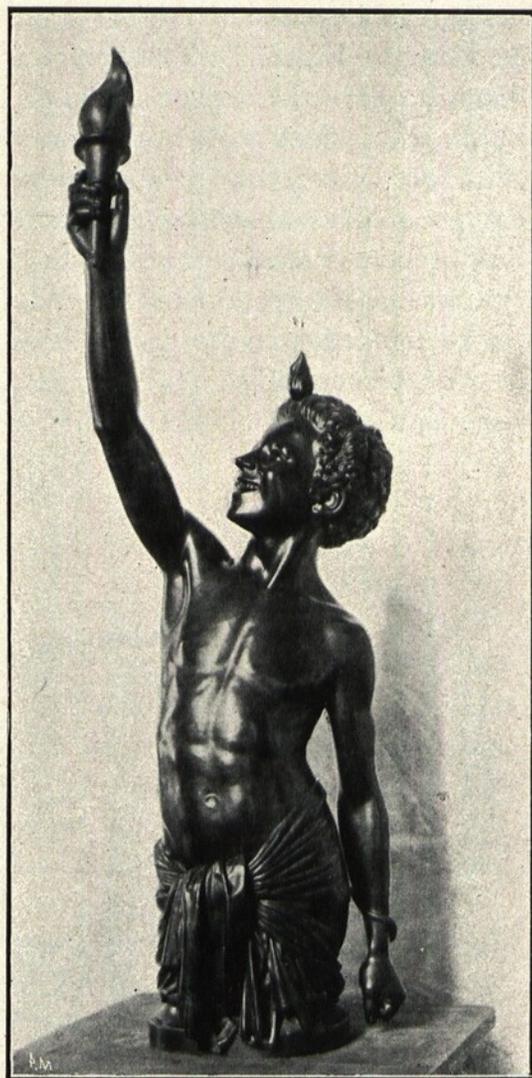
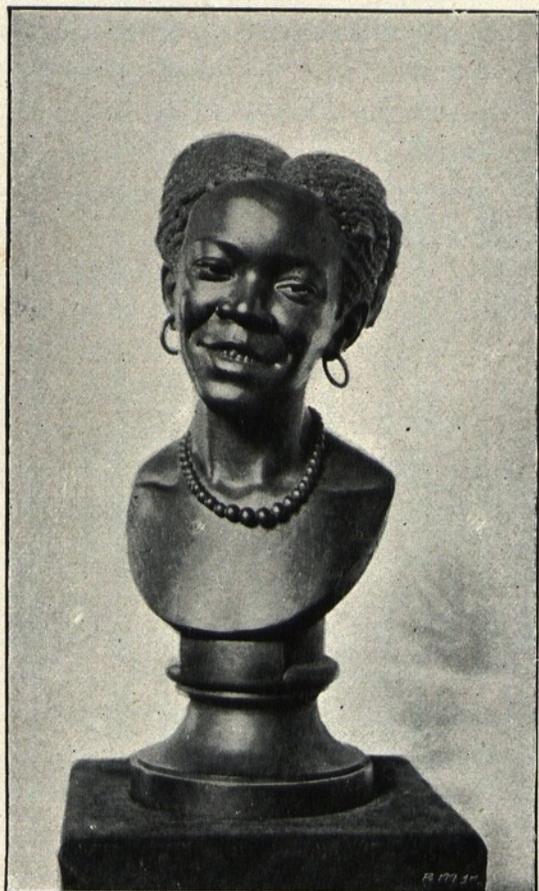
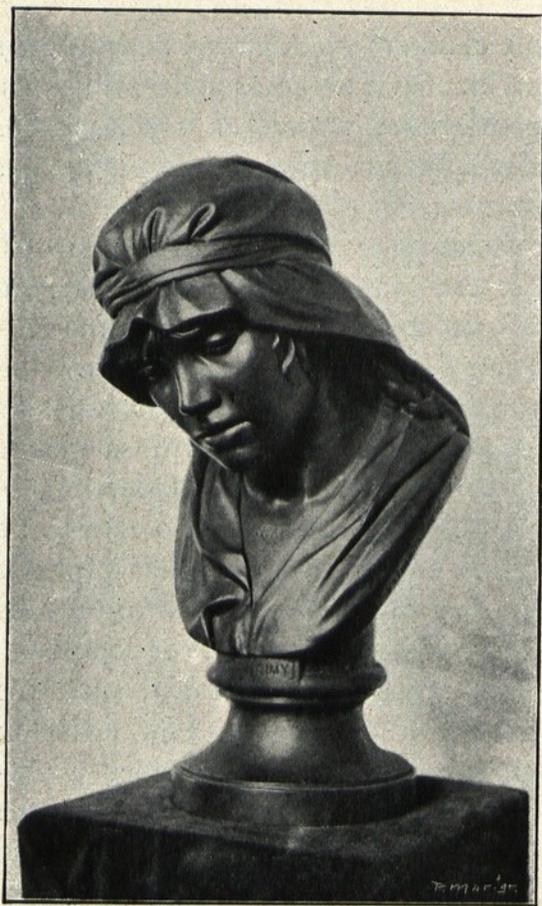
A POESIA DA ARTE

(NA ESCULPTURA)

*Póde o genio co'o einzel  
N'uma pedra bruta, informe,  
Expressar que o amôr não dorme  
E que, se é forte, é cruel.*

*Póde rasgar-lhe um olhar  
Tão fino e tão sensitivo  
Que pareça, além de vivo,  
Desejoso de matar.*

*E pôr n'um gesto altaneiro  
Tão evidente a victoria  
Que... não haveria gloria  
Sem haver GENIO primeiro.*



A POESIA DA ARTE

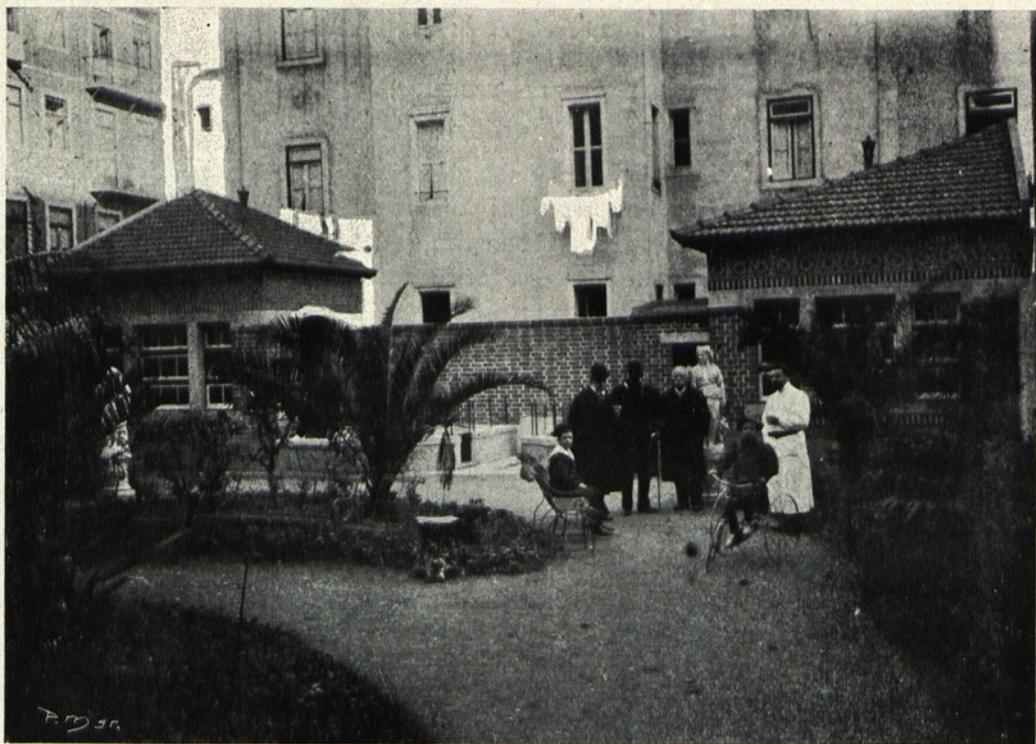
(NA PINTURA)

Nada falla ao coração  
Como um rosto de creança,  
Onde ri sempre a esperança  
E brinca alegre a illusão.

Era estúpida ha pouco e sem valia  
A tela, antes de a ter em si deitada ;  
Depois, rica de côr e de harmonia,  
Mostra o poder de alguém que não faz nada.

Fidalgo, elegante, e velho,  
De olhar brilhante e profundo,  
Que nos diz: vi muito o mundo  
E li pouco o Evangelho.





JARDINS E ESTABULOS

## Parque vaccinogenico de Lisboa

**N**ão ha ninguem que desconheça os terriveis effeitos da varíola, essa devastadora epidemia que constantemente arrebatava milhares de crianças, e até adultos, aos carinhos dos seus, nem quem ignore que a vaccina os attenua consideravelmente, quando não dá aos inoculados uma immundade completa. Por isso a vaccinação se tornou uma necessidade, e, nos paizes onde a hygiene e saude publicas são cuidadas com a attenção que aos poderes publicos devem merecer, ella é obrigatoria, applicando-se a vaccina animal ou *cow-pox*, produzida e preparada em estabelecimentos proprios, montados pelo Estado ou devidos á iniciativa particular.

Portugal apenas possui um instituto d'este genero, o Parque Vaccinogenico de Lisboa,

fundado em 1889 pelo sr. dr. Carlos Moniz Tavares, illustre cirurgião em chefe do exercito, que não se tem poupado a esforços para o tornar um estabelecimento modelar, á altura dos melhores do estrangeiro.

Installado a principio na rua de S. Bernardo, á Estrella, mudou-se mais tarde para a calçada do Marquez de Abrantes, e encontra-se actualmente na Avenida D. Amelia, em casa construida expressamente para o fim a que se destina, dotada das melhores condições hygienicas e onde o bom gosto e a elegancia se alliam ás mais modernas e perfeitas installações, exigidas em estabelecimentos d'esta natureza.

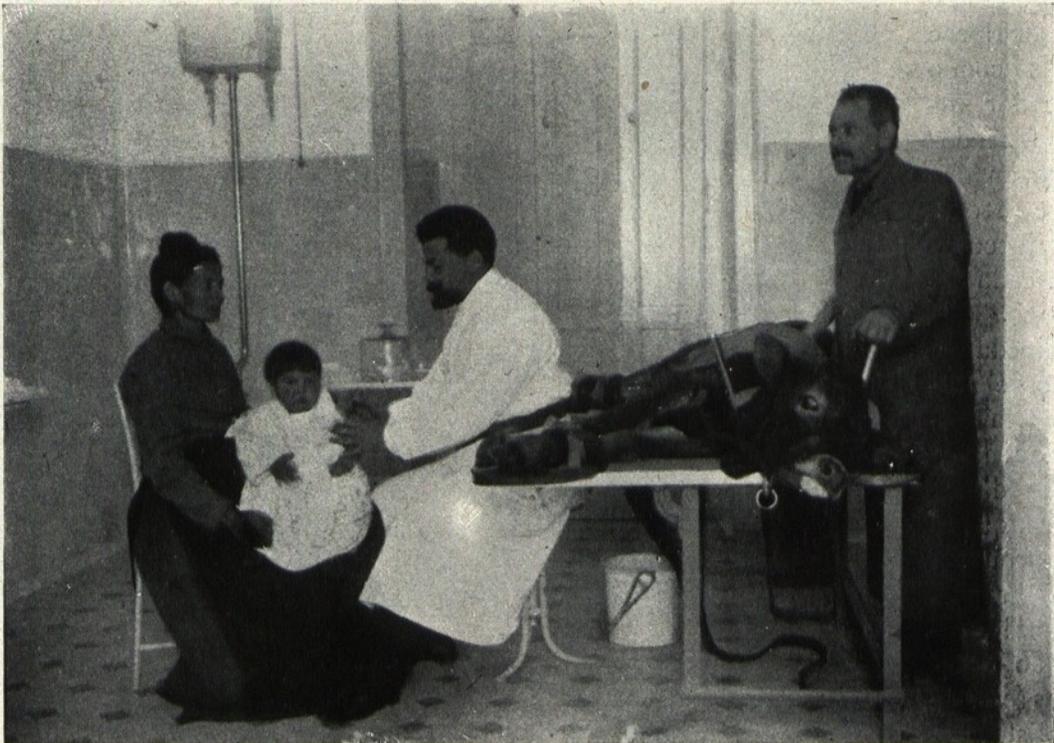
Para lá nos dirigimos no intuito de tornar conhecido dos leitores dos *Serões* um dos institutos, que tão valiosos serviços tem já prestado ao paiz, que o tornam crédor do apreço e estima com que o publico o distingue.

Quasi junto ao sitio onde existia a antiga igreja dos Anjos ergue-se a nova edificação, de bella apparencia. Na sua fachada lê-se em lettras douradas *Parque Vaccinogenico*, e duas escadas exteriores dão ingresso ao estabelecimento. Logo na sala de espera, que serve ao mesmo tempo para a venda da vacina, chamou-nos o olhar, não só a casa, que é ampla e tem as paredes forradas de azulejos que excedem a altura de um homem, mas o mobiliario todo branco, de esculpido afeito.

Depois de esperarmos alguns momentos,

cinha a quem dispensava cuidados affectuosamente paternaes. N'uma das estampas que acompanham este artigo pódem os leitores dos *Serões* julgar o conjuncto do espectáculo que nos impressionou, sem comtudo descerem ás minucias que nos foi dado apreciar. Para tudo ter sido pensado, até as torneiras dos lavatorios pódem ser movidas por pedaes para evitar, quando as mãos estejam enxovalhadas, o seu contacto.

No laboratorio, onde abundam excellentes aparelhos, que seria longo enumerar, mas todos modernissimos e dos melhores, existe,



SALA DAS OPERAÇÕES

fômos recebidos pelo illustre director do Parque a quem de ha muito conheciamos e pessoalmente consideravamos.

Expozemos-lhe o motivo da nossa visita, e sua ex.<sup>a</sup> com a amavel gentileza que o caracteriza se prestou a mostrar-nos elle proprio o seu instituto, descrevendo-nos os aparelhos e as suas applicações com o justo desvanecimento de quem vê coroados os seus esforços do mais completo exito. A casa das operações é um modelo no genero que os olhos se não cançam de apreciar e os labios de louvar. Alli o dr. Barral Moniz Tavares, ajudante de seu pae, vaccinou na nossa presença, e com o animal á vista, uma crean-

como em todo o edificio, o mesmo meticoloso cuidado e preocupação da hygiene.

Visitámos a seguir a sala em que o animal é inoculado, e depois o jardim e estabulos, e tudo nos deixou a mais grata impressão. Nos estabulos estavam tres vitellas, exemplares esplendidos da raça beiróã, fornecidos pelo acreditado marchante Marciano Thomaz Costa; uma prompta a ser inoculada, duas em observação e, portanto, em estabulos separados. O medico-veterinario Annes Baganha exerce sobre ellas constante vigilancia; e logo depois da colheita vaccinica, as vitellas são abatidas no matadouro, sendo enviada pelo medico veterinario ins-

pector dos matadouros municipaes, um certificado dando conta da autopsia feita ao animal e do estado em que elle foi morto.

A vaccina, antes de ser fornecida, é sujeita a um exame bacteriologico e a experiencias clinicas de maneira a poder garantir-se a sua pureza e efficacia.

As vitellas são inoculadas, na sala destinada para esse effeito, sobre uma mesa de operações com movimento de basculo, modelo de Pissin, de Leipzig. Procede-se primeiramente á rasoira da região thoracico-abdominal, de um dos lados, lava-se e desinfecta-se o sitio a inocular, e vaccina-se com o escarificador especial, fazendo-se approximadamente cento e tantas inoculações em cada vitella.

Terminada a operação, é resguardada a região vaccinada por meio d'uma cobertura, que se nos afigurou ser de linho branco, e o animal conduzido ao estabulo das vacciniferas. Esta operação tem logar no sabbado.

Na quarta-feira seguinte faz-se a vacinação com a vitella á vista, e colhe-se a polpa vaccinica, não só para o gasto do estabelecimento, como para abastecimento de hospitaes, boticas e consumo publico.

N'essa mesma tarde ou na manhã seguinte o pobre animal, que por infelicidade sua era perfeito, soffre o triste destino que prematuramente lhe impõem. A' vaccina colhida é adicionada glicerina pura esterelizada, triturada n'um aparelho especial.

Retirámo-nos captivados com a amabilidade do Dr. Moniz Tavares e de seu filho que é um precioso auxiliar de seu pae e a quem os estudos sobre a vaccina têm merecido a mais particular attenção.

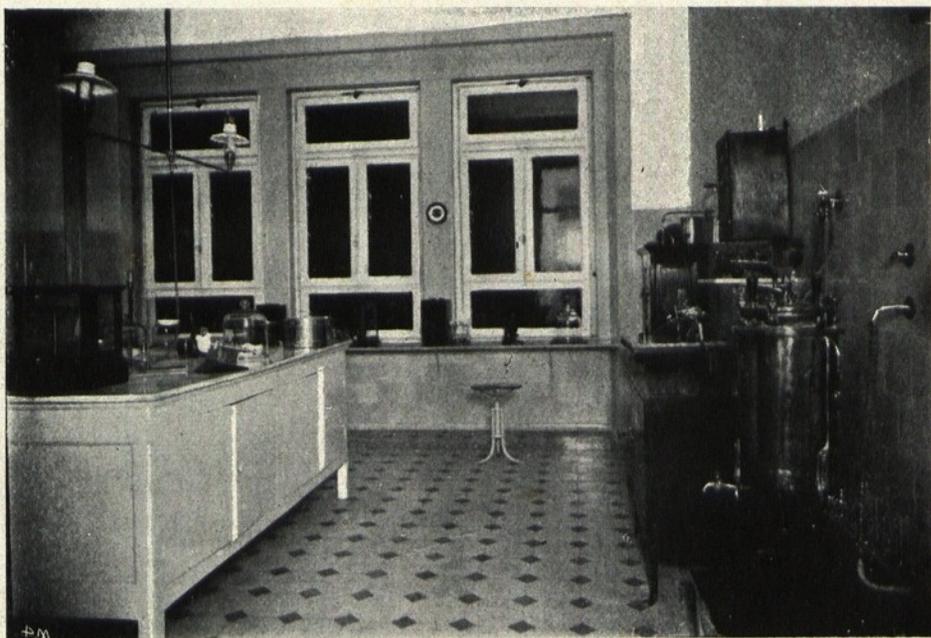
A poucos passos da porta, quando esperavamos um electrico que nos trouxesse ao

seio da cidade, duas mulheres discutiam as vantagens de vaccinar os filhos.

— Eu não creio *n'aquillo*, dizia a mais velha em tom de superioridade, mettendo nos dentes uma ponta do lenço e puxando a outra com a mão esquerda para o chamar ao seu logar. São lérias.

A outra com mal disfarçada ironia, voltou-lhe:

— Pois sim; mas eu fui vaccinada, tive bexigas e fiquei como vê; e vossemecê, que não se vaccinou, ficou defeituosa.



LABORATORIO

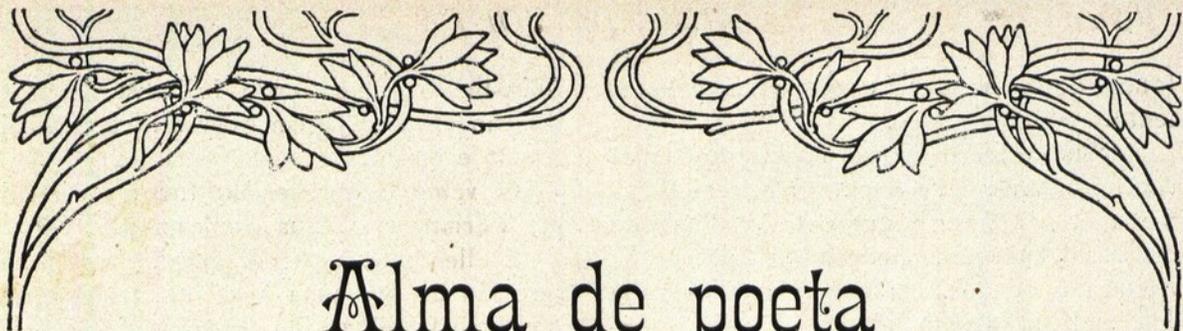
— Defeituosa! retorquiu-lhe a outra abespinhada, olhe que lá diz a cantiga:

*Chamaste-me bexigosa?!  
Que te importam meus signaes?  
Eu nunca vi céu sem 'strellas  
Nem altar sem castiçaes.*

Então um garoto que, divertido, as observava de mãos nos bolsos, assobiando estridulamente, soltou uma gargalhada exclamando:

— Olha a sirigaita! Pois fique-se com as suas estrellas, e vá levando os filhos á vaccina, que elles bem dispensam ter astros na cara.

As mulheres ficaram vociferando contra a má criação do rapaz, e nós subimos para um electrico que, contra o costume, appareceu a proposito.



# Alma de poeta



velho caminhava vagarosamente, parando de tempos a tempos para respirar com dificuldade.

Comtudo a jornada não fôra longa nem penosa.

Mas o velho gasto pela edade, e talvez por um soffrimento latente moral e physico, sentia-se completamente exausto.

A sua comprida barba branca admiravelmente cuidada, e os seus grandes olhos negros, profundamente cavados, davam-lhe o aspecto austero d'esses philosophos da antiga Grecia.

No entanto adivinhava-se, como por intuição, que esse corpo debil e fraco, occultava um coração generoso, talvez mesmo ainda juvenil e forte!

Que a sua alma era sensivel, via-se facilmente; porque o velho admirava a natureza — deleitava-se com o perfume delicado das flôres, sentia o canto harmonioso das aves!

De repente, o caminheiro deteve-se deante d'uma roseira, que ostentava orgulhosamente tres rosas de rara belleza. Junto d'ellas, um botão pequenino, todo branco, d'uma pallidez de sonho, vacillava na haste, agitado pela brisa fresca da tarde, e pedia tristemente para o solo.

O velho aproximou-se, e ergueu-o nos dedos tremulos e compassivos. Viu então que mão criminosa mutilara o botão, vibrando-lhe um golpe profundo, na haste delicada, e agora, apenas por um delgado fio, lhe circulava a seiva que ainda lhe alimentava a vida.

O velho inclinou-se, e uma lagrima de sincera piedade pela fragil victima, deslisou-lhe pelas faces enrugadas, e foi cahir no mimoso galho.

O choque d'essa gotta d'agua crystallina e pura, fôra demasiado violento para o pallido botão, que se agitou ainda uma vez na haste, como uma avesinha ferida, e veiu cahir pesadamente no solo!

O velho estremeceu violentamente.

E' que o destino do botão de rosa, era a historia da sua vida.

A sua memoria cançada, retrocedia trinta annos.

Revia todas as phases do seu viver n'essa época.

Apesar de estar em pleno vigor da mocidade, como fôra infeliz!

Era poeta, e poeta de grande merecimento, e os rusticos com quem convivia, chamavam-lhe louco, e tratavam-no como tal!

Desprezavam-no a um ponto, que elle para poder ganhar livremente a sua vida, teve de abafar o seu talento, de suffocar os impetos da sua alma, para não esmagar aquella revoltante estupidez.

Decorreram muitos annos; a sua situação melhorou, e elle pôde emfim tratar com pessoas, que poderiam apreciar o seu extraordinario talento.

Mas elle não ousava manifestal-o; a edade esfriara-lhe as illusões.

Um dia foi-lhe apresentada uma rapariga d'uma belleza maravilhosa, estonteante; chamava-se Adriana.

Em volta da gentil menina borboleteava toda a nobreza juvenil de Portugal.

E o velho apaixonou-se loucamente por ella!

Elle não se illudia; comprehendia que não podia competir com os admiradores juvenis de Adriana e soffria horrivelmente.

De subito, a chamma da paixão ateou-se-lhe mais violenta; o seu fuigor intenso offuscou-lhe a razão, e elle, teve a visão

louca, de supplantar os seus rivaes pelo talento.

Por um esforço extraordinario de memoria, fez reviver esse talento adormecido havia tantos annos, e arrancando-o aquelle doloroso lethargo, compôz um poema de tristeza e de dôr, em que se exahalava a sua violenta paixão, idealisada pelo soffrimento, e pela angustia torturante da duvida.

Adriana leu os versos que a commoveram extraordinariamente; mas elle era um velho, e ella tinha dezoito annos; o apaixonado e vehemente apello, não encontrou echo no seu coração, que desabrochando em plena e risonha alvorada de abril, estremecia ao contacto do frio inverno.

Custava-lhe ferir tão cruelmente o infeliz poeta; mas era forçoso fazel-o; e resti-

tuiu-lhe o poema onde brilhava no papel assetinado, uma lagrima crystallina de admiração e de dô!

O velho comprehendeu tudo; a piedade de Adriana era a sua condemnação.

Elle sentiu uma dôr atroz, e teve a impressão de que uma fibra infinitamente delicada e fragil, se lhe despedaçava no cerebro e se evolava para sempre. Era o seu talento que expirava dolorosamente, succumbindo como o botão de rosa, ao peso d'uma lagrima!

A noute cahia lentamente: havia muito que o sol desaparecera no horisonte.

Agora, a lua surgia radiante. Parecia contemplar docemente o vulto lendario do velho, e envolve-lo na sua luz mysteriosa e pallida, com maternal carinho!

ALINE CUNHA.

---

## A Cachoeira

---

N'um declive, a rolar pelo empedrado leito,  
Grugulejando vem a avalanche sombria  
Que ás vezes, a espumar, galga as rochas e esguia,  
Ás vezes, vae gemer n'algun rochoso estreito.

Súbito, á flor do abysmo a espumarada fria  
Gargalha; a agua é um lençol, que ao negro e petreo peito  
De uma rocha, atirado, estilha-se; e desfeito,  
Ora raiva e rebrame, ora canta e assobia.

Em baixo o rio estoura; empina-se, disforme.  
Branda e unctuosa, a garôa, no fundo, se levanta,  
A relva molha; molha o lôdo ruim que dorme;

E nas folhas, o olhar d'agua em pingos de prata  
Olha a cachoeira que, lâmina de aço enorme,  
Apunhala o silencio e a placidez da matta.



O MUSEU ARCHEOLOGICO DE GUIMARÃES (SOCIEDADE MARTINS SARMENTO)

## Sociedade Martins Sarmento

**P**OR esse paiz fóra, tão fértil em benemeritas iniciativas, levam uma vida ignorada e difícil dezenas de collectividades que, honradamente, ajudam a erguer o nome do seu paiz e contribuem para o bem estar geral com a quota parte da sua obra altruista. D'entre ellas é de justiça destacar para o primeiro plano a *Sociedade Martins Sarmento*, de Guimarães, que é o orgulho da velha e historica cidade provinciana, ao mesmo tempo que se torna credora das sympathias geraes pelo fim humanitario e pa-

triotico a que visa — o desenvolvimento da instrucção popular. Levantada sob a egide do nome glorioso que lhe serve de titulo, tem procurado sempre honrar esse nome, que é o d'uma legitima gloria da patria, contribuindo para o progresso de Guimarães, não só no que se refere aos seus estabelecimentos de instrucção, como tambem em todo e qualquer facto que tenda a activar o seu desenvolvimento material. Desde a sua fundação, que coincide com uma grande agitação politica local, das mais graves mas, ao mesmo tempo, das mais sympathicas que tem havido no nosso paiz, a obra realisada representa uma extraordinaria somma de esforços pessoases e dedicações sem limite, pro-

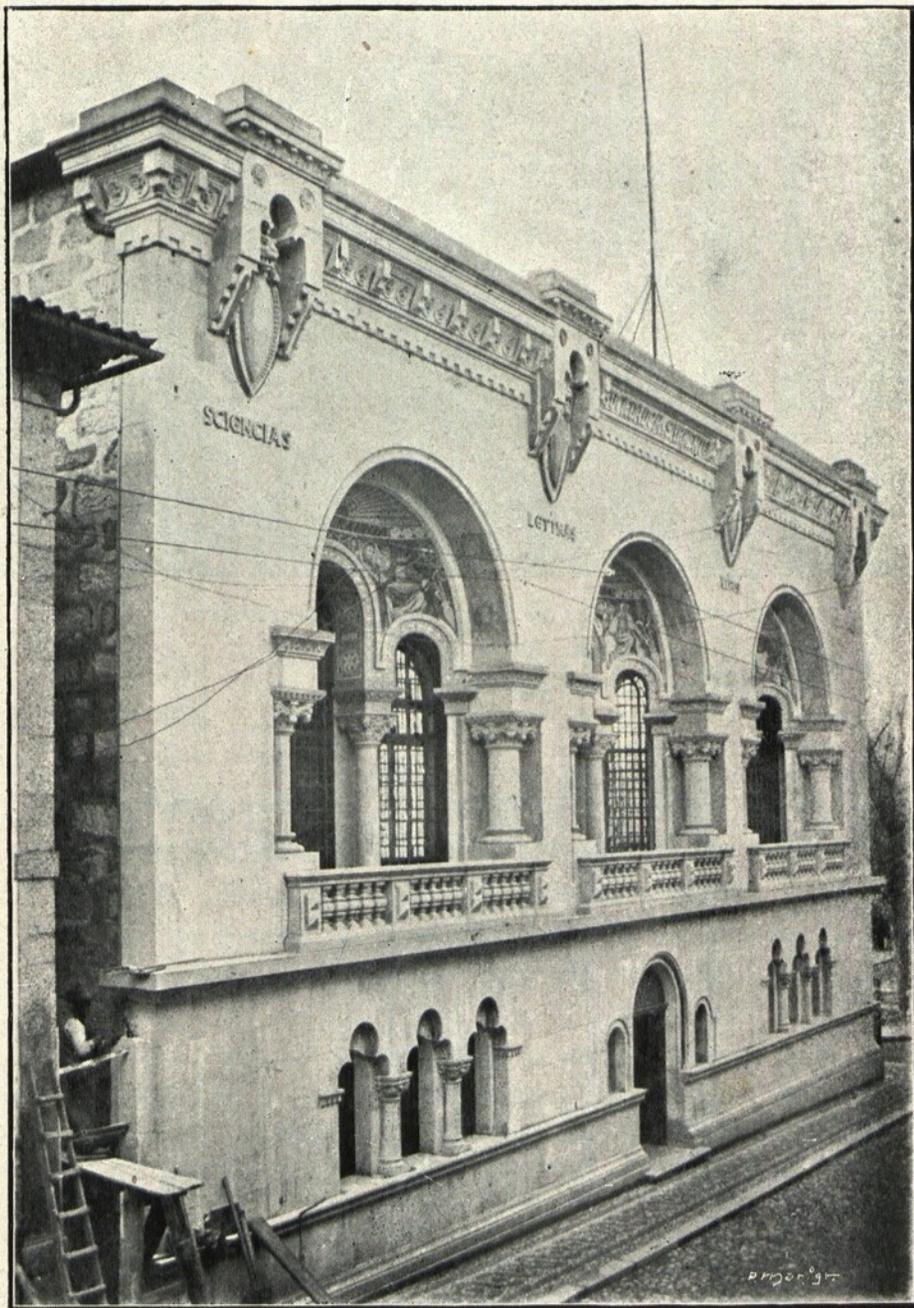
ducto d'um fanatismo benemerito pela grandiosa empreza.

E que differença enorme não vae do tempo em que, n'uma casa modesta e depois de vencidas as relutancias do insigne homem

instituição, chegando a attribuir-se-lhe nos pontos de cavaco indigena intuitos de maçonaria. E as almas piedosas não podiam deixar passar sem se benzerem aquelle grupo ousado de intellectuaes da mais pura raça,

em quem cuidavam vislumbrar o rosto endemoinhado dos inimigos da religião, elles que eram os apóstolos da crusada mais benemerita que ao homem é dado prégar na terra — o arrancar os cerebros infantis á noite tenebrosa do analphabetismo! A obra, porém, fructificou, erguendo-se cada vez mais alto o seu ideal, tornando-se por assim dizer o genuino municipio do velho berço da monarchia.

A dar-lhe alento, a impôl-a ao paiz e ao mundo inteiro, estava e está ainda esse nome glorioso que a inspirou e de quem, a par do valor material que a sustenta, herdou o raro exemplo de quanto pôde a constancia no trabalho, a dedicação pelos pequeninos, pelos humildes, pelos que soffrem. Em cada anno, o dia do anniversario de Sar-



O NOVO EDIFICIO DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

de sciencia para a cedencia do seu nome, já então conhecido de toda a Europa, a *Sociedade Martins Sarmento* se levantou cheia de esperanças e de receios? A vida provinciana, estreita e receosa de toda a novidade, olhou a principio com desconfiança a nova

mento era para o seu coração uma grande alegria, menos porque o festejavam a elle, mais porque sabia que áquella hora a pequenada alegre das escolas estava em festa! Festa que era sinceramente grata ao seu coração de commovido e de vimezanense.

\*  
\* \* \*

Martins Sarmiento era um character a um tempo delicado e forte. Constrangido no pequeno meio social em que vivia, o seu espirito sentir-se-hia inevitavelmente amesquinhar na estreiteza intellectual que o cercava. D'uma inergia varonil e serena, ao primeiro arrepio de ingratição e ignorancia, foi esconder-se no castello forte do seu gabinete, defendido pelos *seus amigos*, isto é, pelos seus livros, como a seu respeito dizia Camillo. A convivencia limitara-se a meia duzia de nomes, alguns d'elles de accentuado valor intellectual. Era, por exemplo, Alberto Sampaio, o amigo de Anthero, o espirito superior, cujo passamento o inconsciente jornalismo portuguez registou ha pouco tempo com tres adjectivos banaes, dando-nos antes a impressão de ter fallecido qualquer Accacio ou Pacheco do que o auctor, entre tantos trabalhos de extraordinario preço, das *Villas do Norte de Portugal*, publicadas pouco antes da sua morte na revista *Portvgalia*; trabalho que, só por si, bastaria para firmar uma reputação, tanta é a copia de conhecimentos manifestada, tão profundas e scientificas a deducção e reconstituição historica.

Era com espiritos d'esta tempera que Sarmiento se comprazia gastar os poucos momentos que lhe deixavam livres os estudos profundos a que se entregára.

D'este modo, quando um dia lhe cahiram em casa os amigos, pedindo a cedencia do seu nome para timbre d'uma instituição que pretendia collaborar no progresso intellectual e material da sua terra, foi uma lucta terrivel, em que o grande sabio se escudava

no isolamento do convivio social em que desejava conservar-se e no receio, quicá bem fundado, de que o emprehendimento generoso não tivesse a comprehensão, e, consequentemente, o applauso do meio acanhado em que ia esguer-se. Por fim venceu-se a sua relutancia e aquella prestimosa collectividade que a esse tempo era apenas uma esperança, veiu a tornar-se uma das maiores consolações da sua vida de trabalho.

Martins Sarmiento creara em volta do seu nome uma atmospera de respeito e admiração. Quando, a caminho das suas excursões pelas cercanias da cidade, atravessava rapidamente algumas

ruas, o povo descobria-se respeitoso á sua passagem, na inconsciencia do seu valor intellectual, mas attrahido pela magia da sua figura grandiosa, arrastado pela voz instinctiva que lhe segredava a verdade. Admiravam-no, amavam-no, como um symbolo sagrado da mais acrisolada fé patriótica, porque reconheciam n'elle uma gloria da sua terra, porque o sabiam defensor



O ARCHITECTO MARQUES DA SILVA

dos humildes e propugnador acerrimo do seu bem estar. E nunca, para ser assim admirado e amado, Martins Sarmiento desceu ás exterioridades, aos *luocs*, com que é d'uso, hoje em dia, attrahir as sympathias populares, fabricando *hymnos*, ou voando de *côr* em *côr* politica.

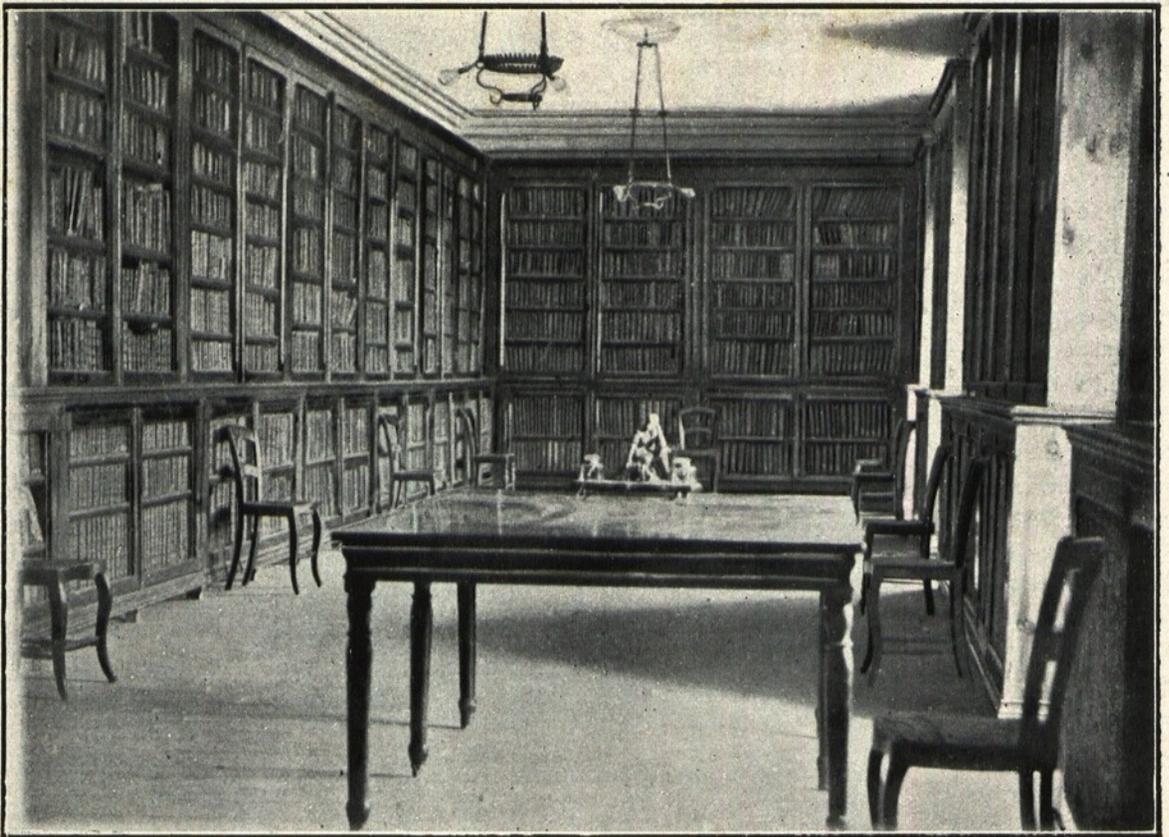
Martins Sarmiento era d'uma modestia sem rebuços. Dois factos servem para o demonstrar, um d'elles já tornado publico, outro talvez ainda sómente conhecido dos que o presenciaram.

Refiro-me, em primeiro logar, á conhecida historia da condecoração do duque d'Avila e Bolama. Este estadista, solicitado por pessoa amiga de Sarmiento e sem licença d'este, para que galardoasse os seus trabalhos scien-

tíficos, que tanta honra deram ao paiz, condecorando-o, negara-se a ceder ao pedido, pretextando que não lhe reconhecia meritos que justificassem a mercê, pendurada já a esse tempo do peito de muito embecil endinheirado. Camillo, que vira a injustiça e a affronta, fustigou o ignorante ministro com aquella dureza e ironia que lhe eram peculiares, a tal ponto que o insensato conselheiro da corôa houve por bem reconsiderar e enviar o *crachá*. Sarmiento, porém,

condecorava Sarmiento por proposta de Henry Martin, que visitara a citania, admirado de encontrar escondido n'um canto provinciano de Portugal um dos homens mais profundamente conhecedores da sciencia da sua especialidade.

O outro facto, que abona a modestia do grande homem de sciencia, presenciei-o eu ha bem bons e saudosos dez annos. Um grande numero de estudantes da Universidade visitava Guimarães. E como romeiros



UMA SALA DA BIBLIOTHECA

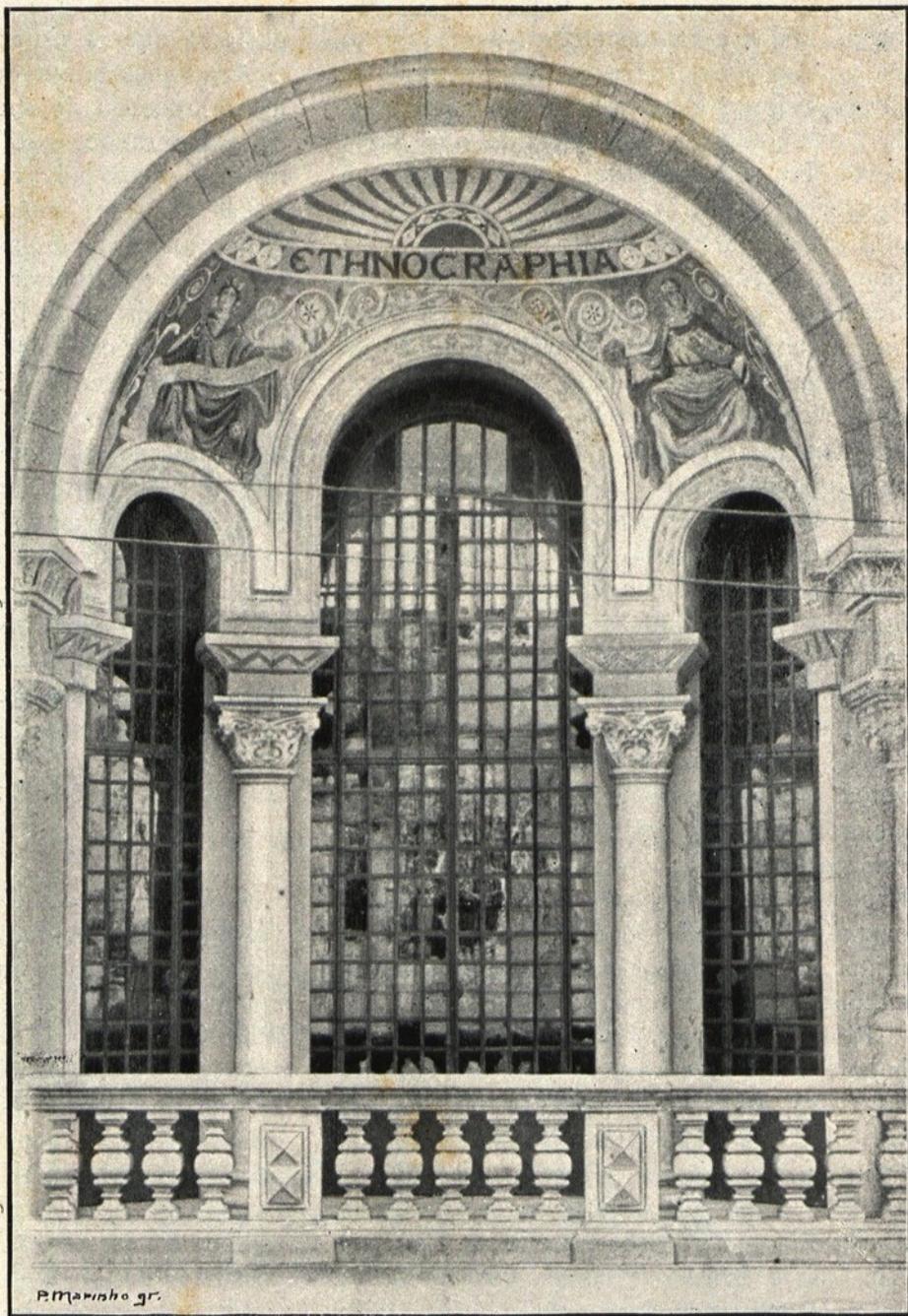
recusou aceitar a venera, affirmando, se não estou em erro, que o seu pequeno cofre destinado a arrecadar d'esses beneficios estava completamente cheio, não sendo possível metter lá mais cousa alguma!... E no entanto esse cofre continha apenas, a fóra os titulos de innumeras corporações scientificas, uma unica condecoração official: a Legião d'Honra, que o governo francez lhe concedera, logo apoz o congresso anthropologico, ao tempo em que o primeiro ministro de Portugal não lhe reconhecia meritos para a concessão d'uma mercê, que tinha no mercado uma cotação reles. O governo francez

que nem no meio do folgar se esquecem da sua fé, os alegres rapazes não quizeram ir de Guimarães sem saudar o homem que, a par da sua auctoridade intellectual, era como que o symbolo da gloria da sua terra. Entraram-lhe de roldão pelo palacio, n'uma vozearia de ensurdecer, aclamando-o com delirio. E no entanto Sarmiento não apparecia. Recebidos por pessoas da sua familia, os estudantes em breve se distraíram do seu intento, quando d'ahi a pouco na sala surgiu a figura respeitavel do Mestre. Logo de todos os lados as manifestações cresceram, rodeando-o com carinho, n'aquelle enthu-

siasmo affectuoso e ardente que só a mocidade sabe dar ás suas expansões. Sarmento sorria. Um estudante adiantou-se e n'uma tirada tribunicia disse-lhe, em grandes gestos e phrases oratorias, o preito que a mocidade vinha alli, prestar-lhe a admiração que tinham pela sua obra, a influencia dos seus trabalhos intellectuaes na evolução scientifica, tudo emfim que poderia envaidecer o seu espirito. E Sarmento sorria sempre. E foi, sublinhado por um sorriso, que lhe illuminava ligeiramente o seu perfil duro, que elle pronunciou um simples, *muito obrigado, meus amigos*. E sorria sempre, mas no sorriso com que d'esta maneira acolhia a mocidade, que o victoriava, traduzia-se todo um mar immenso de saudade, de nostalgia do passado, com que se illuminavam os dias frios do inverno da sua vida. E momentos depois, poucos, Sarmento desaparecia da sala, esquivava-se furtivamente ás acclamações dos estudantes e mergulhava de novo no silencio claustral do seu gabinete, a profundar no pó das gerações passadas a vaidade transitoria da vida. Tão certo é que almas simples são sempre as almas grandes!

Na sua simplicidade estava o seu maior elogio.

A *Sociedade Martins Sarmento* fundou-se em 1881, por iniciativa d'um grupo de amigos do illustre homem de sciencia, que assim



UMA DAS JANELLAS DECORADAS PELO ILLUSTRE PINTOR ABEL CARDOSO

quizeram prestar homenagem ao seu muito saber e festejar o premio com que o governo da republica franceza galardoou os seus trabalhos. Eram, entre outros cujos nomes nos não occorrem, Alberto Sampaio, a

que já fizemos referencia; seu irmão José Sampaio, o intelligente jurisconsulto, contemporaneo do Anthero, e do seu grupo; o dr. Avelino Guimarães, uma grande alma e um luminoso espirito. democrata da mais fina tempera; o dr. Avelino Germano, um medico distinctissimo, que a morte ainda ha poucos dias levou na sua impiedosa desvas-tação. Todos esses elementos, que eram ao tempo dos mais valiosos, se juntaram no mesmo esforço e assentaram em bases solidas esse edificio monumental, que hoje, mercê do seu trabalho, veem prospero e seguro.

N'esses vinte e tantos annos de vida quantas acções benemeritas, mas quantos sacrificios tambem! Nunca a *Sociedade Martins Sarmiento* deixou de velar, já não só pelo bom andamento da sua vida associativa, já não só pelo cumprimento integro do seu programma, mas sobretudo pelo progresso de Guimarães por que tem luctado d'um modo tenaz. Afastando por completo das suas portas a acção nefasta da politica, abrindo-se para todos, fossem quaes fossem os seus ideaes politicos ou crenças religiosas, a sua acção fez-se sempre sentir com resultados beneficos em cada campanha encetada. Assim, se a outros varios elementos se devem muitos dos beneficos que a velha cidade usufrue, ella tem n'elles o maior quinhão de trabalho, porque pelo seu esforço conseguiu a creação do Seminario-Lyceu, a reorganisação da Collegiada, a exposição industrial e agricola de 1884 e tantos outros melhoramentos, que attestam exhuberantemente o vigôr da sua acção.

Dentro do programma que a si mesma se impoz, é das instituições mais benemeritas do nosso paiz. A sua bibliotheca, 30:000 volumes, está franqueada ao publico, encontrando alli as classes pobres vastos elementos para a sua instrucção; n'ella estudaram João de Meira, Alfredo Guimarães, Eduardo Almeida e Alfredo Pimenta, escriptores já em destaque na moderna geração litteraria; todos os annos, na sua festa escolar, dá aos alumnos mais distinctos das escolas do concelho premios em livros e dinheiro, que são o mais benefico incentivo ao estudo; com os seus museus industrial, de nunismatico e archeologico constitue um dos mais interessantes attractivos dos visitantes da cidade.

Impossivel será compendiar n'um curto

artigo tudo quanto a população de Guimarães e até o paiz devem á *Sociedade Martins Sarmiento*. Mas a comprovação d'essa divida está no affecto que todos lhe consagram, não só os que vivem dentro dos muros da historica cidade, mas ainda aquelles que, como eu, longe d'ella, reconhecem que está alli a defeza e a guarda do progresso da terra que os viu nascer!

A herança que a *Sociedade Martins Sarmiento* recebeu do seu primeiro socio honorario é grande, não tanto pelo seu valôr material, como pelas responsabilidades scientificas que lhe impõe. Dirigir a *Sociedade Martins Sarmiento* não é positivamente o mesmo que organizar salsifrés n'uma sociedade de recreio, ou festas apparatusas n'uma irmandade rica. Impõe-se a necessidade de valôres intellectuaes de reconhecida competencia, que não deixem ao desbarato a enorme riqueza scientifica que Sarmiento lhes legou. Felizmente, na hora presente, uma auctoridade na materia superintende em taes assumptos. Refiro-me ao rev. abbade de Tagilde, que saberá guardar com religioso affecto as preciosidades historicas que hoje pertencem á *Sociedade Martins Sarmiento*, que, penso eu, será cada vez mais credôra de sympathias dos filhos de Guimarães.

\*  
\*  
\*

Como os leitores d'esta excellente revista vêem pelas gravuras que acompanham este modesto artigo, a *Sociedade Martins Sarmiento* acaba de conseguir um dos seus mais ardentes desejos: a conclusão da fachada e principaes dependencias da sua séde. Installada no velho convento de S. Domingos, comprehende-se que somma de esforços e paciencia não tem sido precisa para conseguir fazer d'uma casa d'aquella ordem, a esplendida installação que a *Sociedade* hoje possui.

O seu salão de festas, bem como a escadaria e a fachada principal, veem agora de ser concluidas, obedecendo a sua construcção a um plano elegante e artistico. O architecto sr. Marques da Silva, do Porto, e o pintor sr. Abel Cardoso, conseguiram realisar um *ensemble* gracioso e artistico, sem darem ao seu trabalho as proporções, que pareceriam desproporcionadas, d'uma obra

monumental, velha costumeira que inutilisa por esse paiz fóra muito trabalho de valor.

O architecto sr. Marques da Silva é um nome feito e autenticado por obras conhecidas, entre as quaes destacaremos a estação central do Porto.

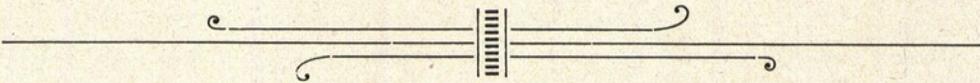
O sr. Abel Cardoso, que tem o curso da Escola de Bellas Artes do Porto e estudou em Paris, é pouco conhecido nos acanhados meios artisticos de Lisboa, pela recatada vida provinciana em que se occulta. No emtanto,

em algumas exposições, como ainda ha pouco no Brazil, a sua obra tem sido elogiada com justiça. O seu trabalho de pintura decorativa nas novas installações da *Sociedade Martins Sarmiento*, veem augmentar justamente a sua reputação.

Como veem, a illustre collectividade de que nos occupamos de fugida n'este pequeno artigo, ganhou mais uma *étape* no seu caminhar progressivo. Oxalá ahi não pare e nós todos os que a amamos possamos vê-la prosperar dia a dia!

ANTONIO GUIMARÃES.

---



## SONETO

---

A caminho da luz que o deslumbra,  
 Cego de tanta luz que lhe fugia,  
 Desde bem longos annos, noite e dia,  
 De a buscar com amor se não cansava.

Esbrazeante fogo, ardente lava,  
 Ao pobre caminheiro ia levando  
 Atraz da sua estrella, como quando  
 Sua linda Rachel Jacob buscava.

Mas, na dura jornada desleal,  
 Sei lá que tempo andou assim sósinho  
 O moço torturado do Ideal...

Quando pôde abraçá-la no caminho  
 Da vida que sonhara — por seu mal,  
 Elle era (e tambem ella) já velhinho!



# Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes  
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

XXX

O BARCO

(Continuação)

Nunca visitara antes a parte norte da casa e a curiosidade levára-me até o alpendre das embarcações, á beira do rio. No ponto mais elevado estendia-se um jardim, superior ao lago, da banda occidental, vedado por um alto muro, no qual se rasgava uma pequena porta. Tanto quanto a minha observação me elucidou antes de chegar ao alpendre, imaginei que em occasiões ordinarias esta via permittia á gente da casa atravessar o parque sem ter de se servir da ponte levadiça. Qual não foi, porém, a minha surpresa, quando vi a porta escancarada a essa hora do dia, as outras, do alpendre, da mesma fórma abertas e batendo ao sabor do vento.

Estas circumstancias não podiam deixar de me impressionar. Vira já um barco proximo do jardim, mas não havia nada de inquietador no facto. Todavia as portas abertas levaram-me a acreditar que a vigilancia de Blondel tinha suas razões de ser. Por outro lado, o barco podia ter sido levado para fora do lago afim de provar que eu

passeava um pouco afoutamente por fora do edificio. e que me devia precaver. Compreendi qual era o meu dever, e mettendo-me pela relva, chamei a mim toda a minha coragem.

Dentro de um dos barcos do alpendre dormia um homem a somno solto. Juraria que o vira antes, mas não tinha a certeza. Que era estrangeiro, russo pelo aspecto, e aparentemente com intenções pouco pacificas, eram conclusões tão inevitaveis como suggestivas. Velozmente representou-se-me no espirito o que significava a presença d'aquelle homem. Attestava um grande golpe que falhara ou que ia ser tentado.

Não era muito difficil, raciocinei, que tres ou mesmo quatro homem passassem do parque para o jardim, ao passo que o barco continuava amarrado debaixo do telheiro e a porta ficava aberta. Esta idéa implicava um descuido tão prodigiosamente louco que a arredei de mim. Acudiu-me sem demora a reflexão que eu deveria neutralisar esse homem, ou que tudo ficaria perdido n'aquella casa, sem remedio. A obsessão não me largou. Não possuia meios nem recursos para o conseguir. A magnitude da conjuntura empolgou-me — só me lembrava que a vida de Cavanagh corria risco... ou a d'elle ou a do filho.

Devia apoderar-me do barco custasse o que custasse. Examinando uma vez mais o telheiro, convenci-me que o homem ainda dormia, mas que se virava mesmo a dormir. Se estava armado, as armas não eram visíveis. Não se lhe poderia chamar um homem forte, ou mesmo de physico avantajado. O seu rosto não deixava de apresentar uma expresssão bondosa. Lembrei-me de prompto, tanto por causa da sua subita apparição como do plano que concebi, que me podia atirar para dentro do barco de repente, desamarrear o cabo e largar-me pelo lago adiante antes do desconhecido pensar em me hostilisar. Se gritasse não havia duvida que acorreria a gente de casa. Permanecia assim indeciso, a ponderar se me atiraria ou não ao dorminhoco, quando elle proprio me ajudou a tomar uma resolução.

Examinando tudo, depois, socegradamente, creio que o tal plano era uma estupenda loucura. Ninguem, comtudo, pesa estas coisas quando o apuro é grande e o tempo escasso. Para ser franco, concordei mais tarde commigo mesmo, que o tal projecto seria um rematado disparate. Abrindo a porta do telheiro, o mais devagarinho possivel, caminhei ao longo da embarcação em direcção da amarra, e atei-a com um nó vulgar que todos sabem dar. Prendi o cabo á cancella e preparei-me para saltar para o escaler. N'este mesmo instante o homem que dormia acordou, assentou-se e olhou para mim.

As nossas reciprocas situações eram: o desconhecido meio acordado e a pestanejar; eu com o cabo ainda na mão e vendo desfazer-se o meu plano antes de o pôr em pratica. A nossa mutua curiosidade era superior a qualquer outro sentimento. Ali estava eu á prôa do barco, com o braço estendido para a cancella a que prendera o cabo, n'uma attitude pouco firme, com as minhas intenções bem pátentes.

Elle, do seu lado, exprimia a idéa que eu não estava só e que o meu anniquilamento se tornava uma necessidade urgente. Vi-o introduzir a mão na algibeira do casaco e retiral-a rapidamente. O seu olhar atemorizado fixava-se aqui e ali como o de um animal perseguido. De subito, reconhecendo que as outras portas, as que davam para o lago, não estavam fechadas, soltou um grito clamoroso, pegou n'um croque e arremessou o escaler para o rio.

Tudo isto teve a duração de um relampago. Foi n'um abrir e fechar de olhos que deu o impulso, que as portas se abriram, que o barco passou. Nenhum marinheiro seria mais destro que este aparente labrego, com o seu rosto meigo, com os seus olhos humildes, com o seu louco desejo de fugir. Ainda que eu dispozesse do triplo da rapidez de que dispunha, a minha agilidade não o conseguiria deter. Devo, porém, declarar, que me precipitei para o escaler quando elle passou junto de mim, e não conseguindo deitar-lhe a mão, cahi a todo o comprimento no seu rasto. Cinco segundo depois o desconhecido debatia-se na agua do lago, e comprehendi então com que injustiça eu accusara Blondel.

Que tinham arrombado o escaler não restava a menor duvida. Encontrando difficuldade talvez em realizar os seus projectos, isto é em realizal-os com segurança, recorreram a uma armadilha. Só depois do bote se mover é que a verdade appareceu. Mal transpuzera a cancella quando se encheu de agua até á borda e se afundou em sete pés no rio muito claro. O russo, não sabendo nadar, levantou as mãos acima da cabeça e soltou um grito afflictivo. Suppuz que o homem se afogasse antes de eu ter tempo de chegar ao pé d'elle; esperei que voltasse de novo á superficie, bradando-lhe que deitasse a cabeça para traz, e lancei-me, sem ter bem a consciencia do que fazia, a nado, em direcção da cancella do jardim, para lhe prestar socorro.

O facto, n'outra qualquer circumstancia, não apresentava nada de notavel. O rio ou o lago, porque se lhe davam os dois nomes, tinha a largura de quarenta jardas. A agua aquecida já pelo sol da manhã estava tépida, agradável; só os caniços se tornavam um pouco incommodos. Eu pelo meu lado evitei-os com facilidade, mas não acontecia outro tanto ao russo, agora muito menos destro que dois minutos antes. O seu peso era enorme, o seu rosto livido — creio que desmaiara — aterrou-me com a suggestão de que eu não poderia livral-o da morte. Além d'este pensamento, acudiu-me outro. Para que salvava eu este homem? Que lhe devia eu? Não viera ali com intentos criminosos? Talvez para matar a creatura por quem eu verteria todo o meu sangue. Estas reflexões redopiavam em torno do meu espirito, mas

não conseguiram desanimar-me. Devia salvar-o fossem quaes fossem as consequencias. Corri para a beira do rio.

Qual não foi o meu pasmo, quando encontrei ali uma dama, — a esposa de Jehan Cavanagh.

XXXI

ROBINIOF

Lembra-se, com certeza, o leitor das circumstancias em que eu vira, duas vezes, esta senhora. A primeira, quando cheguei a Waterbeach, a segunda, quando Blondel me levou através do parque. Só agora, á luz do sol de um dia de outomno, é que eu pude apreciar bem a sua belleza, notar a soberba alvura da sua pelle, o brilho dos olhos, e raciocinar que as suas madeixas de um louro cendrado constituíam o mais lindo cabello que eu admirara em cabeça de mulher.

Todos estes pensamentos foram instantaneos, como é facil de presumir. A dama acercara-se da beira do rio, attrahida ali pelo grito. Eu estacava em frente d'ella, de gorro tirado a mostrar o meu cabello escasso e oleoso, e ficara como chumbado ao sitio. Como narrar lhe o que acontecera — á pobre louca que não comprehenderia a narrativa — como poupar-

lhe qualquer choque? E não podia demorar-me a tomar qualquer resolução.

— Minha senhora — disse — aquelle homem foi victima de um accidente. Se nos pudesse auxiliar.

Calei-me, faltavam-me as palavras. A desditosa senhora andava de um para outro lado manifestando uma grande angustia. Depois ajoelhou proximo do sitio onde o desconhecido cahira, e proferiu palavras singulares, n'uma lingua que eu não conhecia. Agitou as mãos com uma ternura e um affecto que só uma mãe pode patentear ao filho.

— E' Robiniof — exclamou, parando e olhando para mim com os olhos peçados de lagrimas — o meu creado, Robiniof, acuda-lhe.

A minha hesitação encolerisou-a. Bradou quasi irada.

— Apresse-se. O medico ainda está lá em casa.

O seu tom surpreendeu-me extraordinariamente. Já relatei que esta pobre senhora estava não só louca, mas tão perigosamente louca, que tentara contra a vida do filho. N'essa conjuntura,

porém, dava ordens com tanto acerto como qualquer outra dona de casa. O meu pasmo era completo e custaram-me a encontrar as poucas palavras que proferi antes de lhe obedecer.

— Vou immediatamente — respondi; e



...QUANDO ENCONTREI ALI UMA DAMA, — A ESPOSA DE JEHAN CAVANAGH

desatei a correr em direcção da casa, onde me encontrei frente a frente com Fédoro. Em vinte palavras narrei-lhe o que succedera, e em cinco chamei o dr. Hanson, que sahia do quarto da creança. O ultimo dirigiu-se para o jardim com todo o vagar de um medico, mas Fédoro largou-se n'uma carreira vertiginosa como se ouvisse um conto das mil e uma noites. Os outros servos foram-lhe no encalço tão curiosos como elle.

Não ha grande merito em tirar um homem da agua, seja qual fôr a opinião do universo a tal respeito. Sósinho no meu quarto, lembrei-me que algumas damas conversariam com certeza a respeito do acontecimento, que perguntariam umas ás outras: «Quem é Robiniof? Porque é que a sua aparição impressionou tanto a infeliz senhora?» Estava a conjecturar ácerca d'isto quando Bondel me entrou pelo quarto dentro sem pedir licença, mas irreprehensivelmente vestido e imperturbavelmente calmo. Tudo quanto acontecera na vespera parecia ter-se apagado d'aquelle infatigavel cerebro. Assentou-se n'uma cadeira e esperou que eu me vestisse com a calma de um ocioso que frequenta um café.

— Os inglezes estão na agua como no seu elemento — commentou com ironica affabilidade — mas penso que o senhor prefere a agua morna. Que foi o senhor fazer esta manhan ao observatorio? Para que se mostrou tão philantropico?

— A philantropia sempre serviu para alguma coisa.

— E' verdade, e sinto-me perplexo. Essa infeliz senhora, que não reconhecia ninguem ha muitos mezes, lembrou-se do semblante do seu velho creado Robiniof. Quem tal havia de dizer?

— Pois é possivel que o homem, em farrapos, e que não fala uma palavra de inglez viesse desde Baku até aqui, sem nenhum outro guia senão o seu nome?

— Não conhece o Oriente. Ingersoll, se o conhecesse não dizia semelhante coisa. Esse povo dispõe de prodigiosa paciencia. Aposto comsigo que esse maltrapilho caminha ha mezes, faminto, perseguido, talvez, mas sempre resolvido a encontrar-nos. Emquanto esta casa não se tornou conhecida dos nossos incommodos amigos a tarefa tornava-se-lhe impossivel. Mas quando um russo em Lon-

dres sabe alguma coisa todos os russos a sabem. Ora veja o que originam as primitivas emoções... Bem lhe disse em Cambridge quanto Mr. Cavanagh mudara.

— Talvez seja para melhor.

Blondel encolheu os hombos.

— Não tenho nada com isso. Persigo criminosos ha vinte annos, e se viver outros vinte continuarei a perseguil-os. E' um habito que se nos mette no corpo como o vicio do vinho n'um bebado. Agente fiel, sirvo o meu amo o melhor que posso. Dedico a Jehan Cavanagh uma affeição que nada alterará. Mas, meu amigo, sou um artista antes de mais nada.

A sua candura deliciava-me. Compreendi que o temivel Blondel se sentia desalentado com os acontecimentos de Waterbeach.

— Quando regressa a França, Blondel?

— Depende do que succeder hoje. Cavanagh não possui as qualidades necessarias para secundar as suas idéas. Quando me procurou declarei-lhe que faria d'elle o homem mais temido da Europa. E tel-o-hia feito. Duas coisas podem exterminar a anarchia na Europa — homens e dinheiro. Mas devem ser homens e não creanças doentes.

— Ah, a natureza humana brada: «Deus dá-me o meu filho!» ao passo que o senhor queria tornar o filho orphão. E' isso mesmo que eu digo, Blondel, o mundo deve trabalhar para a sua propria salvação. Não ha propheta celestial que salve a humanidade das consequencias accumuladas da tyrannia e da prepotencia. Devemos combater essa gente como sociedade e não individualmente. Reconheci isso desde o principio, embora o argumento vá de encontro ás minhas idéas.

Sacudiu a cinza do cigarro e recostou-se com indolencia.

— Tudo isso será verdade — declarou elle — mas eu não tenho nada que ver com isso. Sirvo a quem me paga. Se Jehan Cavanagh precisar de mim basta levantar um dedo e aqui me encontra. A sua vontade depende da vida do filho. A existencia do meu amigo deslisa pelos livros e clubs, a minha pelos commissariados de policia e pelas cellulas das penitenciarias. A minha actividade resume-se n'isto... mas nem por isso deixo de ser um artista.

— E este artista, não encontra ambiente apropriado em Waterbeach e dispõe-se a

voltar á Belgica. No entretanto que faremos nós aqui... que destino terá Paulina Mavieff?

— Volta para o meio dos seus amigos... Cavanagh é fraco; comprará a segurança propria com a liberdade d'ella.

— Prasa a Deus que assim seja.

— Mas se assim succeder... quando se achar no meio d'elles, casará com o homem de quem ella sempre occultou o nome.

— Com o seu cúmplice, ou para melhor dizer com o verdadeiro assassino.

Blondel fez um gesto de indiferença.

— Não a censurarei por isso. Cavanagh odei-a, eu não. Ha algumas coisas que atraem um artista. Isto é uma d'ellas. Continuarei no desempenho do meu mister. Se ella fôr para a America, irei atrás d'ella... se partir para Hespanha, seguil-a-hei. Ha de acabar por dar fundo em Baku. Devo esse epilogo á sociedade, Ingersoll.

— Diga antes á sua propria vaidade, Blondel. Responda-me agora a uma pergunta. Porque evitam que eu a veja?

— Quem o evita?

— E' o que tem succedido até o presente. Se é de opinião contraria...

— Meu amigo, pelo que me diz respeito pode vel-a n'este mesmo instante.

— Era isso que me vinha aqui communicar?

Esboçou um gesto affirmativo sem córar.

— Exactamente — respondeu-me.

E sem mais explicações seguiu-o em direcção dos aposentos de Paulina.

### XXXII

#### A SUA FAMILIA

O solar do Fen fórma quasi um quadrangulo, como já disse. Com apparencia de antiga construcção, é, dentro, um palacio moderno. Paulina fôra alojada no que ali se denomina os aposentos Chesterfield, casas sobranceiras á muralha e ao lago no lado occidental. De lá pode descer-se para o jardim e ilha por uma escada de caracol. As salas apresentam velhos e pesados paineis de carvalho, ennegrecidos mais pelo tempo que pelo uso de quem os habita. Os tectos, dourados e emoldurados em filetes, são citados com louvor pelos guias dos viajantes.

As janellas, largas, deixam passar a luz a jorros, e os fogões não se envergonhariam de figurar n'uma sala de jantar. Foi ali que tornei a encontrar Paulina e onde principiei a antever a causa do seu captiveiro.

Devia principiar por dizer que ella me esperava. Era muito nova, o seu espirito era demasiado vivo para imitar essa attitude de pudica timidez, com frequencia fingido, de certas damas. Encontrei-a ao pé de uma janella aberta. A sua saudação foi a mesma que me dirigira em Bruges... e pareceu-me distanciada de seculos.

— Onde está o meu chocolate? — perguntou-me, e juro que nunca ouvi uma pergunta formulada com tanta naturalidade.

— Está nos estabelecimentos em Londres, Paulina — redargui, pegando nas suas mãos e approximando-a de mim — nos estabelecimentos que breve os dois visitaremos. Não se ponha triste com essa idéa.

Esboçou um tregeito delicioso, libertando as suas mãos das minhas e arqueando o mais lindo pescoço de todo o condado de Huntingdon n'esse dia. N'uma mesa perto havia uma caixa com cigarros russos, tirou um e offereceu-me a caixa.

— Mas eu desejo estar triste — declarou com inconsequencia e cessou immediatamente de sorrir. — E' uma triste casa esta, Mr. Ingersoll; sabe-o tão bem como eu.

Accendi o meu cigarro e só depois lhe repliquei. Esta calculada indiferença não lhe provocou nenhuma demonstração de eloquencia. Conversava commigo em Waterbeach como conversara na prisão de Bruges. E tive que me curvar ante a sua vontade, embora me custasse a reprimir o o desejo de a apertar nos meus braços e de lhe beijar os labios n'uma nova explosão de amor.

— As coisas não vão muito bem, é o que quer dizer, não é assim? — inquiri eu. — O pequeno não passa melhor. Teem falado comsigo ácerca de Ion, Paulina?

— Commigo só falam da Russia e dos meus. Blondel, seu amigo, vem aqui todos os dias e propõe-me: «Ensine-me como havemos de aniquilar os seus amigos e não terá de se arrepender». Esse homem e o outro, Mr. Ingersoll são os meus carcereiros.

— Paulina — bradei — porque consentiu que a trouxessem para Inglaterra?

A pergunta saltou-me espontaneamente,

pois sempre, me embaraçara. Apresentaram-se a Paulina innumeradas oportunidades para comunicar com os seus amigos e fugir do yacht *Lobo do Mar*, se tal tivesse sido sua persistente intenção. O que n'outra parte da Europa poderia ter sido feito com o auxilio da policia era impossivel realizal-o em Inglaterra. Uma palavra minha dar-lhe-hia a liberdade, uma linha enviada á estação de policia mais proxima abrir-lhe-hia todas as portas.

Se ainda não escrevera essa linha, era pelo facto de recear a sua extradicação. O crime que lhe attribuiam faria com que a mandassem para Baku. Eu conhecia que ella estava innocente d'esse delicto, pedia a Deus que o estivesse, mas a acção da justiça impendia sobre a sua cabeça, e prendel-a-hiam em qualquer sitio para onde fugisse. Sugeita a este perigo constante maravilhava-me como se deixara ficar captiva tanto em Veneza como no yacht, quando dispunha de homens resolutos, de correligionarios em abundancia, que lhe podiam facilitar a fuga.

— Porque consenti que me trouxessem a Inglaterra? oh. por muitas razões, Mr. Ingersoll.

— Basta que me dê uma, Paulina.

Voltou a cara para o lado, mas não tão depressa que não lhe surprehendesse o sangue a rosar-lhe a cara. Céos! Que cego eu era. Houve então como uma revelação em mim, deparou-se-me toda a verdade. Viera a Inglaterra porque eu estava aqui. Era vaidade o que sentia? Não; segredava-m'ó o coração.

— Paulina — exclamei, e cingindo-a n'um estreito amplexo, cobri-lhe a face ruborisada de beijos, — Paulina diga-me a verdade, conte-me agora, n'este instante, tudo quanto eu devo saber conte-m'ó Paulina! Amo-a! Não quer falar?

Estremeceu nos meus braços e fechou os olhos. Suppuz durante um momento que tivesse desmaiado, mas de subito agitou-se, levantou a cara e deu-me um beijo com affecto.

— Mr. Ingersoll — murmurou Paulina, e era agora uma mulher que falava — é tempo de deixar de sermos creanças. Tenhamos juizo, a nossa idade já é para isso. O mundo tem-se mostrado injusto comnosco.

— Mas ha de reparar a injustiça, Paulina.

— Porque o affirma? Não somos nós duas pobres avesitas roubadas do ninho e que o destino lançou cada uma para seu lado? Eu venho do Oriente onde o povo grita «Kismet!» E' o destino, o seu e o meu, havemos de nos conhecer quando chegar a noite. Disse-o e sei-o. Devemos lembrarmo-nos... talvez isso nos ajude a lembral-o. Mas não resta mais nada que a lembrança... as nossas flores murcharam, desfolharam-se como as petalas que o vento leva.

Riu, mas havia commoção na sua voz, não me podia enganar. Aqui, como em Bruges, o meu coração estava á mercê das suas palavras. A creança beijara-me a face, mas a mulher repellia-me.

— Paulina — disse eu — essa é a conversa de sempre. Porque não me quer escutar? Tenho tanto que lhe dizer, Deus bem o sabe...

— Pois não o estou escutando com toda a paciencia, Mr. Ingersoll? Assente-se aqui ao pé de mim, não quer?

A sua voz era meiga, cariciosa.

Dirigiu-se para um sofá perto da janella e deixou-me logar para eu me assentar. Era quasi meio dia, e intensos feixes de tremeluzente poeira luminosa espalhavam-se pela atmosphaera serena, e batiam e illuminavam as paredes e os tectos. Em baixo no jardim o som de algumas vozes denunciavam que Madame Cavanagh ainda ali passeava. Recordei-me que Paulina devia tel-a conhecido em Baku e resolvi perguntar-lh'ó.

— Lembra-se da casa de Mr. Cavanagh na Russia? — perguntei-lhe subitamente.

Fitou-me muito surprehendida.

— Passava ali todos os dias, Mr. Ingersoll. Como não me hei de lembrar?

— Então recorda-se tambem de Madame Cavanagh?

— Muito bem. E' circassiana; meu pae conheceu-a intimamente antes d'essa gente o mandar matar. Porque me pergunta isso, Mr. Ingersoll?

— Porque ella passeia lá em baixo no jardim... com um seu velho servidor, Robiniof... este nome é-lhe desconhecido?

Pronunciei estas palavras com naturalidade, mas pelos seus olhos cruzou um relampago como nunca lhe vira até ahi.

— Robiniof! — exclamou — oh, mas Robiniof não pode estar em Inglaterra.

— Pois está. Tirei-o do lago esta manhan.

Veiu de proposito da Criméa para ver sua ama.

— Então... então... Mr. Ingersoll não sei o que acontecerá.

— Paulina — perguntei — este homem possui algum dos seus segredos?

Não me fitou. A sua mão, que eu conservava na minha, tremia emquanto eu falava, as suas faces córaram e tornaram-se pallidas, apresentando successivamente a côr das rosas e a dos lírios. Levantou-se de subito e passeou o olhar, ora pela balaustrada de pedra, ora pelo jardim que se estendia lá em baixo.

— Robiniof! — exclamou ella, e tornou a assentar-se, com o peito a arfar de tal modo que supuz que lhe hia dar um deliquio. Acálmou-se, no entanto, pouco a pouco, e principiou a rir como se lhe atravessasse o cerebro um pensamento alegre.

— Robiniof era muito dedicado a Madame Cavanagh, não era, Paulina?

— Todos o eram em Baku. Estimávamo-la immenso, Mr. Ingersoll.

— E quando se deu a occorrença.

Paulina abriu muito os olhos.

— A que occorrença se refere?

— A' morte do pae de Mr. Cavanagh.

— Ah, agora me lembro — exclamou ella tornando-se immediatamente triste — é por causa d'isso que me vão mandar para a Russia.

— Gostaria de saber que os seus amigos a pretendem libertar e que rondam em volta d'esta casa ha alguns dias?

— Não, não gostava de modo nenhum.

— Não gostava?! Não acredito. Pois não são correligionarios seus? Com quem se ha de achar senão com elles?

— São meus correligionarios — disse Paulina vagarosamente — mas Mr. Cavanagh nunca me entregará a elles. Féodoro não o permittiria.

— Féodoro! Que tem esse homem que vê com isso?... Um immundo cão asiatico...

Paulina riu estrepitosamente.

— Não sou eu tambem asiatica? oh, Mr. Ingersoll que amabilidade!

— Paulina — retorqui — a senhora é o mais imperscrutavel mysterio que tem posto em agua uns miolos honestos. Participo-lhe que Mr. Cavanagh resolveu dar-lhe a liberdade, e ri-se de mim. Communico-lhe que vae ser entregue aos seus compatriotas e...

Não consentiu que proseguisse. Pela sua phisionomia passou uma sombra de indisprictivel terror.

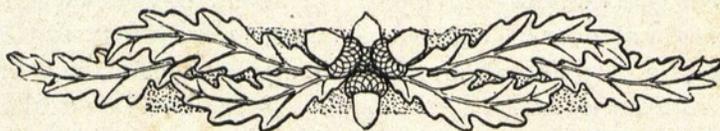
— Os meus compatriotas e correligionarios affirmam que eu os trahi quando vim para Inglaterra — declarou ella. — Se voltar para Baku, matam-me, Mr. Ingersoll.

As suas palavras traduziam exactamente o seu sentimento; a sua apprehensão era absolutamente real, não tinha nada de fingida, tenho a certeza. Pela minha parte, quedei-me pasmado e surprehendido, como succede algumas vezes por ironia, depois dos nossos momentos de exaltação. Os seus correligionarios! Abrangi tudo de relance! Accusavam-n'a de traição e era bem possivel que fosse essa accusação que os tinham trazido até ás portas de Waterbeach. E conjecturávamos mil coisas com aquella finura e previdencia que escarnece de todos os obstaculos!

Confesso, porém, que não proferi uma palavra a tal respeito. Era do meu dever confortar Paulina, tanto quanto pudesse, e na verdade podia pouco. Quando me despedi d'ella, brincava-lhe de novo nos labios um sorriso, mas as lagrimas que lhe tinham corrido pelas faces abaixo ainda não estavam enxutas de todo.

(Conclue.)

Traducção do inglez de EDUARDO DE NORONHA.





Theodoro Roosevelt, que no mez passado deixou a presidencia dos Estados-Unidos da America do Norte, embarcava poucos dias depois em um dos grandes paquetes da WHITE STAR LINE com destino a um porto da Italia, devendo seguir d'ahi para a Africa, onde vae caçar o rhinoceronte, o elefante e o leão. Os paquetes da WHITE STAR têm escala pelo nosso archipelago dos Açores, servindo a sempre crescente corrente de emigração que d'ali se faz para os Estados-Unidos. Graças a esta circumstancia, poderam os habitantes das Ilhas do Faial e de S. Miguel festejar a passagem do grande Presidente nas suas formosissimas terras, tão estimadas p'los norte-americanos. Nas duas ilhas desembarcou Roosevelt, percorrendo-as, admirando-as, e exprimindo bem o entusiasmo com que as admirava. Tendo-se dado, a bordo do paquete que transportava o eminente estadista, uma tentativa de assassinio que por pouco o não attingiu, a noticia d'este feliz malogro, rapidamente espalhada nas cidades da Horta e de Ponta Delgada, mais calorosa tornou ainda a recepção ali feita a Roosevelt.

Tudo isto reveste de uma viva oportunidade a publicação do artigo que se segue, escripto agora para os SERÕES por quem pode conhecer de perto a notabilissima individualidade de Roosevelt, durante um largo periodo de permanencia na America.

Vulto de extraordinario destaque na politica mundial, de toda a parte as vistas se voltam com admiração e respeito para a obra ingente e cheia de ensinamentos, que foi a modelar administração de Roosevelt, traçada pelas normas compatíveis com a democracia, e que rasgou para o grande povo americano, mais largos ainda, os seus já tão vastos horizontes de progresso.

As qualidades excelsas de estadista incomparavel, com que Theodoro Roosevelt soube cuidar de todos os ramos em que se dividem os departamentos da administração, mais se patentearam no excessivo culto que dispensou ás instituições militares da sua patria.

Convencido de que a paz só pode existir de facto quando a nação se encontra preparada para a lucta, foi sua principal preocupação no governo elevar a Republica a altura tal, que abrigasse o seu povo de humilhações, viessem ellas de qualquer que fosse o ponto do planeta. E sabe-se como Roosevelt conseguiu este desideratum: a marinha norte-americana passou a alinhar-se na primeira fila das armadas poderosissimas.

Algumas das gravuras, que se intercalam no texto d'este artigo a respeito de Roosevelt, são reproduzidas do LESLIE'S WEEKLY, de New-York. Exprimem humoristicamente um cumulo de reportagem norte-americana: São diversas attitudes que o ex-presidente ha de ter no meio das florestas d'Africa, em presença das feras que ali vae surpreender.



prestigio individual de Theodoro Roosevelt começa com o facto de se tratar de um herdeiro das tradições dos primeiros fundadores da Republica da Nova Inglaterra.

A sua familia, oriunda de casas com illustres estirpes na Hollanda, foi estabelecer-se na America por 1649. A aristocracia do nascimento só foi abolida em principio pela Constituição dos Estados-Unidos; os repre-

sentantes das grandes familias *vieille roche*, emigradas com os primeiros povoadores, constituem uma especie de casta com intensa supremacia historica.

Frequentando como estudante rico a Universidade de Harvard, Roosevelt formou-se em direito. Depois foi eleito deputado á legislatura do Estado de New-York. Depois foi nomeado commissario e presidente da Administração Civil. Depois, foi-lhe dada a

presidencia da Junta dos Commissarios de Policia. Aqui iniciou a sua obra de reformador ousado, mettendo hombros a uma profunda reorganisação do corpo policial, com o apoio das classes mais cultas, mas sob o ataque violento da propria policia

aos olhos dos entendidos, o resultado das primeiras experiencias, que um novo fundo de quinhentos mil dollars foi votado para se crear o exercicio permanente ao alvo no mar. Essa época marca o inicio dos recentes progressos na remodelação do material

de guerra naval dos Estados-Unidos, e justifica o dizer-se que as victorias de Cuba e de Manilla foram o primeiro fructo sazonado da arvore laboriosamente plantada por Roosevelt.

Rompem-se as hostilidades com a Hespanha. Roosevelt deixa o logar de secretario da Marinha, organisa á sua custa o regimento de cavallaria dos *Rough Riders* em que se alista a nata dos caçadores americanos, elle proprio se põe á frente do denodado magote de voluntarios, e parte para a guerra, onde affirma valorosas qualidades militares, como em todos os combates que precederam a rendição de Santiago de Cuba.

Chega-lhe então o primeiro momento de popularidade. Não é já só em New-York que se

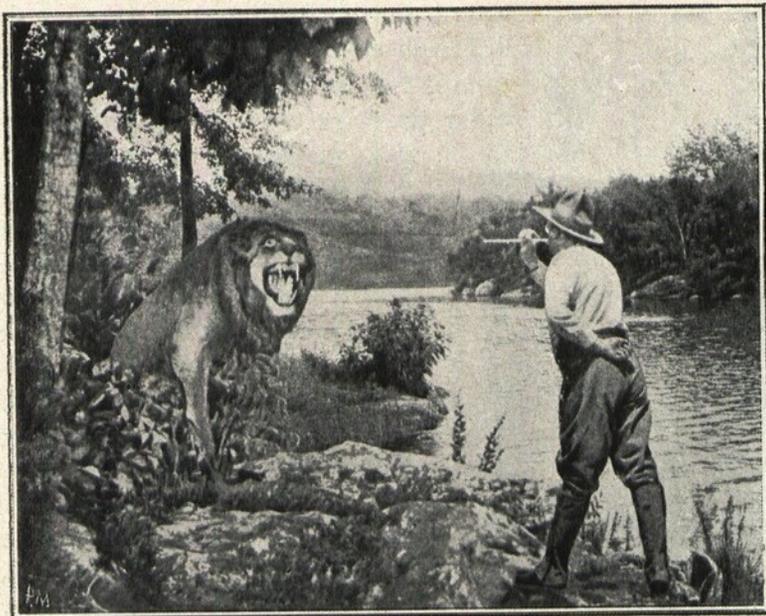


O PRESIDENTE ROOSEVELT JANTANDO COM OS MARINHEIROS  
DE UM NAVIO DE GUERRA NORTE-AMERICANO

*(Incidente curioso a bordo de um couraçado da esquadra do Pacifico)*

e d'uma parte da imprensa, que o forçou a exonerar-se do cargo. Chamado então a exercer as funções de secretario do Ministerio da Marinha, um dos seus primeiros actos nessa nova commissão foi exigir um credito de oitocentos mil dollars destinados a escolas de tiro a bordo dos navios de guerra; e tamanha importancia tomou logo,

pergunta quem é Roosevelt. Por todos os Estados se quer saber quem elle é. Coincide com este momento de curiosidade a eleição presidencial. O primeiro candidato é Mac-Kinley; e acompanha-o então, na candidatura á vice-presidencia, o nome de Roosevelt. São eleitos ambos; e um dia, assassinado Mac-Kinley no instante em que a



ATRAVESSANDO UM LEÃO COM UMA SARABACANA

sua politica, intensamente grata ao espirito americano, attinge a exuberancia e resulta em proveitos maximos, Roosevelt é chamado á presidencia da Republica.

O que quer elle?

O que vae elle fazer?

Uma viva anciedade aguarda o seu primeiro gesto, a sua primeira palavra, o seu primeiro movimento. Os destinos de uma nação poderosa e voluntariosa cáem de choFRE nas mãos de um homem que ella mal conhece. A expectativa de todo o americano perante o individuo que elle não conhece bem é uma expectativa que não dissimula a desconfiança. E essa é a expectativa do povo americano perante o advento de Roosevelt.

Roosevelt é enigmatico. A sua expressão mistura-se de rigor e de serenidade, de firmeza varonil e quasi benevolencia, de orgulho e quasi modestia. Fala; e a sua palavra, que é aspera, amacia a idéa violenta como um cinzel que amaciasse um graniTO. Gesticula, e o seu gesto, que lhe sae de preferencia agressivo, contorna-se em posições simples de defeza... A primeira impressão que o povo americano recebe d'elle é uma impressão toda de simpathia.

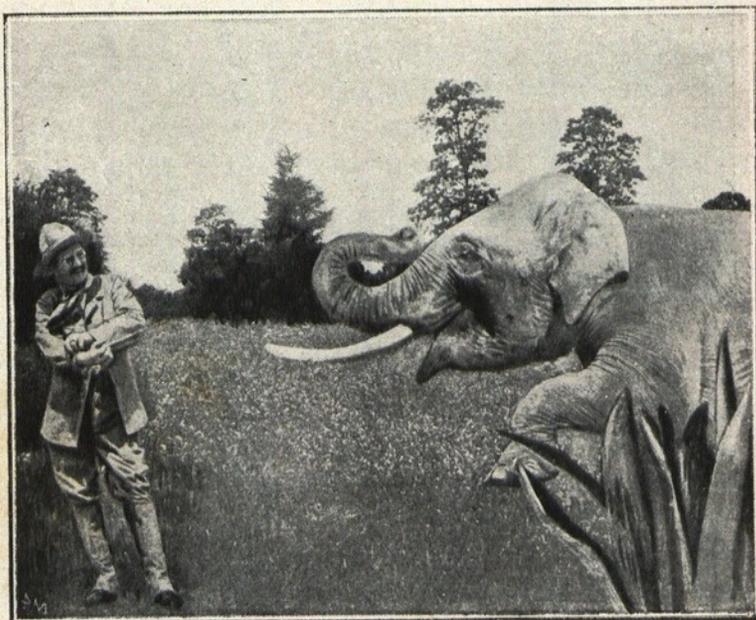
Entra depois em acção, e mostra-se o apostolo de todas as grandes ambições sociaes realisadas pelo trabalho arduo e pela lucta à outrance. Possui como dom natural a linguagem que o povo gosta de ouvir. Li-songea-lhe todas as boas tendencias. Diz-lhe que elle tudo póde, e que faz bem em tudo querer; diz-lhe que elle é, com effeito, como elle julga ser, o mais energico, o mais perspicaz, o mais voluntarioso de todos os povos modernos, o maior de todos os povos do mundo.

— «Usar o nome de cidadão americano, diz Roosevelt, é ter direito ao mais honroso de todos os titulos!»

Dispende tanta energia e afirma tantas qualidades nobres e serenas como um antigo heroe de Plutarcho. A firmeza e a lealdade da sua orientação politica enfileiram-no a breve trecho com os Washington, os Franklin, os Lincoln Depois, não é homem que consinta em deixar os seus creditos por mãos alheias. Nos seus discursos, que chegam a ser oito por dia, dir-se-ha que elle só fala de si:

— «I am...» «I think...» «I will...» «I make...»

Logo na sua chegada ao governo, sem



EM FRENTE DE UM ELEPHANTE

mais rodeios, a sua primeira expressão é esta:

— «*I am the man of the moment...* Eu sou o homem do momento...»

Mas isto mesmo, que parece o cumulo da

Kinley era sacrificar sempre a regalia do individualismo ao interesse da sociedade.

Roosevelt foi comparado ao Imperador da Allemanha pelo fraco de muito gostar de barulho em volta da sua pessoa, e frequentemente o caricaturaram, a elle mesmo, de imperador, com a corôa, o sceptro, e o manto roçagante, caindo-lhe da góla do seu frack democratico. Outros o aproximaram de Roumestan, pelo séstro de querer impôr a sua America a todo o mundo, como o tipo de Daudet impunha a sua provincia a todo o resto da França.

A caricatura não precisa justificar-se. O seu fim é ter graça; não é ter razão.

A troça, no caso de Roosevelt, traz pilheria, mas não traz desprestigio — porque Roosevelt, quando falava de si, era só para fazer falar da America; ao passo que Guilherme, quando fala da Allemanha, é só para que se fale dos Hohenzollern.

Depois, se é cer-



ROOSEVELT SALTANDO NO SEU CAVALLO FAVORITO

immodestia, não é mais do que a expressão de uma vasta idéa altruista, que logo elle explica dizendo «que nenhum outro homem poderia, como elle, conduzir o fio da politica de Mac-Kinley, pois das proprias mãos do presidente assassinado recebeu esse fio...»

E todo o proposito da politica de Mac-

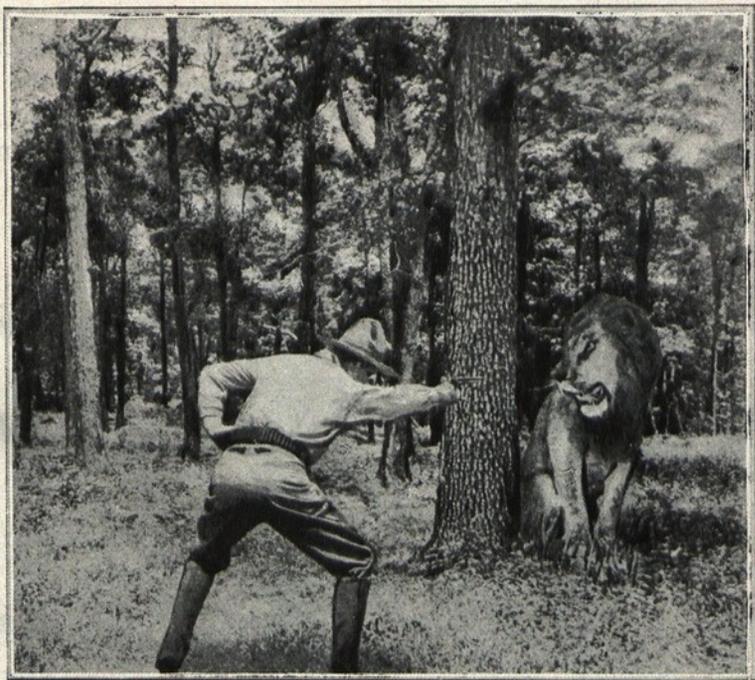
to que Roosevelt falava tanto pelos cotovelos como Roumestan, sendo este talvez, por haver sido inventado, o unico orador politico dos paizes latinos capaz de sustentar com elle o *match* da verborrhea, certo é tambem que o logar-commum, na bôca de Roosevelt, assumia sempre uma feição de

coisa nova e grandiloqua, que o povo americano escutava com o entusiasmo em chamma, e que a Europa, longe de ousar desdenhá-lo, recebia com o acato devido ás coisas do bom tino.

A ultima crise monetaria e de especulação, que por um momento trouxe á Europa a sensação do krach coiossal de uma das nações mais ricas, mais activas e mais felizes do Universo, deu um vehemente relevo de bronze historico á já muito poderosa figura de Roosevelt.

Soube-se o que foi essa crise. Desde muito que o Presidente perseguia os potentados da finança com uma pertinacia tal que a questão do socialismo se apresentava não já como um problema em que só uma evolução gradual e lenta poderia inspirar qualquer obra legislativa, mas como uma questão de effeitos immediatos a resolver em duas pennadas vigorosas.

Os collectivistas já cantavam victoria. Mas não tardou que a falta de equilibrio entre a produção industrial e as disponibilidades monetarias trouxesse como consequencia natural o excesso de produção e a



DE REVOLVER EM PUNHO

resultante baixa dos preços. E a especulação comprehendida com os valores da bolsa em favor do grande movimento industrial derruiu toda no krach memoravel, logo que esse movimento diminuiu de intensidade. Fortunas enormes baqueavam em instantes. A onda dos desvairados crescia impetuosa. Tinha-se então chegado a um momento em que se tornava preciso lançar sobre uma cabeça responsavel todo o peso dos odios que a crise gerara no animo dos prejudicados. E a cabeça escolhida foi a de Roosevelt.

Vira-se até ahi que o Presidente, usando dos poderes que a Constituição lhe attribuia, tinha feito uma politica pessoalissima, impondo em tudo a sua vontade e guiando o paiz segundo os seus caprichos e inclinações.

Acusavam-no então os adversarios de que elle precipitava num abismo os mais culminantes interesses da nação. A sua campanha contra os homens dos trusts tinha como desfecho o descredito contra as mais eminentes personalidades das finan-



MATANDO UM LEÃO

ças dos Estados Unidos. E os perigos d'uma semelhante politica não podiam ser postos numa mais bella evidencia.

Disse-se logo que, dado o caracter impetuoso de Roosevelt, o seu partido só lhe reservaria, na eleição que estava proxima, as funcções meramente decorativas de vice-

ricano, punha de lado as pertinazes opiniões demagogicas, que tanto lhe haviam valido o exito da popularidade, e estendia as mãos aos reus de sua accusação!

Chamados á Casa Branca, os *trustmen* pozeram á disposição de Roosevelt todos os meios de acção conjuncta que deveriam per-

mittir-lhe o fazer renascer a confiança alvoroçada pela falta de numerario e suspensão de pagamentos.

E logo o mais poderoso navio que corre os mares, o *Luzitania*, que acabava de bater o record da velocidade na travessia do Oceano, com singraduras de mais de 600 milhas, ou 25 milhas nauticas por hora, munido de turbinas motoras com a força de setenta mil cavallos, era fretado pelos Rockefeller, os Carnegie, os Vanderbilt, os Morgan, e aproava á America transportando no seu bojo de monstro, capaz de deslocar quarenta e cinco mil toneladas, todo o ouro preciso á conjuração da crise!

D'um modo geral se cré, na Europa, que em ne-

nhuma outra parte do mundo o capricho do homem assume tão grandes proporções de intransigencia perante o senso commum, como na America. Ora é preciso saber-se que o senso-commum, na America, não é nada d'aquillo a que nós convenionámos chamar senso-commum na Europa.

Perante o nosso senso-commum, Roosevelt, agradecido aos *trustmen* pelo favor com que lhe tinham acrescido a aura da popu-



COMO HERCULES...

presidente. Mas lá estava a eleição posterior á occupação da mais elevada magistratura republicana pelo successor de MacKinley, confirmando incontroversa pelo concurso nacional o applauso á politica de Roosevelt.

O transe financeiro exigia, porém, actos de grande patriotismo. E viu-se isto: Roosevelt, que confundira no mesmo vilipendio todos os grandes senhores do billião ame-

laridade, não teria outra coisa a fazer se não dar-lhes prova da sua gratidão, o que muito naturalmente começaria por reconciliar-se com elles. Ainda perante esse mesmo senso commum (sempre o nosso) outra coisa não teriam a fazer, por seu lado, os homens dos *trusts* senão espremerem da desejada reconciliação os melhores proveitos. Pois não seria tudo isto, porventura, o mais corrente, o mais natural, e, porque não dizê-lo? — o mais justo?

Mas o que se passa na America não lembraria, na Europa, nem ao diabo — ao diabo, bem entendido. que preside aos destinos da Europa. Practicado o acto patriótico, Roosevelt volta as costas aos *billionarios*, e aproveitando logo a primeira oportunidade, que é a abertura do Congresso, lê a famosa mensagem presidencial em que mais acirradamente que nunca se atira aos *trusts* e a tudo quanto seja ou pareça ser agrupamento com tendencias monopolisadoras.

Não tarda que o paiz recupere a sua

serenidade. Acentua-se a progressiva acalmção na crise formidavel. Visivelmente a confiança renasce: a circulação metálica res-

tabelece-se, os depositos voltam a movimentar os bancos, a excitação dos espiritos apazigua-se.

Regressado tudo á normalidade, tudo mettido outra vez nos eixos, cada qual retoma o seu papel, reentra na sua acção. E como ninguem vira com surpresa

Roosevelt e os *trustmen* darem-se as mãos no momento em que o interesse nacional da America exigira esse gesto, ninguem se surprehende tambem com o proseguimento d'estes dois factos, que, após a crise como antes da crise, absorvem as energias máximas da politica e da finança americanas: os *trusts*, monopolisando toda a produção e todo o commercio, pelo estrangulamento da concorrência livre; Roosevelt encarniçando-se no exterminio de todo o monopolio pelo estrangulamento dos *trusts*.

Não ha memoria de um homem que tenha podido desfructar uma tão vasta popularidade. A popularidade de



UNICA PHOTOGRAPHIA DE ROOSEVELT NOS AÇORES  
NA OCASIÃO DO SEU DESEMBARQUE EM PONTA DELGADA,  
ILHA DE S. MIGUEL



ROOSEVELT TOMANDO PARTE NAS DIVERSÕES  
A BORDO DO PAQUETE ALLEMÃO QUE O  
TRANSPORTOU DE NEW-YORK A NAPOLES

Roosevelt estendeu-se aos muitos milhões dos seus compatriotas. A multidão adorava-o. Acima de tudo, via nelle um homem de acção, um apologista da força, um inconcusso. Os seus detractores, que os teve, e violentos — toda a horda dos *trusts* — accusaram-no de querer transformar a liberrima democracia da America numa especie de demagogia cesariana. Mas a vehemencia com que Roosevelt insistiu sempre em que a America devia ser só para

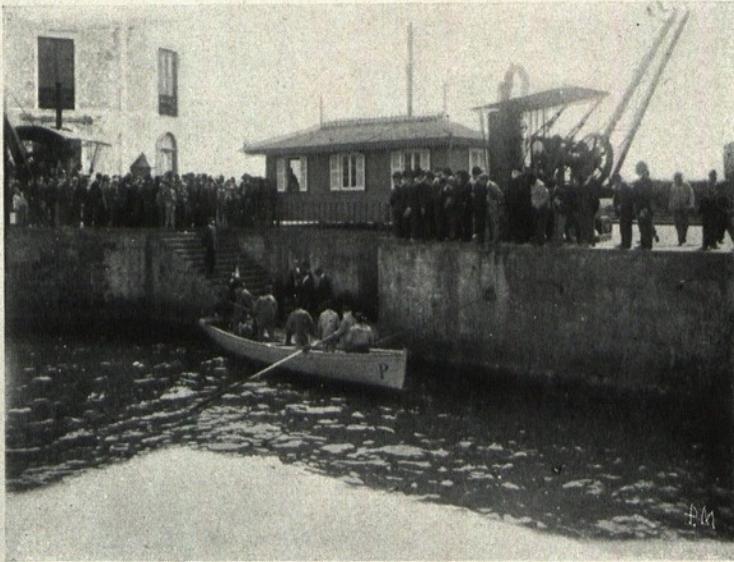
os americanos, parecia haver transmigrado para elle, como uma forte obsessão, do proprio espirito de Munroe. O ardor com que atacou todos os formidaveis problemas nacionaes, e desbravou e abriu o caminho para a mais ampla resolução que esses pro-

blemas podessem vir a ter, foi bem esse mesmo ardor das paginas crepitantes da sua *Vida extrenua* (*The strenuous life*). Sem duvida, na sua popularidade entrou por

muito a notoria simplicidade com que elle punha de lado as redes do governo para tomar as redes de um cavallo do Kansas, e galopar através dos desertos selvagens de Far-West, com a sua rude escolta de *cowboys*, em busca das emoções e riscos da grande caça ao urso. Mas a

boa, a forte, a legitima razão de ser d'essa popularidade esteve nisto: Roosevelt definiu, personalisou, e realisou, verdadeiramente, o ideal americano: produzir a porção maxima do esforço individual, no maximo proveito da America.

ALFREDO MESQUITA.



ROOSEVELT EMBARCANDO NAS DOGAS  
DEPOIS DA SUA VISITA A' CIDADE DE PONTA DELGADA

---

## A MUSICA DO MAR

(Ensaio d'onomatopêas)

DÓ:

Eu quando bato além nas cavas penedias  
Ribombo, são, rujo,  
Solvendo n'este fluido agreste d'harmonias  
Os cantos do marujo...

SI:

Assim como na areia — arminho coruscante,  
Siciando em surdina,  
Envolveo num marulho amêno e sussurrante  
Os cantos da varina...

CARLOS AFFONSO DOS SANTOS.

# A escola do lar

**H**A annos fiz na Sociedade de Geographia de Lisboa uma serie de conferencias sobre a influencia europeia nas raças de cultura inferior, especialmente as negras de Africa, a proposito da acção das congregações religiosas, que então agitava os espiritos entre nós.

Numa dessas conferencias occupei-me dos principios e meios da educação em geral. Ao terminar dirigiu-se a mim um dos ouvintes, um homem, cuja apparencia me fez attribuir-lhe idade entre sessenta e setenta annos, e que me era perfeitamente desconhecido. Pronunciou algumas dessas palavras corteses que é costume dispensar a um conferente que termina a sua exposição e accrescentou:

— «Não posso deixar de dizer-lhe que na sua conferencia houve uma grande lacuna: não falou da educação pela familia. Oh! A familia tem o primeiro logar entre os educadores. Eu estive em Paris quando M. Guizot era ministro e ouvi-o discursar sobre esse assunto, mostrando toda a importancia da familia na obra educativa.»

Agradei as palavras do desconhecido, sem explicar a lacuna por elle notada, e nunca mais o vi. Depois disso tive occasiões de dar essa explicação, em conferencias e lições do meu curso de pedagogia.

Na epoca em que o meu interlocutor de momento dizia ter estado em Paris, pensava-se por certo do papel da familia, digo do papel realmente representado pela familia na educação, de modo diverso daquelle por que veiu a pensar-se. Abstrahio aqui da questão se a familia educava então melhor do que veiu a educar. A verdade é

esta: na França chegou a negar-se na segunda metade do seculo XIX e no começo do XX que a familia seja a educadora que exigem os nossos tempos. Algumas citações mostrarão a corrente das ideias na materia.

Victor de Laprade escrevera no seu livro *Le baccalauréat et les études classiques*: «Deixae ás luzes dos paes, nas classes mais ricas e esclarecidas, ao seu zelo pela sciencia pura, ao seu gosto da distincção intellectual, o cuidado de fixar o nivel dos estudos classicos e afirmar-vos-hei que, dahi a quinze annos, o maior numero dos nossos filhos de familia saberá apenas ler, escrever e contar.»

Octave Gréard, o illustre vice-reitor da Academia de Paris (fallecido ha alguns annos), referindo-se, em 1885, ao exame do *baccalauréat*, que corresponde ao nosso exame final de ensino secundario, e ao expediente de constituir os jurys com professores de ensino secundario, em vez de o ser só com professores do ensino superior, havendo o perigo de os primeiros cederem mais facilmente á pressão das familias, o que elles em verdade confessaram poder dar-se, escreveu: «Comprehenderiam sufficientemente as familias a sua verdadeira missão para não trabalharem afim de pôrem o exame ao alcance de todos?» E reproduzia as palavras, acima citadas, de V. de Laprade, evidentemente por julgar serem a expressão da verdade.

O professor Darlu, philosopho que vê d'alto os verdadeiros interesses sociaes, disse, no *Inquerito sobre o ensino secundario*, ante a commissão parlamentar franceza de 1899: «Sabeis melhor que ninguem, senhores, que o interesse geral não é a somma dos interesses particulares, dos interesses indivi-

duaes. E' interesse individual dos soldados voltar o mais depressa possivel aos seus lares; mas tal não é o interesse do regimento. E' interesse individual dos paes de familia obter para seus filhos todos os diplomas com a maior facilidade possivel; e assegurar-lhes com o menor trabalho possivel as maiores vantagens. O instincto democratico exerce, pois, perpetuamente uma especie de pressão sobre o legislador e surge á luz por cada fenda. Poder-se-ha defender contra elle o interesse da alta cultura ligado ao ensino classico? Se me perguntassem o que provavelmente virá a succeder, seria obrigado a confessar que é provavel que o legislador ceda.»

E' a pura verdade que as familias francesas vêem acima de tudo o diploma e não ligam importancia á educação moral e intellectual que elle devia significar; dahi o trabalho insano para quebrar o rigor dos examinadores, a *pressão* a que alludia Gréard e de que tambem falou Darlu no *Inquerito* citado. Segundo elle, ha mães de familia que passam um dia na escada que conduz á camara do professor da faculdade para lhe recommendar o seu filho ao passar; em todos os dias de exame ardem multidões de velas (empenhos) para implorar a approvação.

De modo ainda mais condemnatorio e laconico escreveu o eminente professor Gustave Lanson: «E' necessario concordar em que o que obriga a Universidade (isto é o conjunto das instituições docentes dependentes em França do ministerio da instrucção publica) a propôr (aos estabelecimentos d'ensino) por fim principal a educação, é que a familia se tornou incapaz de a dar.»

A inferioridade educadora da familia é tambem reconhecida na Allemanha. Assim o philosopho Döring apresenta a opposição que existe entre a escola e a familia como fundamental, derivada da natureza das coisas e ineliminavel, e propõe medida radical: negar á familia o direito de educar, sendo as creanças desde o nascimento entregues ao cuidado e direcção de educadores predestinados e preparados pela natureza e instrucção para o exercicio de suas altas funcções. Até os seis primeiros annos, que Platão concedia á educação domestica, passariam para a educação social. Por mais exagerado e irrealizavel que pareça tal

programma, é certo que o auctor partiu de considerações fundadas na realidade.

E tambem da Inglaterra nos veem queixas analogas.

Quando nos paes de mais elevada cultura, como nos alludidos, as coisas se passam, pelo que respeita á educação familiar, de modo tão deploravel, que admirar o que vae cá pela nossa propria terra?

Varias vezes, no decurso de mais 35 annos, em artigos de publicações periodicas, em conferencias me referi ao sacrificio da educação ao diploma, objectivo de paes e filhos; assim disse eu em 1889 (*Revista d'educ. e d'ensino*): «Para a enorme maioria de paes e d'alumnos os estudos são uma imposição dura que se trata de adoçar por todos os meios possiveis. O que se tem em mira não está no saber e nas aptidões e muito menos na educação propriamente dita (educação moral) — está no diploma que dá direito a logar á mesa da vida. A educação é reduzida a adaptação ao meio existente (sem progresso). O estudo é materia de curiosidade d'alguns, e aquelles que o tomam a serio são tidos na conta d'excentricos ou coisa ainda peor.»

No *Relatorio* da reforma do ensino secundario de 22 de dezembro de 1894 acham-se as mesmas queixas: «Para grande numero de familias tudo se cifra no rapido ascenso dos filhos, pela força das certidões, aos institutos maiores: o saber não tem preço algum: o melhor systema é o de empreitada ou de mais veloz expedição.» E o *Relatorio*, desenvolvendo o assunto, preceitua: «Aqui, a obrigação consiste em não ceder. E' mister fazer sentir ás familias que seu interesse bem entendido tem muito que perder na tortuosa viella para onde as impelle a ambição de obterem aos filhos a mais pronta carreira, ou o projecto de trocar, a toda a celeridade possivel, em fonte da receita, um encargo obrigatorio.»

Mas o Estado tem de ceder em parte e não convence as familias: tem de ceder, porque a pressão se exerce de varios modos e com intensidade, e não convence as familias, porque estas, a seu turno, estão sob a pressão de diversas circumstancias cuja eliminção é gravissimo problema.

A reforma do ensino secundario de 1894-95 foi entre nós um facto de experiencia sobre o que póde a pressão das familias. E'

incontestavel que uma parte dos programmas estava muito carregada, que havia ainda no regulamento e programmas outros feitos, em parte graves, que com o tempo se iriam corrigindo. A critica principal dessa reforma foi feita pelo eminente pedagogista allemão Hermann Schiller, já fallecido. Não foi em geral o amor da verdade e da justiça que produziu contra a reforma uma alluvião de artigos, opusculos, conferencias e congressos: foram os interesses constituidos e sobre tudo os interesses das familias, no sentido já indicado. Se, a respeito de muitas questões, se diz com razão: *cherchez la femme*, a respeito dessa dir-se-hia: *cherchez l'enfant*, porque, por via de regra, as queixas se explicavam por haver tal ou tal menino, taes ou taes meninas que era difficil ou impossivel fazer passar através daquella serie de provas até ao mirado diploma lyceal. A reforma de 1894-95 devia ser reformada, mas não o foi. E apesar da reduccão dos programmas, da bifurcação nos dois ultimos annos, as reclamações não deixaram de continuar a apparecer, annunciando-se um novo arranjo para breve.

O sonho doirado para as familias abastadas ou simplesmente remediadas, para innumeradas até das que alcançam em continua labuta o pão de cada dia, é verem os seus filhos possuidores do diploma dum curso, sobretudo um diploma universitario, ou duma escola medica, ou polytechnica, ou da escola do exercito ou da naval, ou do instituto agronomico, ao menos dum curso dos institutos industriaes ou commerciaes ou duma academia de bellas-artes. Muitas mães (e paes tambem) collocam acima de tudo o curso naval: é tão lindo um official da armada com a sua farda cheia de doirados! Na falta de melhor não desagrada a carreira de engenheiro maquinista naval, por causa do titulo de *engenheiro* e da farda. Não é o caminho — o estudo — que agrada (já o sabemos), mas o fim — o *diploma*, que dá o titulo de bacharel, doutor, engenheiro, official do exercito ou da armada e abre, aleatoria ou certamente, as portas ao emprego do Estado. Ha familias que para levarem seus filhos ao termo desejado fazem os maiores sacrificios, cerceando para isso as despesas da casa, de vestuario e d'alimentação. Se fosse possivel obter o diploma sem estudo, empregar-se-hiam os

meios para isso necessarios. Se os diplomas saíssem em premios de loteria, comprar-se-hiam os bilhetes desta, empenhando tudo, se fosse preciso, e deixar-se-hiam as escolas ás moscas.

Um periodico dos mais lidos entre nós, referindo-se á legislação alterada pelo decreto de 29 de agosto de 1905 sobre o ensino secundario, dizia: «Nas nossas condições moraes e sociaes, a sciencia deve merecer todo o culto, mas «os diplomas» praticamente valem mais que ella.» Não contem uma ironia, por certo, essas palavras; mas sim uma confissão sincera, que traduz não só o pensamento individual dum jornalista, mas o sentir de compacta massa de paes e filhos; e quando uma tal confissão sae assim, sem rodeios, apenas com uma cortesia á sciencia, como a um poder destronado, sonda-se a profundidade do abysmo a que se desceu. Em nenhuma publicação estrangeira que conheço (e não são poucas), que tratam d'educação, se encontra coisa que de longe se pareça com isso: todas condemnam as tendencias lamentaveis das familias no que respeita ao estudo.

Como é que num periodo historico em que se espera ou diz esperar da sciencia a renovação social, em que ella transformou a technica da produção e do transporte, modificou profundamente um grande numero de ideias, as familias conspiram fortemente contra a cultura mental que se busca dar a seus filhos?

O problema é sem duvida complexo e não o vi ainda tratado como merece e nem eu pretendo deixar aqui mais que algumas indicações para o entender.

Não foi com certeza o annuncio lançado ao mundo por Brunetière de que a *sciencia estava fallida*, que levou as familias a esse modo de proceder: o mal vem de mais longe.

Ninguém gosta de que lhe chamem ignorante. Talvez ninguém se recusasse a que lhe adornassem o espirito com ampla e profunda cultura scientifica, mas com a condição de que esse dom não custasse o minimo esforço a quem o recebesse. Saber não occupa lugar, diz o povo, o que não é talvez verdadeiro; pelo menos está provado que a memoria tem limite, ou se se prefere, a expressão, se satura; o que depende, sem duvida de particularidades de estructura do cerebro, portanto espaciaes. Certo é que o

saber exige tempo e esforço e são raros os que a natureza dotou para as mais amplas e elevadas acquições scientificas.

Quer-se fazer um doutor e faz-se muitas vezes um mau doutor do que daria talvez um bom sapateiro ou nem sequer daria um mau sapateiro. Mas dadas certas condições de familia, as ambições a que já alludi, é forçoso que tal filho estúpido se faça doutor e como são muitas as familias em condições analogas é inevitavel que o nivel dos estudos desça. O professor tem de se regular por uma certa media ministrada pelos alumnos, se não quizer fazer mortandade nos exames. Em toda a parte se se sente que mais de 50 por cento de re-provações d'alumnos que se apresentam a exame é excesso. Doutro lado, apesar do desejo de encurtar o tempo, no caso de filhos refractarios ao saber, as familias resignam-se á repetição de annos e os professores que resistiram ao empenho ou á piedade do primeiro momento, cedem muitas vezes, por fim, á compaixão perante a per-

severança daquelles que Antonio Feliciano de Castilho typificou no *Antão Verissimo*. E o nivel dos melhores baixa sob a influencia do nivel dos mediocres e maus.

Ora a intelligencia reparte-se segundo leis naturaes: os mediocres formam necessariamente a grande massa. E' possivel modificar nos seus resultados essas leis, não destrui-las, e essa modificação só pode ser obra duma alta politica educativa. Assunto para tratar á parte.

Para o desejo de abreviar os estudos correm, além das difficuldades pecuniarias, outros factores que se encontram até actuando nas proprias familias abastadas: as incertezas da vida, a falta de mutua confiança social, a dureza da concorrência, do que, depois de Darwin, sem se perceberem bem as ideias do grande naturalista, se chama o *struggle for life*, o proprio egoismo das familias, que desejam descarregar-se o mais cedo possivel do peso da educação, se educação é, e do sustento dos filhos.

(Conclue.)

F. ADOLPHO COELHO.

---

## Costumes populares



UMA NOITE DE FOLIA

# CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

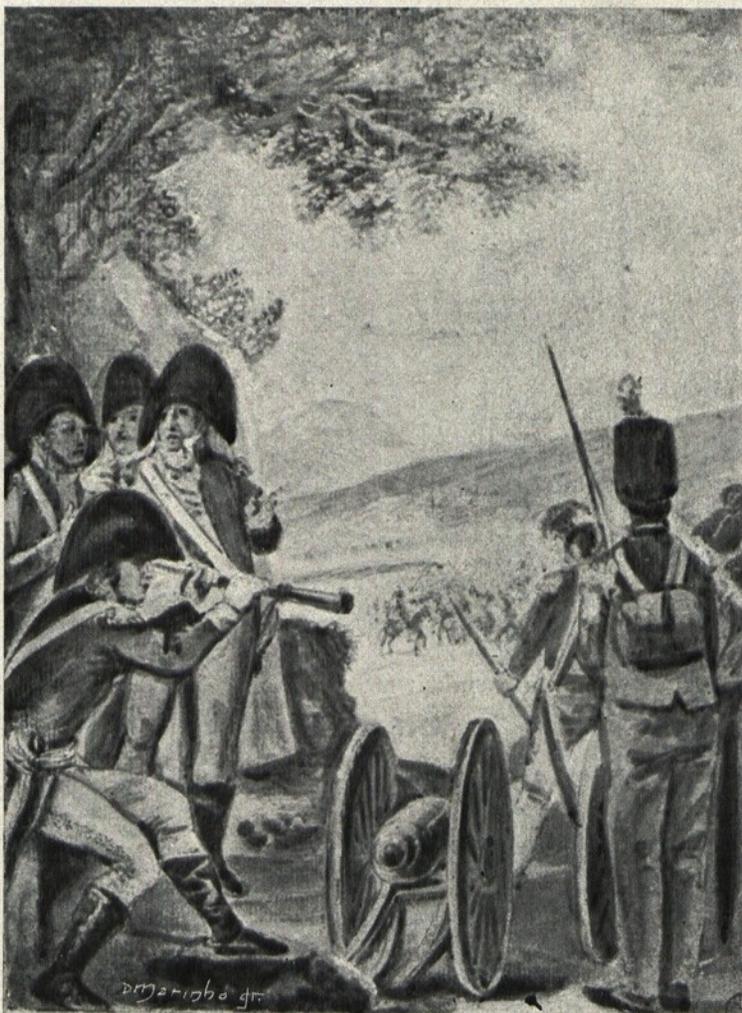
## OUTUBRO DE 1808

**Dia 26**

Sir John Moore, que, depois de partirem para Inglaterra os tenentes-generaes Sir Hew Dalrymple e Sir Harry Burrard, ficou commandando o exercito britanico existente em Portugal, parte de Lisboa em direcção a Hespanha, afim de combinar, em Madrid, com os generaes hespanhoes o plano de campanha contra os francezes. Não obstante haver recebido no dia 6 instrucções do governo de Londres, prescrevendo-lhe a maior celeridade nos movimentos, viu-se impossibilitado de começar a marcha mais cedo em consequencia da falta de meios de transporte.

De harmonia com as mesmas instrucções, deixa em Portugal 5:000 ho-

mens, sob o commando do general Sir John Cradock, com a missão de defender o nosso paiz. As suas tropas, depois de se lhes unir a divisão de Sir David Baird, que ha de desembarcar na Galliza, deverão contar um total de 30:000 homens.



F VERGONHOSA FUGIDA DO ANJO DA VICTORIA,  
CHEFE DOS FRANCEZES NAS TERRAS DE PORTUGAL

A fome, as mortes e muito mais o medo dos Inglezes e Portuguezes, foi o maior assalto daquelles peitos de Aleivosia que os atirou ao ultimo lance de cobardia.  
O Lord General vê a fugida e prontamente persegue o Inimigo; fica Portugal livre desta como diz Sagard (sic) multidão de caens. Edital 9 de abril de 1808.

## NOVEMBRO DE 1808

**Dia 8**

Sir John Moore chega com as suas tropas a **Almeida** e resolve marchar para Salamanca.

**Dia 23**

A retaguarda das tropas acima indicadas, que a 11 transpuzera a fronteira a caminho de Ciudad Rodrigo, chega a **Salamanca**.

## DEZEMBRO DE 1808

**Dia 3**

Juntam-se em **Salamanca** ás tropas de Sir John Moore as forças de artilheria, cavallaria e infantaria do commando de

Sir John Hope, que haviam seguido por Badajoz, Mérida, Trujillo, Talavera de la Reina e Espinosa e que estiveram quasi a cair entre os esquadrões da cavallaria franceza commandada por Lassalle.

Moore não estava informado a respeito dos movimentos do inimigo, que sob o commando do proprio Napoleão, acabava de derrotar varios exercitos hespanhoes e se aproximava rapidamente de Madrid.

### Dia 11

Um decreto da regencia determina que todos os portuguezes se armem conforme puderem, mas de modo que nenhum deixe de ter espingarda, ou um chuço de 12 a 13 palmos, com ponta de ferro. As cidades, villas e outros lugares importantes fortificar-se-hão, construindo nas entradas e ruas principaes dois ou mais travezes, onde se faça defeza mais vigorosa no caso de o inimigo atacar. Aos governadores militares serão enviadas pelas auctoridades civis relações dos individuos mais capazes para exercer o commando do povo armado, preferindo-se os que já forem officiaes de ordenanças, ou 3.<sup>a</sup> linha. Os governos das armas serão divididos em districtos, devendo os generaes go-

vernadores nomear um official a que obedecam os capitães-móres e demais officiaes de ordenanças. Aos domingos e dias santificados reunir-se-hão as companhias, que abrangerão todos os homens de 15 a 60 annos, para se exercitarem no manejo das armas e evoluções tacticas. Será preso e condemnado á morte quem faltar a estas obrigações ou prestar qualquer auxilio ao inimigo, e reduzida a cinzas e arrasada a povoação que não se defender bem.

### Dia 17

John Charles Villers, ministro plenipotenciario do governo inglez em Lisboa, é recebido em audiencia official pelos governadores do reino. Vem encarregado, juntamente com o tenente-general Sir John Cradock de estudar a maneira de fazer o alistamento, por conta de aquelle governo, de 10:000 portuguezes,

para os quaes virão depois os necessarios armamentos.

### Dia 23

Por um decreto da regencia expedido ao Conselho de Guerra, repartição por onde corriam todos os negocios militares importantes, a população de **Lisboa** é dividida em



OS INIMIGOS DO CRISTIANISMO

Vendo os ex-ecrandos (sic) Francezes que não podião de hum só golpe destruir a Igreja de Deos, não perdem tempo algum por qualquer caminho que seja na sua ruina por isto tratão de Rebeldes os pobres Romeiros que festejão N. S. da Amendoeira e os matão a todos como criminosos.

Empregão estes asacinos (sic) em matar gente dezarmada, a qual a sua devoção assim os conduzio aos Martirios. Este hé o momento de colher o fructo de vossa tranquillidade. Junot. Edital 26 de Junho de 1808.

16 legiões, tomando cada uma o nome do logar em que se reunirem os individuos de que ellas se compuzerem. Cada legião terá 3 batalhões a 10 companhias, e estas serão designadas pelo nome da rua principal em que se formar. Cada companhia repartir-se-ha em 6 ou mais esquadras, com 15 a 20 vizinhos. Não terá menos de 2:700 homens cada legião, nem mais de 6:000, e será commandado por um *chefe*.

Por este modo veiu Lisboa a ter mais de 42:000 homens de ordenanças armadas.

As legiões foram as seguintes: de Santa Clara, do Rocio, do Campo de Sant'Anna, do Paço da Rainha, da Praça do Commercio, do Caes do Sodré, do Carmo, do Loreto, de S. Pedro de Alcantara, da Estrella, das Necessidades, de Campo de Ourique, das Amoreiras, da Cruz do Taboado e de Belem.

— D. Domingos de Sousa Coutinho, ministro de Portugal em Londres, e grande partidario dos inglezes, officia ao governo do Rio de Janeiro e envia-lhe um papel anonymo, no qual se pede ao principe regente não consinta que certos individuos n'elle mencionados exerçam influencia nos negocios do paiz, em consequencia de se terem mostrado affectos aos francezes.

Entre os indigitados figuram José de Seabra da Silva, antigo ministro de D. José e de D. Maria I, a quem se accusa de ter or-

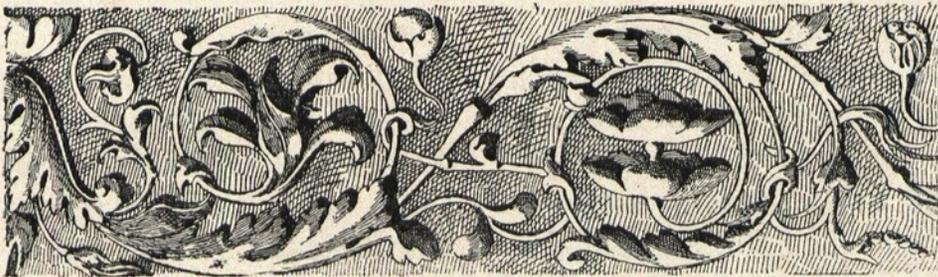
ganizado para Junot, em fórma de côrtes, a Junta dos Tres Estados, e feito o regimento dos corregeedores-móres; o Conde de Sampaio, o conselheiro de estado Pedro de Mello Breyner, o conde de Ega, o intendente geral da policia Lucas de Seabra da Silva, etc. Um dos accusados de sympathia pelos francezes é Antonio de Araujo de Azevedo, um dos ministros que tinham acompanhado para o Brazil o principe regente.

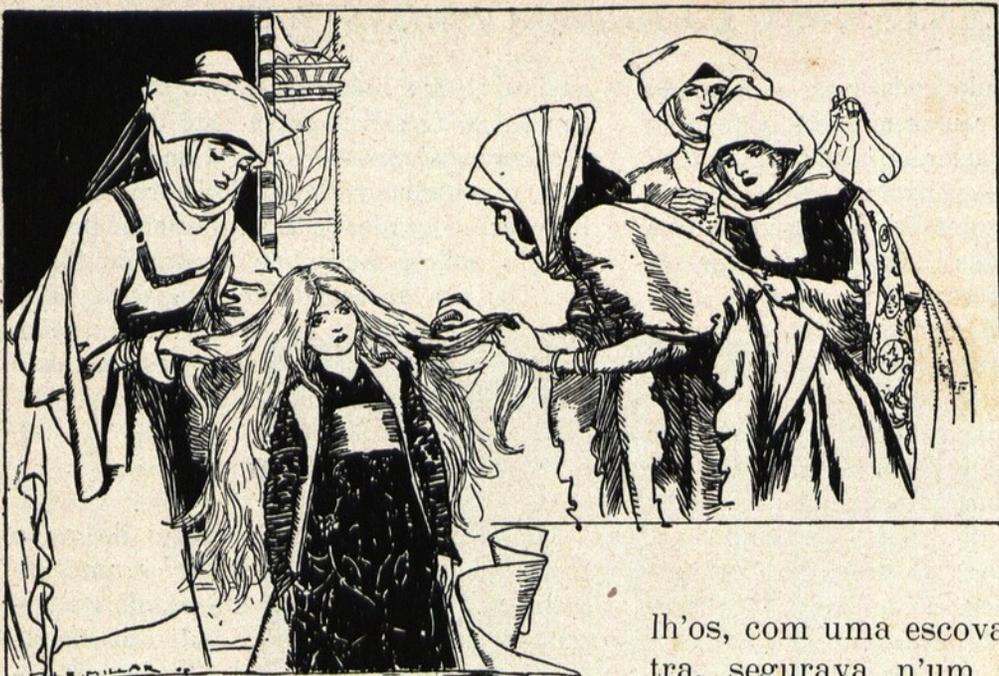
### Dia 28

Um decreto dos governadores do reino cria, com o titulo de *Voluntarios reaes do commercio da cidade de Lisboa*, dois regimentos, um de infantaria e outro de cavallaria, que farão a policia e a defesa da cidade quando fôr necessario, em consequencia de terem marchado para longe as forças do exercito destinadas a taes serviços. Nos dois corpos, formados a pedido do commercio lisbonense, só poderão ser admittidos negociantes e mercadores das cinco classes; e as praças deverão fardar-se á custa propria.

(O enthusiasmo patriotico alastrou-se por toda a capital e pelo paiz inteiro, acudindo, ás vezes, a alistar-se, por dia, 80 a 100 recrutas. Em Lisboa houve muita gente que abandonou as suas occupações, para se entregar á generosa tarefa de preparar uniformes para o exercito.)

M. A.





Historia

PARA

Creanças



O Cabello da  
Princeza

Rosabella

N'um reino que já acabou ha muito, viveram em outros tempos um rei e uma rainha, que tinham uma filha chamada Rosabella, por ser linda como uma rosa.

Infelizmente tinha um grande defeito a princeza: ninguem lhe podia áturar o genio, especialmente emquanto a penteavam.

Ora não havia em todo o reino cabello mais farto e bonito—macio como fios de seda, amarello como oiro.

A rainha tinha tanta presumpção com o cabello da filha, que todas as manhãs ia para o toucador onde as cuvilheiras penteavam Rosabella.

Eram quatro, nada menos, as encarregadas da tarefa. Uma desembaraçava os cabellos da princeza, com um pente de marfim; outra alisava-

lh'os, com uma escova de prata; outra, segurava n'um lindo espelho, engastado em oiro; e a ultima pegava n'um açafatinho onde havia fitas, para amarrar as madeixas.

A rainha assistia á cerimonia, sentada n'um throno, que para ali tinha mandado.

Trazia sempre um rico vestido de setim branco e velludo carmezim, mas não vinha de corôa porque era de manhã e a corôa pesava muito. Só a punha depois do jantar.

Rosabella nunca deixava de zangar-se quando as cuvilheiras vinham penteal-a. Estava sempre impaciente, na ancia de ir dar de comer aos canarios, que esvoaçavam em gaiolas doiradas, ou de passear pelos jardins do palacio, levando nos braços alguma linda boneca. Por isso não parava um instante. Ora estava n'um pé, ora no outro; ora encolhia o hombro direito, ora o esquerdo, de sorte que puxava, arrepellava e emmaranhava o cabello que a pobre da cuvilheira em vão pretendia desembaraçar.

N'um dia, quando estavam a penteal-a, a princeza deu de repente um salto e fez cahir no pavimento de marmore o lindo pente de marfim,

que logo espesinou com os pés pequeninos, partindo-o n'uns poucos de bocados.

As outras cuvilheiras, muito assustadas, deixaram escapar das mãos a escova de prata, o espelho de oiro e o açafate das fitas, e logo a princeza apanhou todas estas coisas, e atirou-as para o fosso do palacio.

—Já não tornam a pentear-me! gritou ella muito satisfeita.

As quatro cuvilheiras nem se atreviam a abrir a bocca, mas a rainha zangou-se muito, desceu do throno e deu ordem a um pagem, para que fosse buscar outro pente, outra escova, outro espelho e outro açafate.

Antes, porém, que o segundo pente chegasse a tocar no cabello da princeza, bateu Rosabella com os pés no chão e disse em voz muito alta:

—Oxalá o meu cabello cresça tanto que não haja pente capaz de o pentear!

Palavras não eram ditas, quando appareceu um corvo de tamanho desconforme, e pousou no chão, defronte de Rosabella. Fez tres cortezias muito rasgadas á rainha, á princeza e ás cuvilheiras e disse:

—Os desejos de Vossa Alteza vão ser satisfeitos. O vosso cabello nunca mais será penteado e ha de chegar a ter o comprimento que pedistes.

Fez novas cortezias á rainha, á princeza e ás cuvilheiras, e voou pela janella fóra, direito ao reino das Fadas.

Rosabella desatou a rir muito contente, mas a rainha disse:

—Se ha disparate igual! Tinha que ver se nunca mais te penteavas! Eu já te digo se te penteias ou não penteias.

E mandou ás cuvilheiras que con-

tinuassem o serviço. Mas então é que foi o bom e o bonito. Apenas a primeira d'ellas tentou pentear a princeza, o pente desfez-se em bocados e cahiu-lhe das mãos. A rainha julgou que a cuvilheira tinha feito o serviço com pouca attenção, e reprehendeu-a; mas a pobre rapariga estava tão admirada, sem perceber o que tinha acontecido, que nem sequer ouviu as palavras da rainha.

E vae esta disse:

—Partiu-se o pente? Pois sirvam-se da escova.

Apenas a segunda cuvilheira passou a escova no cabello de Rosabella, aconteceu o mesmo que tinha acontecido com o pente. A escova fugiu-lhe das mãos e cahiu no chão feita em pedaços. E a rainha, cada vez mais zangada, pregou na segunda cuvilheira uma furiosa descompostura, e mandou que trouxessem mais pentes e mais escovas.

Nenhum serviu de nada. Todos os pentes e todas as escovas se foram partindo, á medida que tocavam no cabello da princeza, cahindo os bocados para o chão. D'ali a pouco já não havia em palacio outro pente e outra escova além do pente e escova de oiro com brilhantes engastados, que o rei tinha offerecido á rainha no dia do casamento, e que ella conservava fechados no quarto de dormir dentro de uma caixa de crystal, d'onde só os tirava para mostral-os a alguma visita a quem desejasse obsequiar muito.

No paço já ninguem se entendia. A rainha dava descomposturas á direita e á esquerda, e chegou até a puxar as orelhas a um pagem, que se riu da afflicção em que todos andavam. O rei, chamado a toda a pres-



E O CABELLO DA PRINCEZA IA CRESCENDO, CRESCENDO...

sa, sentou-se n'uma cadeira de braços, pousou a corôa nos joelhos e começou a dizer com os seus botões, pois não havia alma christã que lhe desse ouvidos: «Valha-nos Deus! Valha-nos Deus!» O chanceller, por traz da cadeira do rei, abanava a cabeça para a direita e para a esquerda, fingindo que estava a pensar coisa de geito. E o primeiro ministro, querendo parecer homem da maior gravidade, parou á porta do gabinete de toucador, á ilharga do cozinheiro-mór do paço, que não queria parecer coisa nenhuma, e que só pensava em impedir que o garoto do tal pagem fosse papar á copa um doce, que elle tinha feito para a merenda da rainha.

Foi então que esta se lembrou do pente e da escova que o rei lhe tinha dado, e mandou ao primeiro ministro e ao chanceller que fossem buscal-os. Os dois cumpriram a ordem.

Ainda o pente não tinha tocado no cabelo da princeza, quando, em vez de se fazer em pedaços, se tornou em um passaro amarello, que voou pela janella fóra, em seguimento do corvo.

Vendo isto, a rainha sentou-se no chão, muito afflicta e desfez-se em lagrimas, dizendo por entre os soluços:

— Ai! Que desgraça!

— E se Vossa Magestade mandasse a cuvilheira alisar com a escova o cabelo de Sua Alteza? aconselhou o chanceller.

— E a escova não fugia tambem pela janella fóra? perguntou a rainha, ainda muifo afflicta.

— O cabelo da princeza Rosabel-

la, disse o primeiro ministro, parece enfeitçado!

O rei, que o ouviu, deu umas poucas de voltas á corôa, que ainda conservava sobre os joelhos, e perguntou por fim:

— Estará realmente enfeitçado?

— Está, sim, real senhor, tornou-lhe o primeiro ministro.

E como o primeiro ministro o dizia, o rei, a rainha e os cortezãos disseram tambem:

— O cabelo da princeza está enfeitçado!

Só o cozinheiro não disse nada, por estar, muito afflicto, perguntando a si mesmo se teria deitado bastante assucar no tal doce para a merenda da rainha. Tambem o chanceller não disse nada, porque nunca concordava com o primeiro ministro, nem tão pouco a princeza, que já estava muito atrapalhada da sua vida, percebendo finalmente que tinha feito grande asneira tendo aquelle desejo.

De repente uma das cuvilheiras exclamou, apontando para o cabelo de Rosabella:

— Lá está elle a crescer, exactamente como disse o corvo!

E o cabelo da princeza ia realmente crescendo, crescendo tão depressa que todos lhe viam o crescimento. Já lhe passa da cintura, já lhe toca nos joelhos, já lhe cobre os pés, já se alastra pelo chão, já chega á porta do aposento!

E o rei, a rainha, o primeiro ministro, o chanceller e as cuvilheiras não tiveram mais remedio que fugir á pressa d'ali, para não ficarem afogados nas ondas do cabelo.

(Conclue no proximo numero.)

# SOROR M.

O rosto macerado, e a fronte occulta,  
Envolta n'esse triste escapulario,  
Perpassas atravez da turba-multa  
Arrastando o teu luto voluntario.

As mãos enleias no fiel rosario  
Que sob as dobras do teu manto avulta;  
Nos labios, murmurando o breviario,  
Nunca o sorriso do prazer exulta.

Triste, ai! bem triste, esse teu meigo olhar  
Que se ergue sobre a gente de fugida,  
Como se tu pudesses recear,

Encontrando esse olhar uma guarida,  
Quiçesses o teu veu despedaçar  
E tua alma volver a esta vida.

\*

Virgem na terra, em holocausto a Deus  
Immolas o teu corpo seductor.  
Deixando fenecer nos labios teus  
A tua mocidade sem valor.

E jamais, sob a alvura d'esses veus,  
Teu seio se agitou por terno amor.  
Ergueste o coração p'r'os altos ceus,  
Não pode no teu peito haver calor.

Mas, irmã, se no ceu te captivaram,  
Teu corpo só p'r'á terra se formou.  
Se o coração do mundo te levaram,

P'ra que fim Deus então te destinou,  
Labios formosos que nunca beijaram,  
Doces encantos que ninguem gosou?

Porque dás, minha irmã, teu coração  
A essa imagem fria, indifferente,  
Se, junto do altar, na oração,  
Um sorriso de amôr se não consente?

Porque adoras assim tão loucamente  
A vida n'essa triste solidão?  
Não julgas que o teu seio adolescente  
Pudesse alimentar uma paixão?

Minha irmã, se esse Deus que tu adoras  
Te dá nas rezas divinal ventura,  
Diz-me porque é que tantas vezes choras,

Afogando no pranto da amargura  
Que sulca as folhas do teu livro de horas,  
O amôr, lindo sonho de doçura?

\*

Não temas este amôr desventurado  
Que meus labios te off'recem sorridentes,  
E deixa que em teu peito bem amado  
Uma esp'rança de amôr tu acalentes.

E diz-me que em teu seio tambem sentes  
A doçura d'este affecto immaculado,  
E dá-me nos teus beijos tão ardentes  
A illusão de um prazer nunca sonhado.

Affasta do teu meigo coração  
A frieza que te dá tanto valor  
Rep'lindo tão altiva esta paixão.

P'ra que fechas o peito a este amôr?  
Se teus labios se enlevam na oração,  
Tua alma, bem o sei, chora de dôr!

RAUL AUGUSTO ESTEVES.

— MULHERES E CRIANÇAS —  
de construção phisica debil,  
obteem excellente resultado  
com o uso da

# Somatose

em pó ou liquida (dóce ou secca)  
O appetite e as forças phisicas  
— augmentam rapidamente —  
Vende-se nas pharmacias e drogarias.



## Senhoras em evidencia

### A grande esperança do povo hollandez

A rainha Guilhermina é a unica filha, sobrevivente, do rei Guilherme II e de sua segunda esposa, princeza Emma de Waldeck-Prymont. Nasceu em 1880,



**RAINHA GUILHERMINA DA HOLLANDA, A UNICA RAINHA REINANTE DA EUROPA**

*(Por cima do retrato vê-se o palacio, residencia habitual da soberana em Haya)*

subiu ao throno em 1890 e casou-se com o principe Henrique de Mecklemburgo em 1901. O povo hollandez estima immenso a sua soberana e patenteou-lhe agora, com o nascimento da princeza Juliana, o seu entranhado affecto.

## Uma artista de eleição

Que enorme divida de gratidão tem contrahido a industria nacional para com esta senhora!

A historia das rendas, que tem os seus apogeus de esplendor e os seus transe de derrota, na pujança ou na fallencia do facto artistico dos povos, pode bem orgulhar-se de ter nos delicadissimos lavores da sr. D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, um dos mais legitimos motivos de gloria.

Pertencente a uma familia para quem a arte se



**D. MARIA AUGUSTA BORDALLO PINHEIRO**

constituiu n'um supremo ideal da vida, como não havia de ella ser artista tambem?

Mas, se influencias de hereditariedade lhe determinaram uma radical e decidida vocação artistica, é, evidentemente certo que, dia a dia, ella a tem cultivado e renovado, indo até aos mais subtis detalhes da perfeição, por um trabalho incessantissimo.

O seu atelier, esse atelier que representa uma das mais valiosas reliquias da nossa Lisboa artistica, patenteia todos os dias aos que o visitam e admiram,

novos engenhos das suas confecções. E, n'essa variedade quantos momentos da historia portugueza se não evocam! Todos os generos de rendas que perpetuam uma tradição atravez da existencia dos nossos reis da arte, alinham-se ali como a rivalisarem-se pela fertil phantasia dos seus desenhos ou pelo esmero gracioso do seu acabamento.

Não é intuito nosso fazermos uma descripção pormenorizada d'este atelier, mas simplesmente prestarmos á artista eximia que o dirige, a homenagem que lhe é devida. E, como assim é, julgamo-nos desobrigados, embora pallidamente, do cumprimento d'esse dever, n'estas fugitivas linhas.

### O culto da arte

Entre as senhoras que, entre nós, consagram, com brilhante exito, as suas horas de ocio á arte pictu-real, seja-nos licito, por um dever de flagrante justiça, dar um dos logares primaciaes á sr.<sup>a</sup> D. Nathalia Muñoz.

A sua obra artistica, além de revelar um temperamento, é uma preciosa documentação dos seus vastos conhecimentos technicos, adquiridos por um estudo bem orientado e esculpulo.

Aristocrata pelo nascimento, criada á luz d'esse sol vivificante da Andaluzia que tem o privilegio de



D. NATHALIA MUÑOZ

fecundar tantas almas de artista, parece que todas estas circumstancias se traduzem em elementos e characteristics da sua personalidade de pintora.

Se os seus quadros possuem requintes de delicadeza e perfumes de sensibilidade que enternecem, teem tambem grandes rasgos de entusiasmo, acariciados pelas saudades d'uma Natureza, pujante de vida e de harmonia.

Não é a uma pintora portugueza que vimos n'este momento prestar homenagem, mas tão affectuosos e estreitos são os laços que ligam a sr.<sup>a</sup> D. Nathalia Muñoz ao nosso paiz e ao convivio da nossa socie-

dade, que cremos ficar bem o seu retrato n'esta galeria, onde os vultos que, por ella perpassam, se irmanam no fulgurante ideal pela arte.

### Poesia

E' quasi sempre a estreia de um poeta um documento vivo de hesitação de technica mal vencida e de receios pelos sentimentos que o publico vae conhecer. D'ahi o seu primeiro livro perder-se sem flôres artificiaes de estylo, e em prolixidade de idéas



D. MARIA CANDIDA PARREIRA

que prejudicam os impulsos de alma que primitivamente lhe constituiram a essencia.

Não está, porém, n'esse caso o livro da sr.<sup>a</sup> D. Maria Candida Parreira. Os beijos de sentimento que lhe vão no intimo, não são suffocados, como de ordinario acontece, principalmente nas concepções poeticas da mulher, regradas pelos preconceitos rigorosos d'uma sociedade que nunca lhe perdôa o sexo. Outra coisa não existe no seu livro que a expansão franca d'um coração que sabe rir e chorar commovidamente, e que, por ser de mulher, tem que amar sempre...

O titulo despretençioso de *Versos*, coaduna-se admiravelmente com a simplicidade graciosa e, por vezes, d'uma indiscreção quasi infantil, que transparece no elegante volume que Lopes de Mendonça não vacilou em consagrar n'um bello prefacio.

Eis uma poesia dos *Versos* :

### Lembras-te?

*A oliveira era velha!  
Mas no seu tronco risonho  
E' que eu te contei um dia  
Como nascera o meu senho*

*Eu... era a vida futura...  
Era... a vida que passou...  
Porém, o sonho desfez-se...  
E a oliveira ficou!*

## Arte e artistas

Na exposição de pintura applicada, de que n'outro logar falamos, expõe a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Sophia de Souza Viterbo varios trabalhos e todos elles primorosos, e entre esses um banco em sculptolinia e pyrogravura, caixa para luvas (sculptolinia), um taboleiro, uma



D. SOPHIA DE SOUZA VITERBO

toalheira, diversas molduras, cabide com ferragens douradas, bibliotheca de mesa, moldura, diversas photopinturas e photominiaturas, etc.

Devemos dizer que a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Sophia de Souza Viterbo é, a par de uma artista de merecimento, uma cultora delicadissima das letras, o braço direito do erudito archeologo, historiador e poeta, dr. Souza Viterbo, seu pae. O seu nome anda associado aos primorosos trabalhos de tão illustre litterato com o mais piedoso sentimento filial.

## «Malavindos»

De ha muito que o talento de Affonso Gayo é justamente tido por um dos mais fecundos e brilhantes da moderna geração litteraria. A sua obra, comprehendida n'um já grosso volume de livros e de peças theatraes, impõe-se pela profundeza dos ideaes n'ella advogados e pelas rutilantes qualidades de estylo com que atrai á intuição philosophica e artistica do numero publico que o lê e admira.

O seu novo livro intitula-se *Malavindos* e não hesitamos em dizer que é mais um motivo de triumpho para o moço escriptor. N'esses pequenos contos, em que tão eloquentemente fala um cerebro e uma alma, existem reflexos limpidos d'um estudo de psychologia social, feito com grande amor e meticulosa observação. Dos dramas passionaes que Affonso Gayo fixa, entretece e desenvolve, em telas vibrantes de vida e de sentimento, em cada uma das paginas do seu livro attraem e ficam no espirito com a arreigada impressão das coisas verdadeiras e sentidas.

## Tumulo artistico



TUMULO DA SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA, NO ALTO DE S. JOÃO

Obra do architecto Adães Bermudes

## O terramoto do Ribatejo

A recordar em nossos dias o cataclysmo que em 1755 arrazou Lisboa, tivemos ha pouco os terramotos de *Messina* e *Regio de Calabria*, e, para melhor se ajuizar os seus horrorosos effeitos, reproduzem-se no torrão portuguez, ao declinar de um dia primaveral, minutos depois das 5 horas da tarde, apanhando a todos de sobresalto, inculindo o assombro e horror, durante uns interminaveis 5 a 7 segundos, em que a imaginação soffreu mais que os proprios edificios. *Lisboa* resistiu quasi por completo, ás trepidações subterraneas, não occasionando comtudo graves prejuizos materiaes deixando como a documentar a sua sinistra passagem, fendas mais ou menos energicas a cicatrizar as paredes dos edificios.

Todo o solo foi lentamente abalado por essas quasi misteriosas e energicas correntes sismicas, com rumores subterraneos, ao passo que conjunctamente, oscilavam os alicerces geologicos da nossa peninsula.

Foi no valle entre o Tejo e o Sado, que mais energeticamente se sentiu a intensidade do abalo, devastando de momento as povoações *Samora*, *Benavente*, *Salvaterra de Magos*, que se podem considerar totalmente perdidas, deixando a sua população, cêrca de 4:000 almas, sem lar nem abrigo e roubando á vida uma dezena de pessoas, continuando mais ou menos,



1. CAES DE EMBARQUE EM VILLA FRANCA — 2. VILLA FRANCA VISTA DE SAMORA — 3. ESTRADA DEIRIM — 4. A CAMINHO DE BENAVENTE; UMA «PANNE» — 5. DESTROÇOS DA EGREJA DE BENAVENTE  
 — 6. INTERIOR DA EGREJA DE BENAVENTE — 7. UMA RUA AMORA — 8. OUTRO ASPECTO DA EGREJA DE BENAVENTE

esta região flagelada a registar diariamente repetição de ligeiros abalos, felizmente sem consequências, mas que não deixam de trazer em sobressalto os que acampam n'aquellas paragens. Tal repetição em determinados pontos, dá-se sempre após grandes terramotos nas regiões assoladas, pelo facto de, deslocando-se enormes massas que se encontram em posição instavel, essas vão, pouco a pouco, procurando



NAS MACAS

a estabilidade. O que se está dando actualmente no Ribatejo, deu-se ha pouco em Italia e egualmente succedeu em 1755, quando Lisboa foi assolada pelo terramoto.

O desejo de melhor avaliar os effeitos horriveis da catastrophe, suscitou-nos a curiosidade, de percorrer a desamparada região do Ribatejo.

Esse percurso foi feito em automovel, salientando-se logo ao chegar a Alverca, casas com as empenas derrubadas e outras com largas fendas, ameaçando ruina.

Fomos obrigados a regular a marcha pelos que caminhavam na dianteira, devido ao grande numero de transeuntes. Notavam-se entre estes mais de 200 cyclistas em que homens e senhoras pedalavam em completa fraternidade, grande numero de carros, automoveis, cavalleiros e peões, que em romaria seguiam o mesmo destino. Alguns já fatigados espaçavam as suas *etapes*, na estrada, calcinados pelos ardentes raios do sol, e com os pulmões saturados de poeirada. Assim entramos em Villa Franca, onde em muitos predios egualmente se distacavam aberturas profundas.

Ahi, no caes, a agglomolação era enorme. Todos anceavam por atravessar o Tejo. Enquanto o nosso automovel não embarca, o que demora umas boas duas horas, entra nas agulhas da estação um comboio repleto de excursionistas, que, mais ainda veem tornar moroso o serviço de embarque nas faluas. Um verdadeiro S. Martinho para aquella pobre gente. Feita a travessia chegamos a Samora; a estrada é realmente bella e remata com a ponte sobre o Sorraia que ficou bastante damnificada e n'ella só é permittida a passagem a um carro por cada vez. O coração sente-se logo opprimido pelo spectaculo

que se patenteia. O telhado da Companhia das Lezirias jaz por terra, o edificio todo fendido, as ruas completamente intransitaveis, cheias de entulho, restos de casas, que se desmoronaram. Seguimos para Benavente, villa antiquissima que assenta em uma ampla planicie banhada pelo Sorraia, hoje um montão de ruinas e mais nada.

Das poucas casas que aparentemente parece terem resistido, destacam-se operarios na sua arriscada tarefa, quasi inconsciente, de os apear, por ameaçarem ruina, ouvindo-se de quando em quando o ruído secco das alvenarias que se despenham e veem rolar no solo. Benavente parece uma localidade de ha muito deshabitada; ninguem dirá que ainda ha poucos dias nella reinava a vida e o labor. A igreja matriz arrazada, escancarando aos raios do sol e rigor do tempo, a obra de talha do seu altar-mór e resaltando intacto um grande retabulo em uma das paredes. A nave central, toda um montão de entulho e, é voz corrente que sob aquelles escombros jazem tres cadaveres, dois hespanhoes e uma rapariga que procuravam o ganha pão na venda de rendas, e que no momento ali se encontravam. Do que resta de pé, uma réde de d'arame farpado inibe a approximação, tal é o perigo que offerece a sua estabilidade.

As casas fronteiras á egreja completamente por terra, restos d'um sino, que do campanario foi cuspidado, se destacam fragmentos espalhados no solo. O edificio da Camara, de construcção moderna, todo rasgado e ancoeso pelos effeitos da picareta para evitar desgraças futuras. O Hospital que ainda não tinha sido inaugurado, egualmente partidas as suas parcdes. A egreja junta ao cemiterio com o tecto do altar-mór abatido e as empenas abertas de alto a baixo.

Fronteira a esta, o acampamento, onde grande numero de barracas, mandadas construir pelo ministerio



CHEGADA DOS FERIDOS A LISBOA

da guerra e iniciativa particular, servem hoje de abrigo aquella desgraçada gente; ao meio destaca-se a imagem de Nossa Senhora que foi retirada incolume da egreja. A força militar que ali se encontra, trabalha activamente dia e noite, na construcção de barra-

cas para completar os abrigos que ainda escasseiam, *Benavente* uma villa de labor e riqueza agricola, é apenas hoje um foco de miseria.

Continuando a nossa marcha em direcção a *Salva-terra de Magos*, assente em aprazível planice, na margem esquerda da ribeira de Magos, mostra-se tal como *Benavente*, um montão de ruinas, com as casas todas fendidas e outras completamente por terra. De regresso por *Santarem*, fez-se o trajecto pela estrada de *Ameirim* uma das mais bellas da extremadura, limitada lateralmente por altiosas arvores caprichosamente alinhadas, onde o sol difficilmente penetra, offerecendo o seu movimento um espectáculo soberbo pelo grande numero de automoveis, bicyclettes, carros, cavalleiros, que nella se cruzavam. Em Santa-



O EXERCITO CUMPRINDO UMA MISSÃO DE CARIDADE

rem denotam-se os estragos do abalo abrindo grandes brechas em muitos edificios registando-se alguns desmoronamentos, bem como nas povoações limitrophes.

E assim regressamos a Lisboa, gastando umas longas horas, não só pela grande affluencia que se denotava, como pelo pessimo estado em que se encontra o leito da estrada.

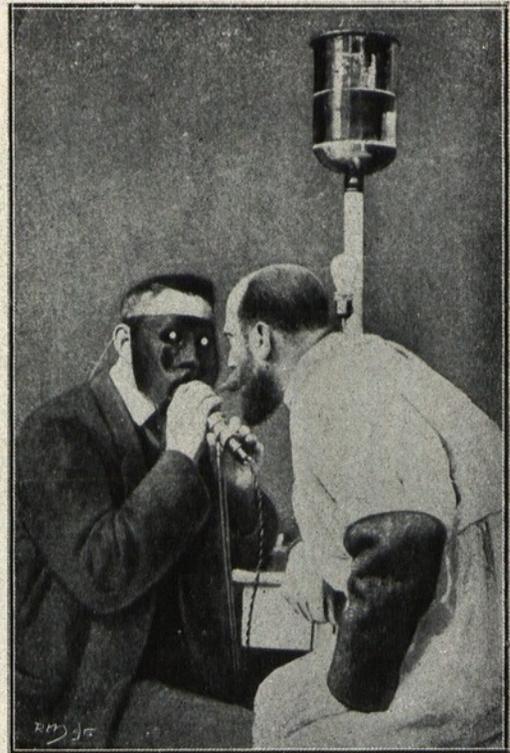
Para minorar a sorte de tantos desgraçados d'aquella horrenda catastrophe, teem affluído d'nativos tão espontaneos e generosos de toda a parte, que chega até a sensibilizar a sua enumeração, evidenciando d'uma maneira notavel a iniciativa particular e, bem assim, dignas de registar as medidas acertadas e promptas com que as estações superiores teem coope-rado para auxiliar os que tão cruelmente soffreram com o terrivel cataclysmo. — P.

## Descobertas scientificas

O ophthalmo-diaphanoscopio é um instrumento que serve para examinar a retina do olho humano, sendo seu inventor o dr. Carl Shertzell, de Berlin.

Este aparelho, a que as revistas scientificas da Allemanha e de Inglaterra se vem referindo, com admiração, consiste essencialmente, n'uma lampada com uma luz muito intensa, que o paciente colloca

na bocca o mais atraz possivel. Desta fórma, o apereador poderá ver a retina bem illuminada, collocando



O OPHTHALMO-DIAPHANOSCOPIO

o paciente uma mascara preta no rosto a fim de concentrar o effeito da illuminação.

## Caricatura de Roosevelt



(Westminster Gazette)

Londres

MR. ROOSEVELT EM AFRICA

A GIRAFA — Quem monta aquella zebra?

O ELEPHANTE — Pois não advinhas. Pelo chicote logo se vê quem é.

A «piada» do chicote refere-se ao poder pessoal do presidente da republica dos Estados Unidos, muito superior ao de qualquer monarca europeu

## Tres congressos em Lisboa

Tres acontecimentos para a vida da sociedade portugueza se assignalaram, no mez findo, nos annaes d'esta historica cidade de Lisboa.

Referimo-nos ao congresso pedagogico, ao congresso municipalista e ao congresso republicano que, durante alguns dias, occuparam a imprensa diaria, com uma desenvolvida reportagem.

Não sendo a missão d'esta revista a de pormenorizar factos, restringimo-nos, simplesmente, a registar a realização dos tres congressos, tão significativos são n'este momento critico do paiz.

E' para aquelles a quem as esperanças já desfalleceram ao lembrarem-se dos destinos da patria, que estes movimentos sociaes, ainda tão quentes nos espiritos de todos, serve de consoladora certeza de que

Portugal possui energias e sonhos de progresso que se podem traduzir n'uma poderosa affirmação de nacionalidade feliz e respeitada.

Um dos pormenores mais sympathicos



CONGRESSO PEDAGOGICO — RAPAZES DO ASYLO MARIA PIA, COM O DIRECTOR E INSTRUCTOR.



CONGRESSO PEDAGOGICO — NO ASYLO MARIA PIA

CONGRESSO MUNICIPAL — NOS BARBADINHOS

do congresso municipalista foi a reunião no Largo do Município, dos alumnos das escolas municipaes. Dava prazer vêr a pequenada muito senhora de si,

tas, uma recita na Trindade, um passeio no Tejo, outro a Cintra e á Batalha e tres jantares.

Os *Serões* rejubilaram com a visita do illustre homem de letras castelhano.



ESCOLAS EM FRENTE DA CAMARA MUNICIPAL

manifestando no seu aspecto e na sua alegria, a convicção que a festa não ficaria completa — e não ficava — sem a sua indispensavel presença.

### Um hospede illustre

Demorou-se uma semana entre nós o eminente e popular romancista hespanhol, Blasco Ibañez. Convidado para realizar doze conferencias no theatro



BLASCO IBAÑEZ

Odeon de Buenos Ayres e ainda noutras cidades da America, recebeu em Lisboa até o seu embarque a mais carinhosa hospitalidade. Offereceram ao insigne auctor da *Cathedral*, *Entre Naranjos* e *Terras Maldi-*

Senhoras anemicas, creanças pallidas e sem appetite, recuperam a saude e augmentam o peso do corpo, tomando **SOMATOSE**.

### Modas



A NOVA «TOILETTE» PRINCEZA

De fazenda encarnada, com corpete bordado. É a ultima moda de Londres, da casa Buzenet. É um traje distinctissimo que está fazendo furor na grande metropole britannica.

## Um autocrata de «grèves»



O DICTADOR DE PARIS

O «rei Tataud» secretario da União dos electricistas de Paris. E' elle que tem na sua mão a claridade e as trevas da cidade da luz. E' chefe do crescente movimento socialista n'aquella metropole.

## Um veterano de Africa

O capitão de cavallaria Antonio Rodrigues Montez Junior, é um official valente, sensato e estudioso. Fez brilhantemente as campanhas contra o Gunguhana e contra os cuamatas, as duas guerras colonias mais mortíferas e mais trabalhosas d'estes ul-



ANTÓNIO RODRIGUES MONTEZ JUNIOR

timos tempos. Da fôrma como se portou, rezam as honrosissimas medalhas que lhe esmaltam o peito e os documentos que fulguram na sua biographia militar.

Publicou ha pouco tempo um livro interessantissimo *A cavallaria em Africa*. E' um trabalho valioso, abundantemente documentado, um livro que se deve lêr, como ensinamento e como consôlo.

## «Terras malditas»

Eis um livro que basta para consagrar um escriptor! Constituido por uma serie de chronicas que Adelino Mendes escreveu, em missão especial do *Seculo*, á região do Douro, sem retoques de estylo nem preocupações de publicidade, offerece, entre nós, a novidade bastante curiosa de ser produzido por um reporter eximio que é, ao mesmo tempo, um artista primoroso e espontaneo na fôrma.



ADELINO MENDES

As *Terras malditas*, veem, ainda, impôr-se com uma atilada e vibrante documentação da vida ruinosa e miseravel que arrastam as populações do norte, outr'ora ricas e felizes pelas condições áfortunadas de trabalho que dominavam em toda aquella região e das quaes tanto se orgulhavam.

Temperamento vibratil e alma generosa, o auctor do bello volume a que nos vimos de referir pode altivamente chamar a si a honra de ter accordado, n'um movimento entusiastico e patriotico, a indiferença criminosa que a patria inteira fechava para parte dos filhos que mais estremecidos lhe deviam ser por ter contrahido, para com a sua incessante actividade, uma divida immorredoura de gratidão, uma divida enorme.

## O novo sultão



RESHAD EFFENDE, IRMÃO MAIS NOVO DO EX-SULTÃO ABDUL-HAMID PROCLAMADO SULTÃO COM O TÍTULO DE MAHOMET V

## Exposição de Bellas-Artes



EL-REI A' ENTRADA DO EDIFICIO

El-Rei D. Manuel inaugurou em abril a exposição de Bellas-Artes, que este anno se apresentou opulenta de trabalhos bons em todas as especialidades. E' dos melhores certamens d'este genero que se tem effectuado entre nós.

## «Da minha terra»

Artista e escriptor. Na arte e nas letras soube conquistar á força de estudo, de trabalho, de uma bem orientada e pujante intellectualidade, um logar de

relêvo, subir a um pedestal, d'onde não é facil apearrem-no. O seu actual livro *Da minha terra — Figuras gradas*, como o ultimo que escreveu sobre a ceramica portugueza, é uma obra de extraordinario valor pelos subsidios que fornece para se fazer a historia da vida artistica do país, pela fórma attrahen-



JOSÉ QUEIROZ

tissima que lhe imprimiu, pelo tom desaffectedado mas insinuante que se desprende do seu estylo, pela sua fina sensibilidade e pelas bellas coisas — as da arte e do coração — que descreve com singular brilho e singeleza.

## Theatros

**D. Maria.** — Após a rescisão feita pelo governo do contracto com a empresa Ferreira & C.<sup>a</sup>, os artistas do theatro normal obtiveram do governo licença para continuar a explorar d'essa casa de espectaculos por conta propria. Levaram á scena a *Pista*, *A martyr*, *A morgadinha de Valle Flor*, *Um serão nas Laranjeiras*, etc. Em meado de maio esses mesmos artistas foram fazer uma excursão pela provincia.

**Trindade.** — Continuou dando, segundo o programma do illustrado empresario Taveira, as operas de mais voga, cantadas em portuguez, taes como o *Barbeiro de Sevilha*, *Carmen*, *Serrana* e ultimamente o *D. Paschoal* bem como a scintillante opereta *Viuva Alegre*.

**Gymnasio.** — Com o seu recente repertorio, representado pelo *Trinca espinhas*, *Microbios* e *Salomé*, continuou esta casa de espectaculos a fazer a delicia dos amadores de boa comedia. Alternando com aquellas, deu-nos depois o *Cão e o Gato* e o *Pae da Patria*, peças de larga carreira e sempre do agrado do publico.

**Theatro D. Amelia.**—

O publico de Lisboa deve, evidentemente, alguns dos melhores dos seus prazeres espirituaes á actual em-



GIULIA RIZZOTTO CASSINI

preza do theatro D. Amelia.

O visconde de S. Luiz Braga, não completamente satisfeito, ainda, com os brilhantes triumphos alcançados pelo magnifico elenco



TINA DI LORENZO

Não ha que duvidar que os espectaculos que ella nos der serão contados por outros tantos brilhantes successos para o D. Amelia e para a



NERINA GROSSI CARINI

auctoridade indiscutivel de emprezario e bizarra gentileza com que o visconde de S. Luiz Braga trata o nosso publico.

Sem sahir de Lisboa tem a



ARMANDO FALCONI



LUIGI CARINI

de artistas portuguezes que, no seu elegante theatro, trabalharam na época finda, trouxe mais uma vez a Lisboa a extraordinaria e gloriosa actriz Tina di Lorenzo que, acompanhada de outros elementos da scena italiana, deu uma serie de recitas no D. Amelia que constituiram, sem duvida, verdadeiros acontecimentos artisticos do nosso meio.

Agora funciona alli uma magnifica companhia de zarzuela.



ELIDE ROSSETTI

sua população visto, ouvido é admirado as principaes celebriedades estrangeiras, que constituem já uma extensa galeria de difficil enumeração, e na qual figuram individualidades artisticas taes como Emanuel, Duse, Sarah Bernardht, Feraudy, Conte, Suzanne Després, Réjane, Jeanne Hading, o eximio violoncelista Kubelick, o cançonetista Mayol tantos e tantos artistas da mais alta cotação.



M.elle MERCEDES RANZ



M.ª MARGARITE JULIA

**Coliseu dos Recreios.**

— Já se fazia esperar, com impaciência, a opera popular em Lisboa. Tres annos de interrupção é, decerto, pouco para permittir que o commendador Antonio Santos descansa das fadigas violentas que lhe motivam tão arrojado committimento, mas é, tambem sem contes-



M.ª ISABEL TOFFÉ

tação, demais, para o espirito do publico que o aguarda todos os annos com febril anciedade.

Entre as estrellas de primeira grandeza que a opera popular nos trouxe na presente época, devemos destacar Maria Galvany que durante uma serie brilhantissima de espectaculos, fez as



TENOR MULLERAS



TENOR GERARDO GERARDI

delicias dos frequentadores do Coliseu, com o timbre suave da sua voz que, como artista na mais alta acceção do termo, sabe impregnar das mais bellas modulações de sentimento.

Todos os outros elementos teem concorrido para que o desempenho das varias operas ali interpretadas, satisfaçam, não só o vulgo, mas os mais exigentes apreciadores de arte.

Reproduzimos os retratos de alguns artistas mais applaudidos e interpretes brilhantes da *Tosca*, *Othello*, *Gioconda*, *Trovador*, etc., taes como M.<sup>lle</sup> Mercedes Ranz, Madame Margarite Julia, Madame Izabel Toffé, e tenores Mulleras e Gerardo Gerardi.

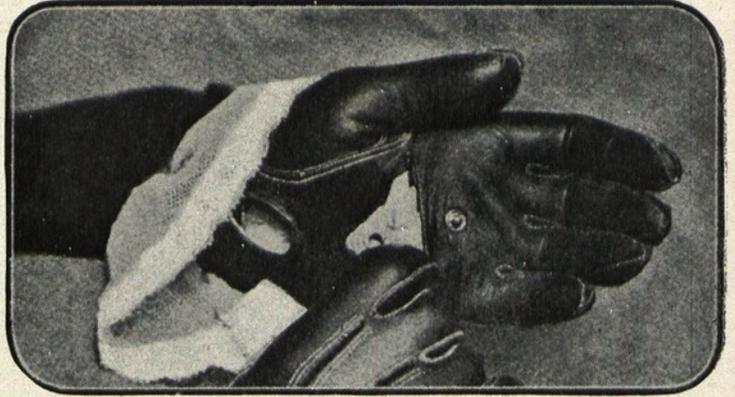
Tem sido sem duvida nenhuma uma das mais brilhantes épocas da *opera popular* no Coliseu dos Recreios.

## Exposição de pintura

A illustre professora, Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Luiza de Sousa, promoveu uma exposição de pintura applicada nas salas do Grande Club de Lisboa. Concorreram a essa exposição uma porção grande das suas discipulas, que apresentaram magnificos trabalhos. A exposição foi muito concorrida e elogiada.

Figuraram n'ella entre outras senhoras: D. Adelia Alegria, D. Isaura Andrade, D. Lucinda Andrade, D. Julia Araujo, D. Elisa Benevides, D. Paula Ber-

## Prevenção contra gatunos



A ULTIMA NOVIDADE EM BOLSAS

*A bolsa está na palma da luva, para maior segurança das tentativas dos larapios.*

ger, D. Alda Cabral, D. Cecilia de Moura Cabral, D. Dolores Candeira, D. Adelaide Freire Caria, D. Celeste Nunes de Carvalho, D. Elvira Leger Rosado de Carvalho, D. Hilda Carvalho, D. Laura Bigotte de Carvalho, D. Christina Brito Chaves, D. Maria do Carmo Coimbra, D. Anna Vieira da Cruz, D. Maria Augusta da Cruz, D. Marcellina da Cunha, D. Maria Luiza Rato da Cunha, D. Irene Rato da Cunha, D. Lucinda d'Oliveira Esteves, D. Beatriz de Souza e Faro, D. Adelaide Moraes Ferreira e D. Deolinda Ferreira.

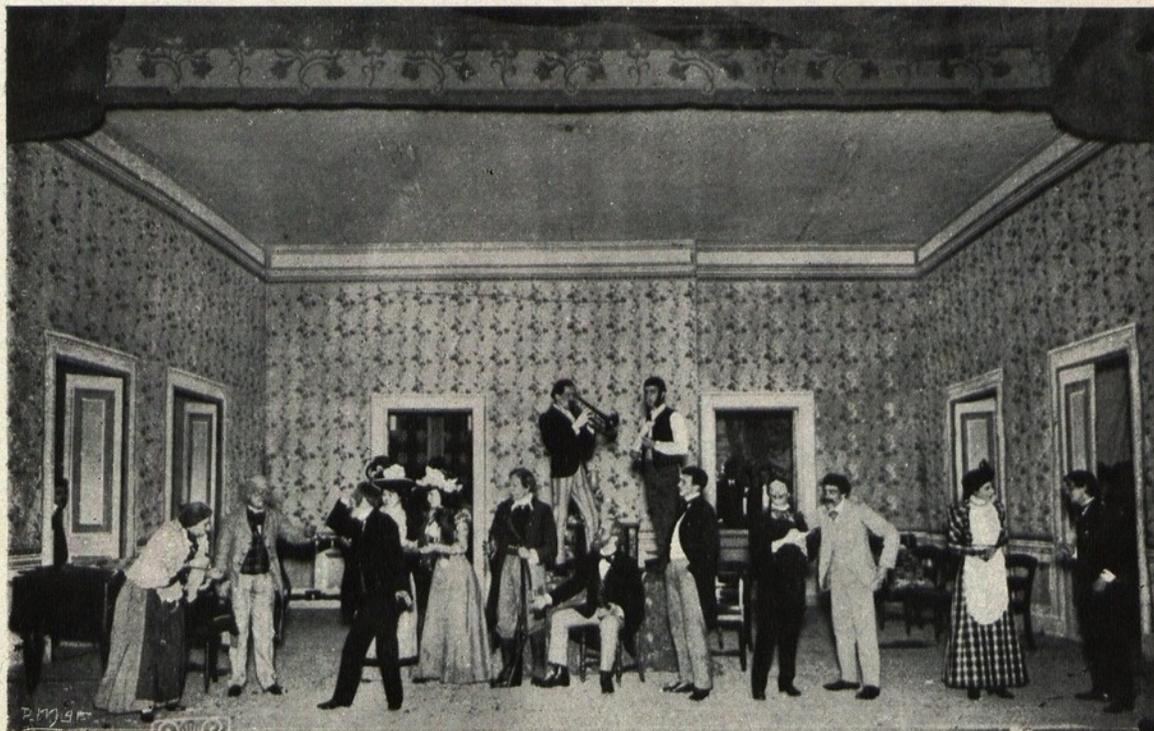


EXPOSIÇÃO DE PINTURA — UMA DAS SALAS DO GRANDE CLUB DE LISBOA

**Arte e benemerencia**



FESTA DE CARIDADE EM D. MARIA, PROMOVIDA PELA ALTA RODA,  
SOB A DIRECÇÃO DO SR. CONDE DA FIGUEIRA  
*(Grupo de còros)*



RECITA DE AMADORES NO THEATRO DE D. MARIA, PROMOVIDA POR SENHORAS DA SOCIEDADE,  
SOB A DIRECÇÃO DO SR. CONDE DA FIGUEIRA  
*(Uma scena do «Festim de Balthazar»)*

## Uma festa taumachica em Algés



Um grupo de rapazes aficionados do divertimento mais popular de toda a península, lembrou-se de realizar na praça d'Algés, particularmente, uma corrida em que houvesse touros de morte.

Na quinta feira, 15 de abril, perante umas duzias de convidados, sahiu pois á arena o distincto amator D. Ruy da Camara (Ribeira), armado de rojão, e esperando o touro, em algumas sortes que tentou, não conseguiu a desejada, apesar de toda a sua boa vontade.

Lembrou-se alguém de pedir ao bandarilheiro *Malagueño* para estoquear o animal, mas ou porque o

improvisado matador estivesse *commovido* ou por outro qualquer motivo, o caso é que o bicho voltou para o curral, mas não sem que sentisse por umas poucas de vezes a ponta do estoque morder-lhe o corpo sem dar o resultado apetecido...

A gravura representa o sr. D. Ruy *rejoneando*, e *Malagueño*, quando, já sem a muleta, ainda tentava desfazer-se do bicho.

FARINHA  
LACTEA **NESTLÉ**

Alimento completo para crianças e  
pessoas edosas.

# MUSICA DOS SERÕES



## RIDENTE

MAZURKA

FOR

Carlos Stuart Torrie



# RIDENTE

## MAZURKA

Carlos Stuart Torrie

*Alleg<sup>ro</sup> mod<sup>o</sup>*

Introdução

Musical notation for the introduction section, featuring piano (*p*) and tenuto (*ten.*) markings. The piece is in 3/4 time with a key signature of one sharp (F#).

Musical notation for the first system of the Mazurka section, featuring piano (*p*) markings. The notation includes triplets and slurs.

Mazurka

Musical notation for the second system of the Mazurka section, featuring piano (*p*) markings. The notation includes triplets and slurs.

Musical notation for the third system of the Mazurka section, featuring fortissimo (*ff*) and piano (*p*) markings. The notation includes slurs and accents.

Musical notation for the fourth system of the Mazurka section, featuring fortissimo (*ff*) markings. The notation includes slurs and accents.

The first system of musical notation consists of two staves, treble and bass clef. It features a complex melodic line in the treble with many slurs and accents, and a more rhythmic accompaniment in the bass. The key signature has two sharps (F# and C#).

The second system continues the musical piece. It includes dynamic markings such as *sf* (sforzando) and *pp* (pianissimo) in the bass staff. The notation is dense with slurs and accents.

**TRIO**

The third system begins the **TRIO** section. It is marked with *pf* (pianoforte) in the bass staff. The melody in the treble staff is more prominent and features several slurs.

The fourth system continues the Trio section. It features dynamic markings *sf* and *p* in the bass staff. The accompaniment in the bass is more active, with many slurs.

**CODA**

The fifth system begins the **CODA** section. It is marked with *p* (piano) in the bass staff. The text "D.C. = Mazurka" is written in the bass staff. The notation includes slurs and accents.

The sixth system concludes the piece. It features dynamic markings *ten.* (ritardando) in both the treble and bass staves. The notation is dense with slurs and accents.

# Livros novos

**Romper d'Alva—1906-1908**, por *Alberto Monsaraz*. — E' sem duvida um poeta, e poeta de raro e superior merecimento, de soberba inspiração, de magnifica riqueza de fôrma, e de uma tão formosa como evidente espontaneidade, o que se revela n'este bello livro de versos, um dos mais bellos, senão o mais bello, que nos tem sido dado ler nos ultimos tempos. O sr. Alberto Monsaraz é filho do brilhante rimador que é o sr. conde de Monsaraz: filho de poeta, nasceu naturalmente a cantar, como os filhos dos rouxinoes, que desde o ninho ensaiam o harmonioso trinado. E' tão natural, mesmo, o talento do novo poeta, que hoje n'este seu primeiro livro o vemos já definitivamente senhor da sua arte, e consagrado para triumphos que bem poucos se orgulharão de alcançar. Dizêmo-lo sem receio de que a nossa prophécia deixe de cumprir-se, tal é a confiança que o *Romper d'Alva* inspira.

**Marchas e combates de noite**, por *Jayme Ramalho*.

— E' uma questão militar importante a que versa o livro do sr. capitão Ramalho, e que o auctor expõe e discute com indiscutivel proficiencia. Na guerra as marchas nocturnas são muito usuas, e bastantes vezes, igualmente, se tem ferido combates de noite. Ainda recentemente a campanha entre a Russia e Japão serviu para demonstrar a conveniencia dos exercitos modernos estarem preparados para taes eventualidades. N'este volume, que acaba de publicar, o distincto escriptor militar estuda a necessidade e as vantagens das marchas

durante a noite, descreve a fôrma de executá-las, trata de combates nocturnos e do emprego que podem ter n'elles as diferentes armas. E' pois, como se vê, um trabalho completo sobre o assumpto, e que por isso não deixará de merecer os applausos dos especialistas.

**Historiadores Portuguezes**, pelo *Conde de Sabugosa*. — Esta pequena plaquette contém a reproducção da conferencia real-

lisada pelo illustre academico na Liga Naval em 25 de abril ultimo, que constituiu um rapido mas brilhante escoreço da evolução da historiographia nacional. Deante dos nossos olhos passam, n'uma evocação admiravel e gloriosa, as figuras dos historiadores portuguezes, e quem conhece as raras qualidades de erudição litteraria do sr. conde de Sabugosa, que se alliava com um requintado sentimento artistico e discreta elegancia de fôrma, pode fazer idéa do encanto e do interesse com que se lêem estas suas ultimas paginas, lastimando a pouquidade do seu numero. Desde os mais remotos chronistas até Oliveira Martins, cada um



CAPITÃO JAYME RAMALHO  
(Auctor do livro *Manobras e combates de noite*)

dos que se occupou na nobre tarefa da historia patria, ficou expressivamente caracterizado em uma phrase synthetica, e por vezes lapidar do credor, e de vez em quando uma anecdota graciosa, colhida nos livros de um e de outro, veio aligeirar a exposição. Os que não tiveram, pois, o prazer de ouvir a primorosa conferencia, decerto experimentarão agora um delicado prazer ao lê-la n'estas magnificas paginas.

AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

# FERRO BRAVAIS



São o mais eficaz  
remedio contra

**DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO  
ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.**

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo  
*Não dá prisão de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo :*

**SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA**

*Desconfiar das Imitações. — Só se vende em Gottas e em Pilulas*

Em todas as Pharmacias ou Drogeries. Deposito : 130, r. Lafayette, PARIS

## BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

**RHEUMATISMO**

**GOTA**

**NEURALGIAS**

Dr BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



## LOÇÃO DEQUEANT

**CABELLO**

**BARBA**

**PESTANAS**

**SOBRANCELHAS**

Unico producto scientifico apresentado na **Academia de Medicina de Paris** contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo.

L. DEQUEANT, *Pharmaceutico*, 38, Rue Clignancourt, Paris.

Em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas.

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

Em LISBOA, Rua dos Sapateiros, 15, 1.º, direito,  
a quem devem dirigir-se para todas as informações gratuitas.

**CH. DENIS.** — Agent exclusif pour les annonces étrangères, 128, Faubourg Poissonnière — PARIS.

# Grandes vantagens

Aos assignantes dos

# SERÕES

**BRINDE:** Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.<sup>a</sup> classe, partida de Lisboa), em epocha á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente.

## BONUS

Desejosa a administração dos "SERÕES" por reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e escrupulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar aos nossos assignantes o poderem completar esta publicação desde o seu fnicio, offerece — a todos que assignarem a revista "SERÕES" por periodo não inferior a um semestre —, o poderem adquirir qualquer volume publicado ou todos os dez, com um desconto de 50 0/0, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) 600 réis ou, ainda, 1\$000 réis, lindamente encadernado.

O preço da assignatura dos "SERÕES" é

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha.....	{ Anno.....	2\$200 réis
	{ Semestre ...	1\$200 »
	{ Trimestre...	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca).....	- Anno.....	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro.....	- Anno.....	15 fr.

Pedidos á

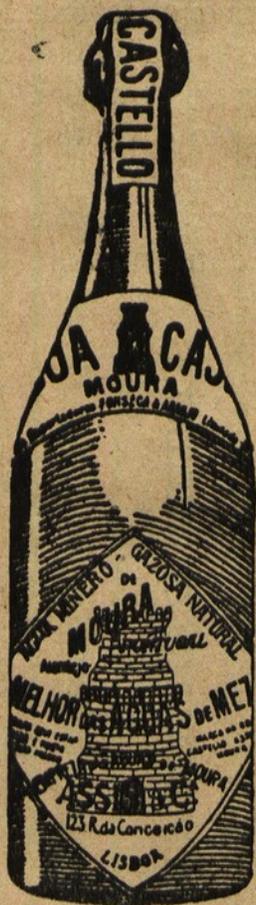
Administração dos "SERÕES"

30, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30 — LISBOA

Telephone n.º 805

# Mais vantagens aos nossos assignantes e compradores dos SERÕES

A todos os nossos assignantes e compradores dos SERÕES offerecemos o **Bonus de 10 %**, sobre o preço da venda, de um exemplar do **ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL**, edição 1909, para o que, bastará a apresentação d'este bilhete na administração do Anuario Commercial, Praça dos Restauradores, 30, (Palacio Foz).



## AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

— DE —

— **MOURA** —

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.:

LISBOA

## Gravuras dos SERÕES

Alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES, Praça dos Restauradores, 30.

# As nossas capas de luxo

Com o n.º 42, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o 7.º volume da 2.ª serie.

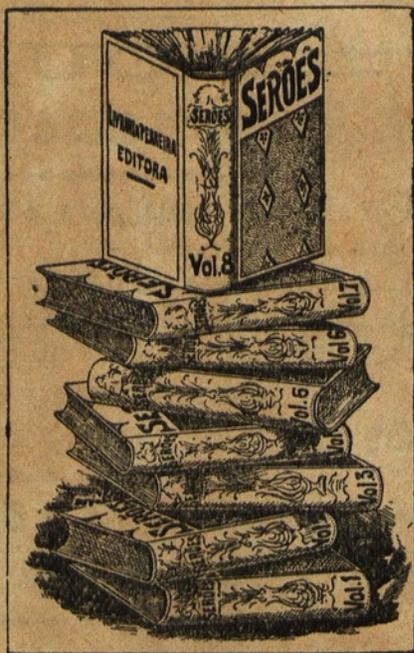
Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilizar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis**, que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões**, assim acabados, mais evidenciam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Série

QUATRO VOLUMES

A 1\$200 réis cada



A 1\$200 réis cada

SETE VOLUMES

2.ª Série

**NOTA.** — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

**Administração dos SERÕES**

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

# SERÕES

## **Expediente :**

Pedimos aos nossos assignantes da provincia, a fineza de mandarem satisfazer as suas assignaturas, ás diversas estações-postaes, onde se acham recibos á cobrança, evitando-nos assim mais despezas e trabalho.

## **Atenção :**

Aos nossos leitores, lembramos que ainda é occasião de se poderem habilitar ao **Brinde** que, no fim do anno e por intermedio da grande loteria do Natal, offertamos aos nossos assignantes, e bem assim gosarem das regalias do **Bonus** que lhes faculta a vantagem de completar este bello magazine com **50 %** de abatimento, nos volumes já publicados.

Para tal, bastará assignar até ao fim do anno, podendo assim fazer uma viagem em 1.<sup>a</sup> classe de **Lisboa a Paris, GRATIS**, ou receberem o seu equivalente em réis, se assim o desejarem.

Dirigirem-se á

**Redacção e Administração**

**Praça dos Restauradores, 30** (Palacio Foz)

**LISBOA**

# Belleza do Rosto

## Leite Antephelico ou Leite Candès

O Leite Antephelico cuja invenção data do anno 1849 deve effectivamente, as suas propriedades cosmeticas à combinação bem acertada de elementos tirados da materia medica, que reciprocamente se temperam por suas porções rigorosamente determinadas, e cuja acção não vai alem das camadas superficiaes da pelle.

O Leite Antephelico emprega-se em loções, em dose benigna, ou estimulante, segundo as alterações que se querem prevenir ou corrigir.

### MODO DE EMPREGO SEGUNDO OS CASOS

Durante o tratamento empregar o LEITE CANDÈS só sem nenhum outro cosmetico.

I. DOSE BENIGNA e AGUA DE TOUCADOR. — Vas-  
deitar n'um pires a  
quantidade d'uma  
colher à café, e ajun-  
tar as seguintes quan-  
tidades de agua :  
1º um a dois tantos,  
contra o Rosto sara-  
bulhento e as Pica-  
das de insectos; —  
2º dois a tres tantos  
contra as Rugas, o  
Tisne do sol, Bor-  
bulhas, Espinhas,  
Brotoeja, Fogagem,  
Efflorescencias ta-  
rinhentas ou furfu-  
racéas e outras alte-  
rações accidentaes da cutis, — 3º tres a quatro  
tantos, como agua de toucador, para conservar a  
pureza, transparencia e macieza da peile. —  
Embeber n'estas misturas um panninho fino, e  
humectar duas vezes por dias os pontos affec-  
tados. Como agua de toucador, basta uma loção,  
com preferencia pela manhã, meia hora antes  
de lavar o rosto.

II. DOSE ESTIMULANTE, CONTRA AS SARDAS e as  
MANCHAS DE GRAVIDEZ. — Nos dois primeiros dias,

ajuntar à pequena porção de LEITE que se deita  
no pires, igual quantidade de agua, e continuar  
esta dose tres vezes  
por dia, se os effectos  
abaixo descriptos  
princiapiarem a pro-  
duzir-se; se não,  
logo no terceiro dia,  
emprega-se o LEITE  
puro e humectão se  
as manchas, sem es-  
fregar, uma duas ou  
trez vezes quando  
muito no correr do  
dia (segundo a deli-  
cadeza da cutis), até  
que a epiderme que  
as cobre, passando  
por duas phases pre-  
vistas e sempre isentas de gravidade, — 1º ardor  
mais ou menos vivo, — 2º leve intumescencia  
acompanhada de sensação tensiva, — tenha  
tomado uma cor cinzenta, e se desseque. Oblido  
este resultado, as loções só se comparão de uma  
parte de LEITE e tres tantos d'agua. A epiderme  
exfolia-se, e a cutis, temporariamente vermelha,  
apresenta-se (depois de dez a quinze dias de  
tratamento) branca e fresca, livre das manchas  
que embaciavão.



*Alcobaça*